Oito Sabás para Bruxas

Janet e Stewart Farrar

OITO SABÁS PARA BRUXAS

e ritos para o Nascimento, Casamento e Morte

com ilustrações de Stewart Farrar e fotografias de Ian David e Stewart Farrar

tradução de Edson Bini

1999

Título original: *Eight Sabbats for Witches*

Conselho Editorial:
Márcio Pugliesi e *Marcos Torrigo*

Capa: *Janet & Stewart Farrar / retratados por Daniel Shing – Ópera Gráfica*
Tel.: 825-4469

Editoração: *Eduardo Seiji Seki*

Publicado no Brasil por:

Anúbis Editores Ltda.
Alameda Lorena, 871 – Fone: 852-8288
CEP – 01424-00 – Jardim Paulista
São Paulo – SP

Ao nosso querido amigo
KATH D'EATH, nascido CARTER
(1905-1976)

"E vós encontrareis, e conhecereis,
e lembrareis,
e os amareis novamente."

"Eu desejaria que existisse alguma forma de reconciliar a educação formal com o conhecimento natural. Nossa incapacidade de realizar isto constitui uma perda terrível de um dos nossos recursos mais valiosos. Há um fundo de conhecimento, uma espécie diversa de informação, comum a todos os povos em todo lugar. Está incorporado no folclore e na superstição, na mitologia e nos contos da carochinha. Sua preservação foi permitida simplesmente porque raramente são levados a sério e jamais foram encarados como uma ameaça à ciência ou religião organizadas. São uma ameaça porque, inerente à maneira natural de saber, existe um senso de exatidão que, neste tempo de transição e indecisão, poderia nos servir muito bem."

Lyall Watson, *Gifts of Unknown Things*

"Se estivermos dispostos a sair da confusão à qual a ignorância civilizada nos conduziu, precisamos nos preparar, ao menos de algumas maneiras, para o retorno do paganismo."

Tom Graves, *Needles of Stone*

Sumário

Agradecimentos:

Gostaríamos de agradecer a Doreen Valiente por seu inestimável apoio no fornecimento de informações, pela permissão de reproduzirmos diversos trechos de rituais, que ela própria escreveu para o *Book of Shadows* de Gardner, e por sua leitura de nosso manuscrito antes da publicação.

Somos gratos aos Srs. Faber & Faber pela permissão de fazermos citações de modo extensivo de *The White Goddess*, de Robert Graves.

Também somos gratos à *Society of the Inner Light* pela permissão de usarmos passagens de *The Sea Priestess*, de Dion Fortune, como parte de nosso ritual de *handfasting* (casamento).

Prefácio

A importância da Bruxaria nas vésperas da virada do milênio é inquestionável. A retomada do poder feminino, a volta da Grande Deusa, O culto e respeito à Natureza.

No passado, a mulher tinha o seu papel como curandeira, pitonisa e sacerdotisa, mas com o advento das culturas patriarcais e do Cristinanismo, ela foi perseguida, queimada e relegada a segundo plano.

Para inferirmos a importância da mulher, basta observar o período paleolítico e as inúmeras estatuetas representando mulheres de seios e quadris fartos associadas ao poder criativo da Mãe Natureza. Padroeira das caçadas, a Mãe que dá proteção (Anima = Senhora da Caça).

É interessante notar que *alma* em latim é *anima* e daí vem a palavra animal e quando estamos sem contato com ela, estamos desanimados, ou seja, com baixa capacidade de agir no mundo. A alma é simbolicamente associada à mulher, o que nos faz lembrar de Circe – Senhora das Feras ou Lilith, que assim como é representada em um baixo relêvo sumeriano, está ladeada por duas corujas de pé sobre 2 animais, possivelmente leões.

Há um poder fascinante na imagem, com forte apelo sexual. Suas mãos, talvez transmitam uma bênção, ela segura em cada mão um objeto que lembra o glifo astrológico de Libra ou a Cruz Ansata. levando-se em conta que o ante-braço de Lilith faz parte do símbolo.

O baixo relêvo transmite um poder eletrizante que talvez nos ajude a compreender o poder da mulher, bruxa e sacerdotisa.

Na Idade Média, a mulher foi associada ao pecado e à luxúria, possivelmente fruto do temor ao poder feminino. A figura da sacerdotisa e da curandeira foram lentamente destruídas e por fim culminando no horror da Inquisição.

A tradição da Bruxaria perpetuou-se em locais remotos, chegando aos dias de hoje, logicamente com os problemas advindos da clandestinidade.

Um dos grandes responsáveis pelo ressurgimento da Bruxaria foi o Dr. Gerald Brousau Gardner, que devotou grande parte de sua vida ao estudo e divulgação da Wicca (palavra advinda de witch = bruxa ou witchcraft = bruxaria).

O Dr. Gerald Gardner foi membro da Ordo Templi Orientis, ordem mágica fundada em 1903 e reestruturada por Aleister Crowley, cujo trabalho muito influenciou Gardner (Ver Aleister Crowley – Os Livros Sagrados de Thelema – Editora Anúbis/Madras).

Crowley, o profeta da nova era e ressurgidor do Paganismo, trouxe a volta ao Culto Draconiano, ou seja, um culto antiquíssimo que nos remete aos primeiros agricultores e às lendas da donzela e da serpente (Ver Joseph Campbell – A Máscara de Deus – Editora Palas-Athena).

Oito Sabats para Bruxas (Eight Sabats for Witches) é um livro atual e indispensável, um roteiro a ser seguido, um livro para ser amplamente consultado.

Foi escrito na Grã-Bretanha e consequentemente segue o Hemisfério Norte, mas nem por isso se torna menos útil.

Levando em conta a minha experiência com Magia, podemos trabalhar de algumas formas, os sabats. Seguindo a Natureza, ou seja, de acordo com as estações do Hemisfério Sul onde estamos; de acordo com as estações do Hemisfério Norte, ou seja, de acordo com a egrégora ou ainda uma junção das duas formas.

Mas, o fato é que se trata de um livro inspirado e que fará muito por todos nós.

Marcos Torrigo*

* Mestre de acampamento da Ordo Templi Orientis
Diretor da livraria Zipak e da Editora Anúbis

Introdução

A bruxaria moderna, na Europa e na América, é um fato. Não se trata mais de uma relíquia subterrânea cuja escala e mesmo existência são acaloradamente polemizadas por antropólogos. Não é mais o *hobby* bizarro de um punhado de excêntricos. É, sim, a prática religiosa ativa de um número substancial de pessoas. O quão elevado é este número não é possível ter certeza porque *Wicca*, além do *coven* individual, não é uma religião hierarquicamente organizada. Onde realmente existem organizações formais, como nos Estados Unidos, assim é por motivos legais e tributários e não por questão de uniformidade dogmática ou número de membros. De qualquer maneira, este número, por exemplo, é suficiente para manter uma variedade de dinâmicos periódicos e justificar a publicação de literatura sempre crescente nos dois lados do Atlântico. Assim, segundo uma estimativa plausível o número de adeptos ativos de *Wicca* seria de dezenas de milhares, no mínimo. E toda a evidência sugere que este número cresce constantemente.

Wicca é tanto uma religião quanto um *ofício (Craft)* – aspectos que Margaret Murray distinguiu como "bruxaria ritual" e "bruxaria operativa". Enquanto religião, como qualquer outra, seu propósito é colocar o indivíduo e o grupo em harmonia com o princípio criativo divino do *cosmos* e as manifestações deste em todos os níveis. Como ofício, seu propósito é realizar objetivos práticos mediante recursos psíquicos com finalidades boas, úteis e de cura. Em ambos os aspectos, as características que distinguem *Wicca* são sua postura com base na natureza, sua autonomia de pequeno grupo, sem separação profunda entre sacerdócio e 'congregação', e sua filosofia de polaridade criativa em todos os níveis, da Deusa e do Deus à sacerdotisa e ao sacerdote.

Este livro diz respeito ao primeiro aspecto, a saber, *Wicca* como religião, expressa ritualmente.

As bruxas, no conjunto, gostam de ritual e são naturalmente pessoas alegres. Como adoradores de outras religiões, acham que o ritual apropriado as enaltece e enriquece espiritualmente. Mas seus rituais tendem a ser mais variados do que os de outros credos, indo dos formais aos espontâneos e diferindo, inclusive, de *coven* para *coven*, de acordo com suas preferências individuais e as escolas de pensamento (*gardneriana*, *alexandrina*, 'tradicional', celta, diânica, saxônica e assim por diante) nas quais se basearam.

Entretanto, à medida que o renascimento de *Wicca* amadurece (e em muitos *covens* passa para sua segunda geração), a acrimônia entre escolas, que frustrou seus primeiros anos, tem diminuído consideravelmente. Os dogmáticos ainda trocam farpas nos periódicos, mas cada vez mais seu dogmatismo é condenado por outros correspondentes como insipidamente disruptivo; e grande parte dos *covens* ordinários simplesmente se aborrecem com ele. Os anos os ensinaram que suas próprias sendas funcionam e, se (como nosso próprio *coven*) eles têm amigos de outras sendas, acabaram também por compreender que *estas* sendas também funcionam.

Desta maior tolerância mútua desenvolveu-se uma crescente percepção da base comum de *Wicca*, seu espírito essencial que pouco tem a ver com os detalhes da forma. Ademais, com a permuta de idéias, tanto através da palavra impressa quanto através do contato pessoal mais aberto, passou a existir um corpo cada vez maior de tradição partilhada da qual todos podem absorver.

É como contribuição a esse crescimento que oferecemos este nosso livro. Para ser válida e útil, tal contribuição tem de ser um ramo que surja de maneira saudável do tronco-matriz de nossa história racial, tanto quanto as formas específicas da prática de *Wicca* como agora esta se apresenta (em nosso caso, as formas *gardnerianas /alexandrinas*). E foi para a consecução disto que trabalhamos.

Felizmente, existe uma estrutura comum a todas as sendas de *Wicca* e, de fato, a muitas outras sendas: os *Oito Festivais*.

O calendário das bruxas modernas (independentemente de sua 'escola') está enraizado, como o de suas predecessoras ao longo de séculos sem conta, nos *sabás*, festivais por estação que marcam pontos-chaves no ano natural, pois *Wicca*, como enfatizamos, é uma religião e ofício orientados pela natureza; e visto que para as bruxas a natureza é uma realidade de muitos níveis, seu 'ano natural' inclui muitos aspectos – agrícola, pastoral, da vida selvagem, botânico, solar, lunar, planetário, psíquico – cujas marés e ciclos se afetam ou

se refletem entre si. Os sabás constituem a maneira de celebrar das feiticeiras e destas se colocarem em sintonia com tais marés e ciclos, pois homens e mulheres são também uma parte da natureza de muitos níveis. E as bruxas se empenham, consciente e constantemente, em expressar esta unidade.

Os sabás das feiticeiras são oito, a saber:

IMBOLG, 2 de fevereiro (também chamado de Candelária, *Oimelc* e *Imbolc*).
EQUINÓCIO DA PRIMAVERA, 21 de março (*Alban Eilir*).
BEALTAINE, 30 de abril (*Beltane*, Véspera de Maio, Noite de *Walpurgis*, *Cyntefyn*, *Roodmass*).
MEIO DO VERÃO, 22 de junho (Solstício de Verão, *Alban Hefin*; por vezes também chamado de *Beltane*).
LUGHNASADH, 31 de julho (Véspera de Agosto, *Lammas Eve*, Véspera do Dia da Anunciação).
EQUINÓCIO DO OUTONO, 21 de setembro (*Alban Elfed*).
SAMHAIN, 31 de outubro (*Hallowe'en*, Véspera do Dia de Todos os Santos, *Calan Gaeaf*).
NATAL, 22 de dezembro (Solstício de Inverno, *Alban Arthan*).

Destes, Imbolg, Bealtaine, Lughnasadh e Samhain são os 'Sabás maiores'; os Equinócios e Solstícios são os 'Sabás menores' (as datas efetivas dos Equinócios e Solstícios podem variar em um dia ou dois no uso tradicional e inclusive de ano para ano do ponto de vista astronômico, enquanto que os Sabás maiores tendem a envolver tanto a 'véspera' quanto o 'dia' seguinte). Os sabás menores, solares-astronômicos, são tanto mais antigos quanto mais novos que os sabás maiores de fertilidade natural – *mais antigos* no sentido de que constituíam a preocupação altamente sofisticada dos misteriosos povos megalíticos que antecederam os celtas, romanos e saxões às margens do Atlântico, na Europa, em milhares de anos; *mais novos* no sentido de que os celtas – talvez a maior influência singular dando à *Velha Religião* a efetiva forma ritual em que sobreviveu no Ocidente – não tinham orientação solar e celebravam apenas os sabás maiores, até que o que Margaret Murray denominou "invasores solsticiais" (os saxões e outros povos que varreram a Europa rumo oeste com o declínio do Império Romano) encontraram e interagiram com a tradição celta. E mesmo eles só trouxeram os solstícios; "Os equinócios...", diz Murray, "...nunca foram observados na Bretanha." Quanto a algumas reflexões sobre como ingressaram subseqüentemente no folclore britânico, ver a página 68, e lembrar que, desde Murray, aprendeu-se mais acerca da astronomia megalítica, o que pode bem ter deixado inumadas memórias populares a serem revividas posteriormente.

Tudo isto se reflete no fato de serem os sabás maiores que detêm nomes gaélicos. Das várias formas usadas pelas bruxas, escolhemos as gaélico-irlandesas por razões pessoais e históricas; *pessoais* porque vivemos na Irlanda, onde essas formas têm significados vivos; *históricas* porque a Irlanda foi o único país celta que jamais foi absorvido pelo Império Romano, de modo que é na mitologia da Irlanda e na sua língua antiga que se pode com freqüência e maior clareza discernir os contornos da *Velha Religião*[1] Mesmo a Igreja Celta permaneceu obstinadamente independente do Vaticano por muitos séculos[2]. Além disso, a Irlanda é ainda predominantemente agrícola e uma comunidade de dimensões humanas, onde lembranças ligadas ao folclore, que em outras partes morreram na selva de concreto, ainda florescem. Arranhe a camada superficial do solo da cristandade irlandesa e você dará imediatamente com a sólida rocha do paganismo. Mas o uso de formas gaélico-irlandesas é somente *nossa* escolha e não desejaríamos impô-lo a ninguém mais.

Por que escrevemos este livro com suas sugestões detalhadas para rituais de sabás se não desejamos 'impor' padrões a outras bruxas – o que nós certamente não desejamos de modo algum?

Nós o escrevemos porque oito anos dirigindo nosso próprio *coven* nos convenceram de que uma tal tentativa é necessária. E achamos que é necessária porque *Book of Shadows*, a antologia de Gerald Gardner de rituais herdados que – com a ajuda de Doreen Valiente – ele juntou com elementos

[1] A Irlanda virtualmente escapou dos horrores da perseguição à bruxaria. Do século XIV ao XVIII foi registrado apenas um punhado de julgamentos por bruxaria. "Na Inglaterra e na Escócia, durante o período medieval e períodos posteriores de sua existência, a bruxaria constituía uma ofensa contra as leis de Deus e do homem; na Irlanda celta, os intercâmbios com o invisível não eram considerados com tal abominação e, com efeito, contavam com a sanção do costume e da antigüidade." [St. John D. Seymor, *Irish Witchcraft and Demonology*, p. 4 – Seymor foi um teólogo cristão que escreveu em 1913]. Tampouco há qualquer evidência do emprego de tortura com a finalidade de extrair provas nos poucos julgamentos irlandeses por bruxaria, salvo o caso de açoitamento, em 1324, de Petronilla de meath, criada de Alice Kyteler, por odem do bispo de Ossory, e "que parece ter sido realizado de uma maneira que pode ser classificada como puramente extra-oficial" (*ibid.*, pp. 18-19).

[2] Há uma minúscula comunidade ortodoxa russa, na Irlanda, baseada em exilados da Rússia; de maneira interessante, "ela atraiu um bom número de convertidos irlandeses, alguns dos quais a consideram a Igreja Irlandesa existente antes da chegada de São Patrício até os anos que se seguiram à invasão de Henrique e ao estabelecimento dos laços com Roma"(*Sunday Press*, Dublin, 12 de março de 1978).

modernos* para preencher os brancos e constituir um conjunto trabalhável, é surpreendentemente inadequado em um aspecto: os *Oito Sabás*.

O moderno renascimento de *Wicca*, que se expande tão rapidamente, tem um débito tremendo com Gerald Gardner, por mais que ele tenha sido criticado com relação a certos pontos. Seu *Book of Shadows* é a pedra fundamental da forma *gardneriana* da moderna *Wicca* e também de sua ramificação alexandrina; e tem exercido considerável influência em muitos *covens* tradicionais. Doreen Valiente também é merecedora da gratidão de toda bruxa; algumas de suas contribuições ao *Book of Shadows* tornaram-se suas passagens mais apreciadas – a *Exortação*, por exemplo, o único e definitivo enunciado da filosofia *Wicca*. Mas, por alguma razão, os rituais que o *livro* apresenta para os *oito sabás* são realmente incompletos, nada tão completo e satisfatório quanto o resto. O resumo que Stewart fez a respeito deles, no capítulo VII de *What Witches Do* (ver bibliografia), pareceria incluir tudo que Gardner tinha a dizer sobre eles. Tudo o mais foi deixado para a imaginação e criatividade dos *covens*.

Algumas bruxas podem sentir que isso é suficiente. *Wicca* é afinal uma religião natural e espontânea, na qual cada *coven* é uma lei para si mesmo, formas rígidas sendo evitadas. Nada é absolutamente idêntico no que diz respeito à operação de dois *círculos*, o que é absolutamente certo, também, caso contrário *Wicca* se fossilizaria. Portanto, por que não deixar esses rituais incompletos de sabás como estão, usá-los como um ponto de partida e permitir que cada sabá assuma seu próprio curso ? Todos conhecem o 'sentimento' das estações...

Sentimos que existem duas razões para que isso *não* seja suficiente. Em primeiro lugar, os outros rituais básicos, o *traçado do círculo*, a *atração da lua*, o *encargo*, a *lenda da descida da deusa* e assim por diante, *são* todos substanciais; tanto novatos quanto veteranos acham-nos tocantes e satisfatórios. A flexibilidade que uma boa *Grã Sacerdotisa* e um bom *Grão Sacerdote* lhes transmitem e os embelezamentos planejados ou espontâneos que lhes acrescentam simplesmente realçam os rituais básicos e os mantêm vívidos e vivos. Se tivessem sido incompletos de início, pessoas comuns teriam a capacidade de fazer tanto com eles?

Em segundo lugar, em nossa civilização urbana infelizmente não é verdade que todos possuem a "percepção" das estações, salvo de maneira muito superficial. Até mesmo muitos moradores do campo, com seus carros, eletricidade, televisões e supermercados padronizados, funcionando

* Alguns autores atribuem a autoria do Book of Shadows a aleister Crowley. Que inegavelmente contribuiu com o ressurgimento do paganismo.

em cidades (ou mesmo povoados), estão notavelmente isolados do sentimento visceral da natureza. O conhecimento arquetípico das marés físicas e psíquicas do ano, que produziu conceitos tais como a rivalidade fraternal entre o *Rei Carvalho* e o *Rei Azevinho* e sua união sacrificial com a *Grande Mãe* (apenas para dar um exemplo) perfeitamente compreensíveis para nossos ancestrais – conceitos que somados ao seu simbolismo são tão espantosamente difundidos no tempo e no espaço que *têm que* ser arquetípicos – está virtualmente perdido para a consciência moderna.

Arquétipos não podem ser erradicados, tanto quanto ossos e nervos; são, como estes, parte de nós. Contudo, podem se tornar tão profundamente inumados a ponto de se exigir um deliberado esforço para restabelecer uma comunicação saudável e frutífera com eles.

A percepção que a maioria das pessoas tem hoje dos ritmos das estações está limitada a manifestações superficiais como cartões de Natal, ovos de Páscoa, banhos de sol, folhas de outono e sobretudos. E para sermos honestos, os rituais de sabás do *Book of Shadows* não são muito profundos.

Voltando para nós, dizemos que o nosso é um *coven* alexandrino, se tivermos que colar um rótulo no peito, visto que somos não-sectários por temperamento e princípio e preferimos simplesmente nos chamar de 'bruxos'. Temos muitos amigos *gardnerianos* e tradicionalistas e julgamos seus caminhos tão válidos quanto o nosso Fomos iniciados e treinados por Alex e Maxine Sanders, fundamos nosso próprio *coven* em Londres, no Natal de 1970, e desde então seguimos nosso próprio bom senso (num certo estágio desafiando uma ordem para dispersar o *coven* e retornar a Alex para 'instruções adicionais'). Vimo-nos ser chamados de *alexandrinos 'reformados'*, o que encerra alguma verdade, já que aprendemos a separar o trigo incontestável do debulho lastimável. Outros *covens* e bruxos que atuavam sozinhos juntaram-se a nós, à maneira de uma colmeia no processo normal de crescimento, e, visto que mudamos da Londres repleta de gente para os campos e montanhas da Irlanda, em abril de 1976, constituímos ainda um outro *coven*, de sorte que nossa experiência tem sido variada.

Nosso *coven* está organizado nas costumeiras linhas *gardnerianas/alexandrinas*, ou seja, está baseado na polaridade da feminilidade e masculinidade psíquicas. Consiste, na medida do possível, de 'parcerias de trabalho', cada uma composta de uma bruxa e um bruxo. Parceiros de trabalho pode ser casados, amantes, amigos, irmão e irmã, pai e filha, mãe e filho; não importa se sua relação é sexual ou não. O que importa é seu *gênero* psíquico, de modo que, no trabalho mágico, sejam dois pólos de uma bateria. A parceria de trabalho superior é, naturalmente, a da Grã Sacerdotisa e do Grão Sacerdote. Ela é *prima inter pares*, primeira entre iguais; o Grão Sacerdote é seu igual complementar (caso contrário, a 'bateria' deles não produziria energia), mas ela é a dirigente do *coven* e ele o 'Príncipe-consorte'.

Essa questão da ênfase matriarcal na *Wicca* tem produzido considerável polêmica, mesmo entre bruxas — com tudo, desde pinturas de caverna até Margaret Murray, sendo usado como munição em tentativas de provar o que se costumava fazer, o que é a 'verdadeira' tradição. Tal evidência, examinada com honestidade, é, claro está, importante, mas sentimos que não constitui a resposta total. Dever-se-ia dar mais atenção ao papel da *Velha Religião* dentro das condições atuais; em suma, ao que funciona melhor *agora*, bem como àqueles fatores que são atemporais. E na nossa visão, a ênfase matriarcal é justificada nestes dois pontos.

Comecemos pelo aspecto intemporal. *Wicca*, por sua própria natureza, diz respeito especialmente ao desenvolvimento e uso do 'dom da Deusa' – as faculdades psíquicas e intuitivas – e num grau um tanto inferior ao 'dom do Deus'– as faculdades lógico-lineares, conscientes. Um não pode funcionar sem o outro e o dom da Deusa tem de ser desenvolvido e exercitado tantos nos bruxos quanto nas bruxas. Mas permanece o fato de que, *no conjunto*, a mulher tem um *flying start* (ou vantagem prévia) com o dom da deusa, tal como o homem, *no conjunto*, detém um *flying start* com os músculos. E dentro do *círculo*, a Grã Sacerdotisa (embora recorra ao Grão Sacerdote para invocá-lo) constitui o canal e a representação da Deusa.

Isso não é meramente um costume de *Wicca*. É um fato da natureza. "Uma mulher...", afirma Carl Jung, "... é capaz de identificar-se diretamente com a Terra, mas um homem não (salvo em casos de psicose)." (*Collected Works*, volume IX, parte 1, 2ª edição, parágr. 193) Neste ponto, a experiência *wiccaniana* apóia plenamente aquela da psicologia clínica. Se a ênfase de *Wicca* está no dom da Deusa (apoiado e energizado pelo dom do Deus), então, na prática, é necessário também que seja na Sacerdotisa (apoiada e energizada pelo Sacerdote). Para um estudo mais profundo desta relação mágica pode-se ler qualquer um dos romances de Dion Fortune, em especial *The Sea Priestess* (A Sacerdotisa do Mar) e *Moon Magic* (Magia da Lua)*.

Em segundo lugar, o aspecto do 'agora' – as exigências do nosso presente estágio de evolução. Seria possível escrever um livro inteiro sobre isto. Aqui, só podemos super-simplificar a história consideravelmente, mas sem, acreditamos, distorcer sua verdade básica. De modo geral, até três ou quatro mil anos atrás, a espécie humana vivia (como outros animais, embora a um nível muito complexo) pelo 'dom da Deusa". Em termos psicológicos, a atividade humana era dominada pelos incitamentos da mente subcons-

* Ed Pensamento, São Paulo.

ciente, estando a consciência ainda no conjunto secundário. A sociedade era geralmente matrilinear (reconhecimento da descendência através da mãe) e com freqüência também matriarcal (governada pela mulher), com ênfase na Deusa, na Sacerdotisa, na Rainha e na Mãe.[3] "Antes da civilização se instalar, a Terra é uma divindade universal... uma criatura viva, uma fêmea porque recebe a energia do sol, é animada por meio disso e tornada fértil... O elemento mais antigo e mais profundo em qualquer religião é o culto ao espírito da Terra em seus muitos aspectos." (John Michell, *The Earth Spirit*, p. 4) A isto deve se acrescer – certamente à medida que a percepção da espécie humana crescia – o aspecto da *Rainha do Céu* também, pois, para a humanidade nessa fase, a Grande Mãe era o útero e o nutriente de todo o *cosmos*, tanto a matéria quanto o espírito[4].

É preciso que frisemos que essa interpretação *não* é uma forma dissimulada de introduzir qualquer idéia de 'inferioridade intelectual feminina'. Pelo contrário, como Merlin Stone salienta em *The Paradise Papers*, p. 210, as culturas que veneraram a deusa produziram "inovações nos métodos da agricultura, medicina, arquitetura, metalurgia, veículos sobre rodas, cerâmica, produtos têxteis e língua escrita", nas quais as mulheres desempenharam papéis importantes (por vezes, como no caso da introdução da agricultura, o papel principal). Seria mais verdadeiro dizer que o intelecto em desenvolvimento foi uma ferramenta para fazer o máximo daquilo que era natural, em

[3] O Antigo Egito foi um exemplo convencional do estágio de transição. Era matrilinear, mas patriarcal, tanto a realeza quanto a propriedade passando estritamente através da linhagem feminina. Todos os faraós mantinham o trono *porque eram casados com a herdeira*: "A rainha era rainha por direito de nascimento, o rei era rei por direito de casamento". (Margareth Murray, *The Splendour that was Egypt*, p. 70) Daí o costume dos faraós de casarem com irmãs e filhas para reterem o direito ao trono. A herança matrilinear constituía a regra em todos os níveis da sociedade e persistiu até o fim, razão pela qual Júlio César e, depois, Antonio se casarem com Cleópatra, o último faraó – era o único meio de serem reconhecidos como governantes do Egito. Otávio (Augusto César ofereceu-se também para casar-se com ela, após a derrota e morte de Antonio, mas ela preferiu o suicídio (*ibid.*, pp. 70-71). Roma enfrentou o mesmo princípio um século depois, na outra extremidade de seu Império, na Bretanha, quando Roma, escarnecendo disso (desajeitada ou deliberadamente), provocou a rebelião furiosa dos icenos celtas, cuja soberana era *Boudicca* (Boadicéia) (consultar *Witches*, de Lethbridge, pp. 79-80).

[4] Os ciganos Kalderash (um dos três principais grupos ciganos) sustentam que *O Del*, o Deus (masculino) não criou o mundo. "A Terra (*phu*), isto é, o universo, existia antes dele – sempre existiu. 'É a mãe de todos nós' (*amari Dei*) e é denominada *De Develeski*, a Mãe Divina. Nisto se reconhece um traço do matriarcado primitivo." (Jean-Paul Clébert, *The Gypsies*, p. 134).

lugar de (como passou a ocorrer posteriormente), com demasiada freqüência, distorcê-lo ou esmagá-lo.

Mas a longa escalada à consciência se acelerava, e subitamente (em termos da escala evolutiva de tempo) a mente consciente foi lançada em sua ascensão meteórica à ditadura sobre os assuntos da humanidade e do ambiente. Inevitavelmente, isto foi expresso no monoteísmo patriarcal – o governo do Deus, do Sacerdote, do Rei, do Pai (no berço mediterrâneo da civilização, os portadores desta nova perspectiva foram os povos indo-europeus patrilineares cultuadores do Deus, os quais conquistaram ou se infiltraram nas culturas matrilineares de veneração à Deusa; quanto à história desta empresa e seu efeito sobre a religião e a relação subseqüente entre os sexos, vale a pena ler *The Paradise Papers*, de Merlin Stone, que já citamos anteriormente. Foi um estágio necessário, embora cruelmente trágico, da evolução humana, tendo, inclusive, envolvido também inevitavelmente um certo descartar – amiúde uma vigorosa supressão por parte do *Establishment* – do livre exercício do dom da Deusa.

Isso é super-simplificação suficiente para eriçar os cabelos de um historiador, mas é também alimento para o pensar. E temos mais. Esse estágio de evolução findou. O desenvolvimento da mente consciente (seguramente nos melhores exemplos disponíveis para a espécie humana) atingiu seu pico. Nossa próxima tarefa evolucionária é reviver o dom da Deusa à força total *e combinar os dois*, com inimagináveis perspectivas para a espécie humana e o planeta em que vivemos. Deus não está morto; ele é um homem separado que aguarda o retorno de sua consorte desterrada. E se é para *Wicca* desempenhar seu papel nisto, uma ênfase especial *naquilo que deve ser redespertado* constitui uma necessidade prática a fim de restaurar o equilíbrio entre os dois dons.[5]

Pois equilíbrio é, e tem de ser, razão por que enfatizamos *tanto* a igualdade essencial do homem e da mulher numa parceria de trabalho *wiccaniana quanto* a conveniência da Grã Sacerdotisa ser reconhecida como

[5] Quando este livro estava indo para o prelo, lemos o livro recentemente publicado de Annie Wilson, *Tjhe Wise Virgin*. Na sua seção IV, "O Coração da Matéria", ela trata profundamente desta questão da evolução da consciência e tem algumas coisas muito perceptivas a dizer a respeito de suas implicações psicológicas, espirituais e sexuais (no sentido mais lato). Também conclui que uma nova síntese, de potencial estimulantemente criativo, não apenas é possível como urgentemente necessária, se nós, no Ocidente, "pretendemos equilibrar nossa acentuada assimetria". Trata-se de leitura muito proveitosa para uma compreensão mais profunda da natureza, função e relação entre o masculino e o feminino.

'primeira entre iguais' em sua própria relação com seu Grão Sacerdote e o *coven* – um equilíbrio delicado no caso de algumas parcerias, mas nossa própria experiência (e nossa observação de outros *covens*) nos convence de que vale a pena exercer tal coisa.

Poderíamos também salientar que, nesta época de tumulto espiritual e reavaliação religiosa em larga escala, o catolicismo, o judaísmo, o Islã e boa parte do protestantismo ainda se prendem obstinadamente ao monopólio masculino do sacerdócio como 'de ordenação divina'; a sacerdotisa continua sendo interdita, para o grande empobrecimento espiritual da espécie humana. *Wicca* também pode ajudar a restabelecer este equilíbrio. E toda sacerdotisa ativa de *Wicca* sabe, por sua própria experiência, quão grande é o vácuo a ser preenchido; de fato, há ocasiões em que é difícil não ser subjugado por ele (mesmo nas ocasiões em que sacerdotes e ministros de outras religiões se dirigem a ela, extra-oficialmente, em busca de ajuda, frustrados por sua própria falta de colegas femininas).

Depois desta necessária digressão, voltemos à estrutura do *coven*.

O ideal de um *coven* consistindo inteiramente de parcerias de trabalho raramente é atingido. Haverá sempre um ou dois membros sem parceiro.

Um membro do sexo feminino é indicado como *Donzela*; ela é, com efeito, uma Grã Sacerdotisa assistente no que se refere a objetivos rituais, embora não necessariamente na esfera de liderança e autoridade. O papel da *Donzela* varia de *coven* para *coven*, mas a maioria acha útil dispor de uma para desempenhar um papel específico nos rituais (a *Donzela* geralmente – de qualquer maneira em nosso *coven* é assim – possui seu próprio parceiro de trabalho, tal como qualquer outro membro do *coven*).

Neste livro, assumimos a estrutura acima: Grã Sacerdotisa, Grão Sacerdote, Donzela, algumas parcerias de trabalho e um ou dois membros sem parceiros.

Quanto aos sabás, em nosso próprio *coven* começamos, como seria de se esperar, por tomar o *Book of Shadows* à medida que cada um aparecia, aplicando um pouco de criatividade local ao limitado material fornecido por ele, deixando, então, que evoluísse para um grupo do *coven* (que sejamos absolutamente claros a respeito disso, para que toda esta séria análise não desencaminhe a todos: todo sabá deve evoluir para um grupo). Mas, ao longo dos anos, começamos a considerar isto inadequado. Oito bons grupos, cada um partindo com um pouco de ritual em parte herdado e em parte espontâneo, não eram suficientes para expressar a alegria, o mistério e a magia do ano em mutação, ou o fluxo e refluxo das marés psíquicas que estão sujeitos a ele. Eles eram como oito cançonetas, agradáveis

porém separadas, quando o que realmente queríamos eram oito movimentos de uma única sinfonia.

Conseqüentemente, principiamos a pesquisar e estudar em busca de pistas vinculadas às estações em tudo, desde *The White Goddess*, de Robert Graves, até os *Fastos*, de Ovídio; de livros sobre costumes do folclore a teorias sobre círculos de pedras; da psicologia *jungiana* ao saber ligado às condições atmosféricas. Férias arqueológicas na Grécia e Egito e felizes visitas profissionais ao *continente* ajudaram a alargar nossos horizontes. Acima de tudo, talvez, a mudança para o campo, cercados por plantas, árvores, colheitas, animais e condições atmosféricas favoráveis ao nosso interesse prático, colocou-nos face à face com a natureza manifestada em nossas vidas no cotidiano; os ritmos desta começaram a ser verdadeiramente os nossos ritmos.

Tentamos descobrir o padrão anual atrás de tudo isso e aplicar o que aprendemos aos nossos rituais de sabás. E à medida que assim fizemos, os sabás começaram a adquirir vida para nós.

Tentamos sempre *extrair* um padrão, não *impor* um. E extração não é uma coisa fácil. Trata-se de uma tarefa complexa, porque *Wicca*[6] é uma parte integral da tradição pagã ocidental e as raízes desta tradição se espa-

---

[6] Como a maioria dos modernos bruxos, chamamos de *Wicca* o ofício (*Craft*). Esse se tornou um uso devidamente estabelecido e muito apreciado e todas as razões são para que assim deva continuar, mas poderíamos também ser honestos e admitir que, de fato, é uma *nova* palavra, de derivação inequívoca. No inglês arcaico, "bruxaria" era *wiccacraeft*, não *wicca*. *Wicca* significava ùm bruxo"(feminino: *wicce*; plural: *wiccan*), do verbo *wiccian*, "enfeitiçar, praticar bruxaria", que o *Oxford English Dictionary* afirma ser "de origem obscura". Para esse dicionário a pista parece parar aí; porém a afirmação de Gardner de que *Wicca* (ou, como ele escreve, *Wica*) significa "o ofício do sábio" é apoiada por Margaret Murray, que escreveu o verbete de bruxaria para a Enciclopédia Britânica (1957), nomeadamente, "o significado real desta palavra, "*witch*" está vinculado a "*wit*", saber. "Robert Graves (*The White Goddess*, p. 173), referindo-se ao salgueiro (*willow*), que, na Grécia, era sagrado a Hécate, diz: "Sua conexão com feiticeiras (*witches*) é tão forte no norte da Europa, que as palavras "witch"e "wicked"(mau, perverso, vil) derivam da mesma antiga palavra para *willow*, que também produziu "wicker" (vime). Para completar o quadro, "wizard" realmente significa "um sábio", sendo derivado do inglês medieval tardio *wys* ou *wis*, "sábio". Mas *warlock*, no sentido de um feiticeiro, bruxo *(male witch)* é inglês medieval tardio escocês e inteiramente `depreciativo; sua raiz significa "traidor, inimigo, diabo", e se os pouquíssimos feiticeiros modernos que se intitulam *warlocks* compreendessem essa origem, se juntariam à maioria e compartilhariam do título de "witches"com suas irmãs.

lham das terras nórdicas ao Oriente Médio e Egito, das estepes à costa do Atlântico. Enfatizar um fio da teia (digamos o celta, o nórdico ou o grego) e usar suas fórmulas e símbolos particulares por que se está sintonizado com eles é razoável e mesmo desejável, mas *isolar* aquele fio único, tentar rejeitar os demais como estranhos a ele é tão irrealista e fadado ao fracasso quanto colocar em ordem os genes paternos e maternos de um descendente vivo. A *Velha Religião* também é um organismo vivo. Seu espírito é atemporal e a seiva que flui em suas veias não muda, mas, em qualquer tempo e lugar específicos, encontra-se num estágio particular de crescimento. Você pode colocar-se em sintonia com esse crescimento, encorajá-lo, contribuir para ele e influenciar seu futuro; mas estará caminhando para problemas e desapontamentos, se distorcê-lo ou representá-lo equivocadamente.

Já salientamos que os oito sabás refletem dois temas distintos, de raízes históricas diferentes, mas que interagem: o tema solar e o tema da fertilidade natural. Eles não são mais separáveis, mas cada um tem de ser entendido se desejamos que ambos sejam ajustados à nossa 'sinfonia'.

Pareceu-nos que uma chave para esse entendimento era reconhecer que dois conceitos da figura divina estavam envolvidos. A Deusa está sempre lá; altera seu aspecto (tanto em seu ciclo de fecundidade, como *Mãe-Terra,* quanto em suas fases lunares, como a *Rainha do Céu*), mas está sempre presente. O Deus, diferentemente, em ambos os conceitos morre e renasce.

Isso é fundamental. O conceito de um Deus que é sacrificado e ressuscita é encontrado em toda parte, remontando às mais vagas alusões da pré-história. Osíris, Tammuz, Dionísio, Balder e Cristo são apenas algumas de suas formas posteriores. Mas procurar-se-á em vão, através da história da religião, uma Deusa sacrificada e ressuscitada, perdida de vista temporariamente, como Perséfone, talvez, mas sacrificada, nunca. Um tal conceito seria religiosa, psicológica e naturalmente impensável[7].

Examinemos então estes dois temas divinos.

[7] Deparamos com uma única aparente exceção a esta regra. Na p. 468 de *The Golden Bough,* Frazer afirma: "Na Grécia, a própria deusa Artemis parece ter sido anualmente enforcada em efígie em seu bosque sagrado de Condiléia, entre as colinas de Arcádia, e aí conseqüentemente era conhecida pelo nome de *A Enforcada*". Mas, neste caso, Frazer errou o alvo. A "Artemis Enforcada"não é nenhum sacrifício. É um aspecto da deusa-aranha Arachne/Ariadne/Arianrhod/(Aradia?), que desce sobre seu fio mágico para nos ajudar e cuja teia espiral é a chave do renascimento (consultar James Vogh, *The Thirteenth Zodiac*).

A figura do Deus-Sol, que domina os *sabás menores* dos solstícios e equinócios, é relativamente simples; seu ciclo pode ser observado mesmo através da janela de um apartamento de um elevado edifício. Ele morre e renasce no Natal; começa a fazer sentir sua jovem maturidade e a impregnar a *Mãe-Terra* com ela em torno do equinócio da primavera; fulgura no auge de sua glória no solstício de verão; resigna-se ao poder e influência do quarto minguante sobre a *Grande Mãe* por volta do equinócio de outono e novamente encara a morte e o renascimento na época de Natal.

O tema da fertilidade natural é mais complexo. Envolve *duas* figuras divinas: o *Deus do ano crescente* (que aparece amiúde na mitologia como o *Rei Carvalho*)[8] e o *Deus do ano minguante* (o *Rei Azevinho*). São os gêmeos claro e escuro, cada um o 'outro eu' do outro, rivais eternos que eternamente se conquistam e se sucedem mutuamente. Competem eternamente pelo favorecimento da *Grande Mãe* e cada um, no pico de seu reinado semestral, é sacrificialmente unido a ela, morre em seu amplexo e é ressuscitado a fim de completar seu reinado.

'Claro e escuro' não significam 'bom e mau'. Significam as fases de expansão e de contração do ciclo anual, uma tão necessária quanto a outra. Da tensão criadora entre as duas e entre elas, por um lado, e a deusa por outro, gera-se a vida.

Esse tema, na realidade, transborda nos sabás menores do Natal e do solstício de verão. No Natal, o *Rei Azevinho* encerra seu reinado e cede ao *Rei Carvalho*; no solstício do verão, o *Rei Carvalho*, por sua vez, é desalojado pelo *Rei Azevinho*.

Este é um livro de rituais sugeridos, não um trabalho de análise histórica em detalhe, não sendo, por conseguinte, o lugar para explicarmos em profundidade como extraímos o padrão acima. Mas acreditamos que qualquer pessoa, que estuda a mitologia ocidental com mente aberta, chegará às mesmas conclusões gerais e a maioria das bruxas provavelmente já reconhecerá o padrão.

Algumas delas poderão muito razoavelmente indagar: "Onde se ajusta nisso o nosso *Deus Cornudo*? O Deus Cornudo é uma figura da fertilidade natural. As raízes de seu simbolismo remontam às épocas totêmicas e da caça. Ele é o *Rei Carvalho* e o *Rei Azevinho*, os gêmeos complementares vistos como uma entidade completa. Sugeriríamos que o Rei Carvalho e o Rei Azevinho constituem uma sutileza que se desenvolveu na ampliação do

[8] Também sem dúvida relacionável ao *Homem Verde* ou *Máscara Foliácea*, cujos traços esculpidos aparecem em tantas velhas igrejas.

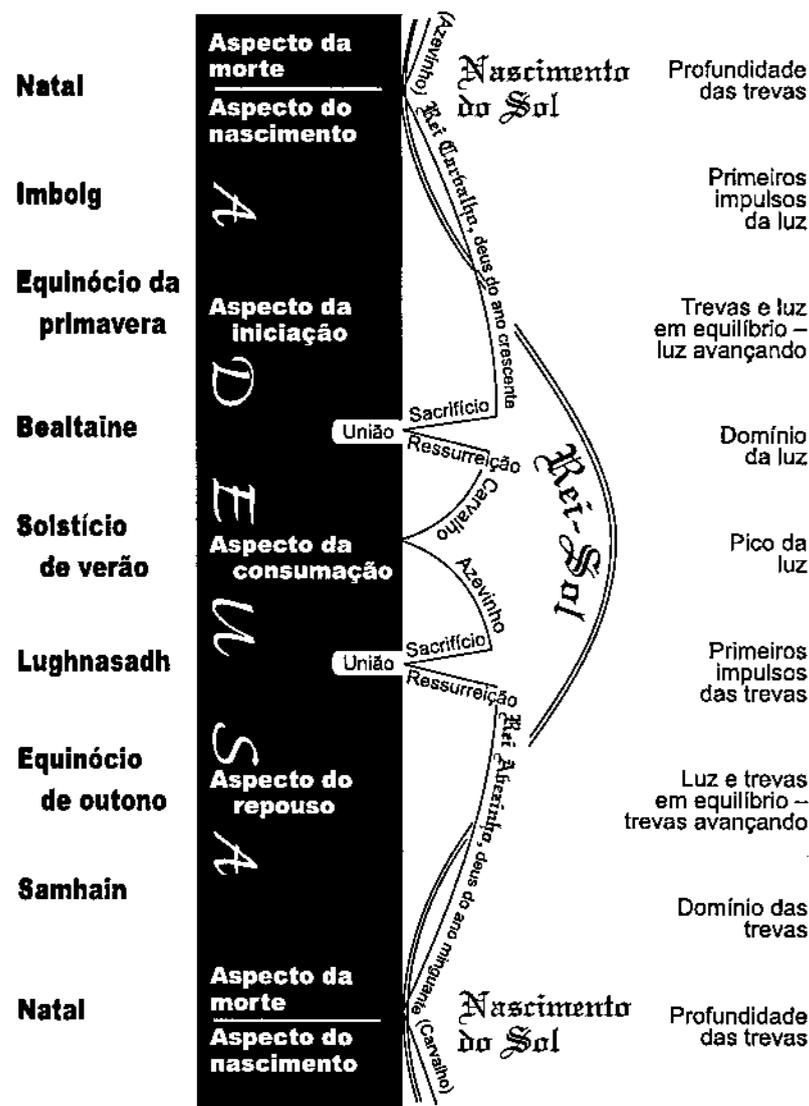
conceito do Deus Cornudo, à medida que a vegetação se tornou mais importante para o homem. Eles não o aboliram – apenas aumentaram nosso entendimento dele.

Ao início de cada seção deste livro, fornecemos mais detalhes da base de cada sabá e explicamos como o usamos para conceber nosso ritual.

Entretanto, a fim de ajudar a dar mais clareza ao padrão global, tentamos resumi-lo no diagrama da página 23. *É* apenas um resumo, mas o achamos útil e esperamos que outras pessoas também o achem.

Alguns comentários a respeito dele se fazem necessários. Primeiramente, os 'aspectos da deusa', *nascimento, iniciação, consumação, repouso e morte* são os sugeridos em *The White Goddess,* de Graves (os escritos de Robert Graves e de Doreen Valiente nos ajudaram em nossa pesquisa talvez mais que quaisquer outros). Deve-se frisar mais uma vez que esses aspectos não significam o nascimento e a morte da própria Deusa (um conceito incogitável, como destacamos), mas o rosto que ela exibe para o Deus e para seus adoradores à medida que o ano muda. Ela não apenas *sofre* as experiências como as *preside.*

Em segundo lugar, a colocação da união sacrificial e do renascimento do Rei Carvalho e do Rei Azevinho em Bealtaine e Lughnasadh, respectivamente, pode parecer um pouco arbitrária. Pelo fato deste ciclo ser de fertilidade, o real espaçamento de seu ritmo varia de região para região; e isto naturalmente porque os calendários de um sítio na região montanhosa da Escócia e de uma vinícola italiana, por exemplo, não mantêm perfeita correspondência entre si. Os dois sacrifícios aparecem em tempos variados na primavera e no outono, de maneira que, ao conceber um ciclo coerente de sabás, era mister fazer uma escolha. Bealtaine parecia a escolha óbvia para a união do Rei Carvalho; mas a do Rei Azevinho (mesmo nos limitando aos sabás maiores, como se afigurava adequado) podia ser ou Lughnasadh ou Samhain, traços dela sendo encontrados em Lughnasadh ou Samhain. Uma razão para optarmos por Lughnasadh foi que Samhain (*Hallowe'en*) já é tão carregado de significado e tradição, que incorporar o sacrifício do Rei Azevinho, união e renascimento em seu ritual, iria sobrecarregá-lo a ponto de provocar confusão. Cada sabá, não importa quão complexas sejam suas implicações, deve ter um tema central e uma mensagem clara. Além disso, o sacrifício do Rei Azevinho é também o do *Rei Cereal,* um tema folclórico obstinadamente indestrutível, como muitos costumes simbólicos indicam[9] e

[9] Ler *Harvest Home*, de Thomas Tryon, um romance perspicaz, embora amedrontador, agora transformado num filme excelente.

Lughnasadh, não Samhain, marca a colheita. Finalmente, tentamos onde fosse possível incluir em nossos rituais sugeridos, o essencial dos ritos do *Book of Shadows* e isto para Lughnasadh, embora sendo oculto, de fato aponta para essa interpretação. É a única ocasião na qual a Grã Sacerdotisa invoca a Deusa para si mesma em lugar do Grão Sacerdote fazê-lo para ela, uma sugestão talvez de que, neste sabá, o comando dela é ainda mais poderoso e o deus sacrificial ainda mais vulnerável? Assim nos pareceu.

Na decisão de como constituir o elenco de feiticeiros para os papéis de Deus-Sol, Rei Carvalho e Rei Aazevinho, fomos guiados por duas considerações: (1) que a Grã Sacerdotisa, como representante da Deusa, tenha apenas um 'consorte', seu parceiro de trabalho, o Grão Sacerdote e que qualquer ritual que simboliza a união dela seja obrigatoriamente com ele; (2) que não seja praticável ou desejável para o Grão Sacerdote terminar qualquer ritual simbolicamente 'morto', visto que ele é o condutor masculino do *coven* subordinado à Grã Sacerdotisa e tem, por assim dizer, que ser devolvido à disponibilidade no desenrolar do ritual.

Em Bealtaine e Lughnasadh, portanto, nos dois ritos de união sacrificial e renascimento, temos o Grão Sacerdote interpretando o Rei Carvalho e o Rei Azevinho, respectivamente. Em cada caso, o ritual encerra sua união com a Grande Mãe e sua 'morte'; e antes que o drama ritual finde, ele está renascido. O Deus-Sol não é interpretado, desta feita, nesses sabás.

No solstício de verão e Natal, entretanto, todos os três aspectos de deuses estão envolvidos. No solstício de verão, o Deus-Sol se acha no pico de seu poder e o Rei Azevinho 'mata' o Rei Carvalho. No Natal, o Deus-Sol sofre a morte e o renascimento e o Rei Carvalho, por sua vez, 'mata' o Rei Azevinho. Nestas duas ocasiões, a Deusa não se une, ela preside; e no Natal, além disso, ela dá nascimento ao Deus-Sol renovado. Assim para esses dois, temos o Grão Sacerdote interpretando o Deus-Sol, enquanto que o Rei Carvalho e o Rei Azevinho são ritualmente escolhidos por sorteio (a menos que a Grã Sacerdotisa prefira nomeá-los) e coroados para seus papéis pela *Donzela*. Temos sido cuidadosos no sentido de incluir em cada ritual a liberação formal do ator do rei assassinado de seu papel (devolvendo-o, assim, ao seu lugar no *coven* para o resto do sabá), e também uma explicação do que acontece ao espírito do rei assassinado, durante seu vindouro meio ano de eclipsamento.

Este livro é sobre os sabás, mas os *Esbás* (reuniões sem festival) e os sabás têm uma coisa em comum: são todos realizados dentro de um *círculo mágico*, que é ritualmente estabelecido, ou 'traçado', no início da reunião e ritualmente dispersado, ou 'banido', no fim. Esses rituais de abertura e encerramento, mesmo dentro da tradição *gardneriana/alexandrina*, tendem a variar nos seus detalhes de *coven* para *coven* e também podem variar de uma ocasião para outra no mesmo *coven*, de acordo com o trabalho a ser realizado e a decisão intuitiva ou consciente da Grã Sacerdotisa. Cada *coven*, todavia, tem seus próprios rituais de abertura e encerramento flexíveis e os usará tanto nos *Esbás* quanto nos Sabás. Em geral, o ritual de abertura inclui, além do efetivo traçado do círculo, a 'atração da lua' (invocação do espírito da Deusa para a Grã Sacerdotisa feita pelo Grão Sacerdote) e a récita da *Exortação* (a alocução tradicional da Deusa aos seus seguidores).

Um outro traço comum de todos os oito sabás, tal como formulado pelo *Book of Shadows*, é o *Grande Rito*, o ritual da polaridade masculino-feminina interpretado pela Grã Sacerdotisa e pelo Grão Sacerdote.

Visto que este livro consiste de *nossas* sugestões detalhadas para os oito rituais de sabás, seria assim incompleto se não apresentássemos também *nosso* modo particular de executar o *ritual de abertura*, o *grande rito* e o *ritual de encerramento*. Por conseguinte, nós os incluímos como as seções I, II e III. Não pretendemos que os nossos sejam 'melhores' que os de outros *covens*, mas são, ao menos, do mesmo estilo de nossos rituais de sabá sugeridos, colocando assim estes últimos dentro de um contexto, em lugar de deixá-los sem começo nem fim. Ademais, esperamos que alguns *covens* considerem útil dispor de uma forma do *Grande Rito* simbólico, no que o *Book of Shadows* é lacunar.

Esperamos que não seja mais necessário, neste estágio tardio, nos defendermos da acusação de 'trair segredos' por publicar nossas versões dos rituais de abertura, encerramento e do *grande rito*. Os rituais *gardnerianos* básicos estiveram 'no domínio público' por muitos anos sob o referencial da atualidade, e tantas versões desses três em particular (algumas deturpadas, e ao menos uma – a de Peter Haining – impudentemente negra) foram publicadas, que não vemos razão para nos defendermos por oferecer o que sentimos ser versões coerentes e funcionais.

Além disso, com a publicação de *Witchcraft for Tomorrow*, de Doreen Valiente, a situação de *Wicca* mudou. Sob o princípio de que 'você tem o direito de ser pagão, se quiser sê-lo' ela decidiu "escrever um livro que colocará a feitiçaria ao alcance de todos" (e ninguém está melhor qualificado para tomar essa decisão do que a co-autora do *Book of Shadows*). *Witchcraft for Tomorrow* inclui um *Liber Umbrarum*, que é o *Book of Shadows* completamente novo e muito simples, de Doreen Valiente, para pessoas que queiram se iniciar e organizar seus próprios *covens*. E já, como Gardner antes dela, está sendo tanto elogiada quanto atacada por sua iniciativa. No que diz

respeito a nós, damos as boas-vindas a esta iniciativa de todo o coração. Desde que Stewart publicou *What Witches Do* há nove anos, fomos (e ainda somos) inundados com cartas de pessoas que pedem para serem colocadas em contato com um *coven* em suas localidades. Não temos sido capazes de ajudar a maioria delas, principalmente porque estão espalhadas pelo mundo afora. No futuro, nós as encaminharemos a *Witchcraft for Tomorrow.* Trata-se de uma necessidade genuína, ampla e crescente e deixá-la insatisfeita por motivos de pretenso 'segredo' é negativo e irreal.

É interessante constatar que aquilo que Doreen Valiente fez pela *Wicca Gardneriana,* em *Witchcraft for Tomorrow*, Raymond Buckland também fez por uma outra tradição, a *Wicca* Saxônica, em *The Tree, The Complete Book of Saxon Witchcraft* (consultar a *bibliografia*). Este livro, igualmente, inclui um simples porém amplo *Book of Shadows* e procedimentos para auto-iniciação e a fundação de um *coven* próprio. Achamos admiráveis muitos dos rituais presentes em *The Tree,* embora tenhamos sido menos felizes com respeito aos seus oito ritos *festivais,* os quais são ainda mais inadequados do que os do *Book of Shadows gardneriano* e vão pouco além de breves declamações faladas; baseiam-se na idéia de que a Deusa governa o verão de Bealtaine a Samhain, e o Deus, o inverno, de Samhain a Bealtaine, um conceito com o qual não podemos estabelecer sintonia. Perséfone, que recua para o mundo subterrâneo no inverno, é apenas um aspecto da deusa – um fato que sua lenda enfatiza ao fazer dela a *filha* da Grande Mãe.

Contudo, a cada um o que lhe cabe. É presunção ser excessivamente dogmático do exterior sobre outras tradições do *Craft.* O que importa é que todos que quiserem seguir a senda da *Wicca,* mas não conseguem contatar um *coven* estabelecido, dispõem agora de *duas* tradições *wiccanianas* válidas, que lhes são franqueadas sob forma de publicação. O que cada um fará delas depende de sua própria sinceridade e determinação, o que, entretanto, se revelaria igualmente verdadeiro, se essas pessoas se juntassem a um *coven* estabelecido da maneira normal.

Aludindo novamente a *What Witches Do*, há uma desculpa que Stewart *apreciaria* pedir. Quando escreveu esse livro, na qualidade de um bruxo em seu primeiro ano, incluiu material que então entendia ser ou tradicional ou originário de seus preceptores. Ele está ciente agora que muito desse material fora realmente escrito para Gardner por Doreen Valiente, que foi tão amável a ponto de declarar: "Eu, naturalmente, admito que você desconhecia isto, quando publicou; como poderia saber?" Assim ficamos felizes, neste momento, por ter a oportunidade de deixar as coisas certas. E

somos gratos a ela por ter lido, a nosso pedido, o manuscrito deste livro antes de ser publicado, para nos certificarmos de que nem a citamos sem autorização nem a citamos erroneamente (uma desculpa similar, a propósito, é devida à sombra do falecido Franz Bardon).*

A ajuda de Doreen nos deu uma razão adicional para incluir os rituais de abertura, do *Grande Rito* e de encerramento bem como os oito *festivais* ; capacitou-nos a dar respostas definitivas à maior parte (esperamos) das questões que as pessoas têm se colocado durante o último quarto de século a respeito das fontes dos vários elementos presentes no *Book of Shadows* (ou, ao menos, aquelas seções dele dentro da esfera deste livro) e as circunstâncias de sua compilação. Acreditamos que é hora de fazer isso. A confusão e representação errônea (às vezes inocente, às vezes deliberada) já perdurou por tempo suficiente, levando mesmo um ilustre historiador do oculto, como nosso amigo Francis King, a chegar a conclusões erradas, embora compreensíveis, acerca disso.

Esclarecer fontes e origens *não* é "tirar o mistério dos *Mistérios* '. Os *Mistérios* não podem, por sua natureza, jamais ser plenamente descritos mediante palavras. Só podem ser experimentados; entretanto, podem ser invocados e ativados por meio de ritual eficiente. É preciso nunca confundir as palavras e ações do ritual com o próprio *Mistério.* O ritual não é o *Mistério*, é uma maneira de contatá-lo e experimentá-lo. Alegar a 'salvaguarda dos Mistérios' como uma excusa para falsificar a história e ocultar plágio é errado e um desserviço tanto aos próprios *Mistérios* quanto àqueles a quem se ensina. Isto inclui, por exemplo, afirmar ter copiado o *Book of Shadows* da avó muitos anos antes de ele ser na verdade compilado, ou ditar o trabalho de outros mestres a estudantes confiantes como sendo da própria autoria.

Os rituais neste livro são para trabalho em ambiente fechado, mas podem ser todos facilmente adaptados para trabalho exterior, onde isto for possível de forma favorável. Por exemplo, velas podem ser acesas em lanternas ou vasos e fogueiras acesas onde for adequado e seguro (se você trabalhar *skyclad* (ou seja, *trajado de céu)*, isto é, nu, uma fogueira ajuda!)

Pelo fato de cada um desses rituais ser realizado apenas uma vez por ano, obviamente ninguém irá conhecê-los de cor da forma que os rituais de *Esbás* são conhecidos, de maneira que ao menos as declamações serão lidas no texto. Como a acuidade visual varia, compete à pessoa envolvida decidir se irá, e quando irá, pegar uma das velas do altar para que possa ler – ou, se ele ou ela precisar das duas mãos, chamar uma outra bruxa para

* Magia prática Ed Ground, São Paulo.

segurá-la. Para evitar ser repetitivo, não nos referimos a isso a não ser onde a experiência nos ensinou que é particularmente necessário; por exemplo, quando a Grã Sacerdotisa dispõe um véu sobre seu rosto (ocasiões em que, incidentalmente, desde que o véu seja suficientemente longo, deverá ela segurar o texto *dentro* dele).

Consideramos de grande valia, onde seja possível, realizar um breve ensaio antecipadamente. Deve tomar somente cinco minutos, antes do traçado do *círculo*. Nenhuma declamação é lida; tudo que se necessita é o Grão Sacerdote ou a Grã Sacerdotisa ter o texto à mão e passar rapidamente pela seqüência, explicando: "Então eu faço isto, e você aquilo, enquanto ela se coloca ali..." e assim por diante, para se assegurar de que todos têm com clareza a seqüência básica e quaisquer movimentos-chaves. Isto não prejudica o próprio ritual; aliás, o faz funcionar muito mais descontraidamente, quando chega a hora, e evita excessivo 'zelo de cão-pastor' ou preocupação sobre possíveis erros.

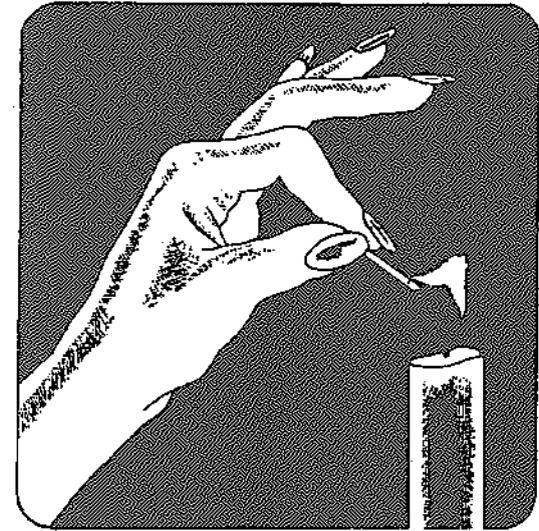
Ajuntamos uma terceira parte do livro, "Nascimento, Casamento e Morte", porque, de novo, sentimos que há necessidade neste sentido. Lado a lado com o ritmo universal das estações flui o ritmo de nossas vidas individuais. Toda religião sente a necessidade de um reconhecimento sacramental dos marcos miliários nessas vidas: as boas-vindas às novas crianças, a união de marido e mulher, a despedida solene aos amigos mortos. *Wicca* não foge a esta regra, mas o *Book of Shadows gardneriano* não apresenta rituais para nenhuma dessa ocasiões. Assim, fornecemos nossas próprias versões do *Wiccaning*, *Handfasting* e Requiem na esperança de que outras pessoas os julguem proveitosos.

Este livro foi escrito em Ballycroy, Co. Mayo, na costa atlântica da Irlanda, mas, precisamente antes da publicação, nosso trabalho exigiu que nos mudássemos para mais perto de Dublin. A correspondência pode nos ser dirigida através do endereço abaixo.

JANET FARRAR
STEWART FARRAR

Beltichburne, Drogheda,
Co. Louth, Ireland.
Samhain, 1983

No Brasil
Alameda Lorena, 871 – Fone: 852-8288
CEP – 01424-00 – Jardim Paulista
São Paulo – SP
e-mail: witches_garden@hotmail.com

A Estrutura

I O Ritual de Abertura

Mediante este ritual *wiccaniano* básico, instalamos nosso *templo* – nosso local de culto e de trabalho mágico. Pode ser numa sala de estar com a mobília recuada; pode ser, se formos suficientemente afortunados para dispor de um, num aposento que é separado para essa finalidade e não é empregado para nenhuma outra; pode ser, se as condições atmosféricas e a privacidade permitirem, a céu aberto. Mas onde quer que realizemos nosso sabá, este (sob uma forma ou outra) constitui seu começo essencial, tal como o Ritual de Encerramento, apresentado na seção III, constitui seu fim essencial.

O *ritual de abertura* é idêntico para cada um dos sabás; quando houver diferenças de detalhe, ou do mobiliário, ou ainda da decoração do *templo*, tais diferenças serão indicadas no início da seção de cada sabá.

A preparação

A área do *círculo* é desobstruída e um altar instalado no ponto norte de sua circunferência (ver foto 1). Este altar pode ser uma pequena mesa (uma mesinha de café é o ideal) ou meramente uma toalha estendida sobre o chão. Devem estar dispostos sobre o altar :

- o pentáculo no centro
- a vela ao norte atrás do pentáculo
- um par de velas do altar, uma da cada lado
- cálice de vinho tinto ou de hidromel
- o bastão
- o açoite de cordas de seda
- uma pequena bacia de água
- uma pequena bacia contendo um pouco de sal
- as cordas (vermelha, branca e azul, cada uma com cerca de 2,75 m de comprimento)
- a faca de cabo branco
- o *athame* (faca de cabo preto) individual de cada bruxa e bruxo
- o incensário
- um pequeno sino
- uma tigela de bolos ou biscoitos
- a espada, sobre o chão diante do altar ou sobre o próprio altar.

Devem estar à mão, junto ao altar, um suprimento do incenso escolhido e fósforos ou um isqueiro (também julgamos útil ter à mão um círio para transferir a chama de vela para vela).

Uma vela é colocada em cada um dos pontos leste, sul e oeste da circunferência do *círculo*, completando as quatro velas 'dos elementos', que têm que arder ao longo do ritual (as colocações dos elementos são leste, ar; sul, fogo; oeste, água e norte, terra).

É recomendável contar com música. No nosso caso, montamos uma pequena biblioteca de *cassettes* C-120 de música adequada, transferida de discos de vinil ou outros *cassettes*, com cada peça musical repetida tão freqüentemente quanto necessário, para preecher todos os sessenta minutos de cada lado do *cassette*. As fitas *cassette* são ideais, porque pode-se tocá-las em qualquer coisa, desde um aparelho *hi-fi* estéreo, caso se tenha um na sala de estar, até um toca-fitas portátil, se a reunião é em outro lugar. É uma boa idéia ajustar o volume de modo a adequar-se aos trechos mais Grãs, *antes* do ritual, caso contrário corre-se o risco de ser inesperadamente ensurdecido e ter que se inquietar com isso num momento inadequado.

Certifique-se de antemão de que o aposento se acha suficientemente quente, especialmente se, como nós e a maioria dos *covens gardnerianos*, você normalmente atua despido.

Somente um lugar fora do próprio *círculo* precisa estar livre, a saber, o quadrante nordeste, porque o *coven* permanece aí para começar, aguardando que a Grã Sacerdotisa o admita.

Tire o telefone do gancho, acenda o incenso e as seis velas, ligue a música e você estará pronto para começar.

O Ritual

A Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote ajoelham-se diante o altar, ele à direita dela. O resto do *coven* permanece fora do quadrante nordeste do círculo.

A Grã Sacerdotisa põe a bacia de água sobre o pentáculo, coloca a ponta de seu *athame* na água (ver foto 2) e diz:

"Eu te exorcizo, ó criatura da água, a que arrojes de ti todas as impurezas e imundícies dos espíritos do mundo do fantasma, em nome de Cernunnos e Aradia." (ou quaisquer que sejam os nomes de deus e deusa que o *coven* utiliza)[1]

Ela depõe seu *athame* e segura a bacia de água nas duas mãos. O Grão Sacerdote coloca a bacia de sal sobre o pentáculo, coloca a ponta de seu *athame* no sal e diz:

"Que bênçãos caiam sobre esta criatura do sal; que toda a malignidade e obstáculo sejam expulsos daqui por diante, e que todo o bem aqui ingresse; pelo que te abençoo para que possas ajudar-me em nome de Cernunnos e Aradia." [1]

Ele depõe seu *athame* e despeja o sal na bacia de água que a Grã Sacerdotisa está segurando. Ambos, então, depositam suas bacias sobre o altar e o Grão Sacerdote sai do *círculo* para permanecer com o *coven*.

---

[1] Ambas consagrações são muito liberalmente baseadas nas que constam em *The Key of Solomon*, um engrimanço medieval ou *grammar* de prática mágica, traduzido e editado por Macgregor Mathers a partir de manuscritos do Museu Britânico, e publicado em 1888 (ver na bibliografia, Mathers). O fraseado para a consagraçãoi de instrumentos mágicos no *Book of Shadows*, de Gradner, também segue (e com um pouco mais de rigor) aquele presente em *The Key of Solomon*. Que se trata mais de empréstimos que o próprio Gardner efetuou do que parte do material tradicional, que ele obteve do *New Forest coven* que o iniciou, é sugerido pelo fato do inglês desse fraseado corresponder ao de Mathers, em lugar de proceder independentemente do latim original. Não há nenhum mal nisso: como no caso da maioria dos empréstimos de Gardner, atinge sua finalidade admiravelmente.

A Grã Sacerdotisa traça o círculo com a espada, deixando uma abertura para entrada e saída no nordeste (erguendo sua espada mais alto que as cabeças do *coven* ao passar por este). Ela prossegue *deosil* (em sentido horário)[2] de norte a norte, dizendo ao caminhar:

"Eu te conjuro, ó Círculo do Poder para que sejas um lugar de encontro de amor, alegria e verdade; um escudo contra toda perversidade e mal; uma fronteira entre o mundo dos homens e os domínios dos Poderosos; uma trincheira e proteção que preservarão e conterão o poder que cultivaremos dentro de ti, pelo que te abençoo e te consagro em nome de Cernunnos e Aradia."

Ela então depõe a espada e admite o Grão Sacerdote ao *círculo* com um beijo, girando com ele *deosil* (em sentido horário). O Grão Sacerdote admite uma mulher da mesma maneira; esta mulher admite um homem, e assim por diante até que todo o *coven* esteja no *círculo*.

A Grã Sacerdotisa pega a espada e fecha a abertura, traçando aquela parte do círculo do mesmo modo que traçou o resto dele.[3]

A Grã Sacerdotisa nomeia, então, três bruxos (de ambos os sexos) para fortalecerem o círculo (o que ela ja estabeleceu no elemento terra) com os elementos água, ar e fogo.

[2] Todos os movimentos mágicos envolvendo rotação ou circundamento são normalmente feitos em sentido horário, "o caminho do sol". Isso é conhecido como "deosil", do gaélico (irlandês, *deiseal*, escocês, *deiseil*, ambos pronunciados como "jesh'l"), significando "à direita"ou "ao sul"(em irlandês se diz: *Deiseal?* [Pode ir para a direita?], quando um amigo espirra). Um movimento anti-horário é conhecido como "*widdershins*"(alto alemão medieval *widersinnes*, "numa direção contrária") ou "tuathal"(irlandês *tuathal* pronunciado como "twa-h'l, escocês *tuaitheal* pronunciado como "twa-y'l"), significando "à esquerda", "ao norte", numa direção errada. Um movimento mágico *widdershins* (anti-horário) é considerado negro ou malevolente, *a menos que* tenha um significado simbólico preciso, tal como uma tentativa de regredir no tempo, ou um retorno à fonte preparatória para o renascimento; em tais casos, é sempre devidamente "desgirado"por um movimento *deosil*, assim como um montanhês escocês inicia uma dança da espada *tuaitheal*, porque é uma dança de guerra, e a termina *deiseil* para simbolizar a vitória (ver pp. 115, 137 e 181 para exemplos em nossos rituais). Estaríamos interessados em ouvir bruxos dos hemisfério sul (onde, é claro, o Sol se move em sentido anti-horário) acerca de seus costumes nos movimentos dos rituais, orientação dos elementos e disposição do altar.

[3] Normalmente, ninguém deixa ou entra no *círculo* entre os rituais de distribuição de papéis e de banimento, mas, se for necessário, uma passagem terá de ser aberta por meio de uma varredura ritual do *athame widdershins* (em sentido horário) e fechada imediatamente, após o uso, por uma varredura *deosil* (em sentido horário). (Espada e *athame* são ritualmente intercambiáveis.) Ver, por exemplo, p.

O primeiro carrega a bacia de água consagrada em torno do círculo, em sentido horário de norte para norte, borrifando o perímetro à medida que ele/ela caminha. Então ele/ela borrifa, por seu turno, cada membro do *coven*. Se o bruxo for homem, finda borrifando a Grã Sacerdotisa, que então o borrifa; se for uma mulher, finda borrifando o Grão Sacerdote, que então a borrifa. O portador da água, em seguida, recoloca a bacia sobre o altar.

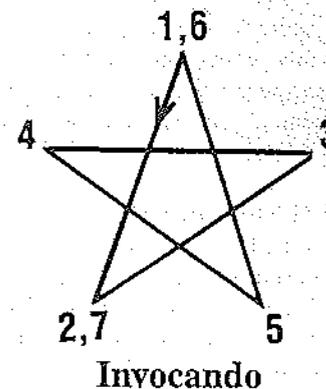
O segundo bruxo (homem ou mulher) carrega o incensário, esfumaçando, circundando o perímetro em sentido horário, de norte a norte, e o recoloca no altar.

O terceiro bruxo carrega uma das velas do altar, circundando o perímetro em sentido horário, de norte a norte, e a recoloca sobre o altar.

Todos os membros do *coven* pegam, então, seus *athames* e se voltam para o leste, com a Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote na frente (ele de pé à direita dela). A Grã Sacerdotisa diz:

"Vós Senhores das Atalaias do Leste, vós Senhores do Ar; eu vos convoco, incito e intimo a testemunharem nossos ritos e protegerem o Círculo."

À medida que fala, ela traça o *pentagrama invocatório da terra* com seu *athame* no ar, à frente de si, da maneira abaixo:[4]

Invocando

[4] Este ritual das atalaias é obviamente baseado no "Ritual Menor do Pentagrama" da *Golden Dawn* (consultar *Golden Dawn*, de Israel Regardie, volume I, pp. 106-107 e, quanto a um material mais complexo a respeito dos *pentagramas de invocação* e *de banimento*, volume III, pp. 9-19). Incidentalmente, a *Golden Dawn* e muitos bruxos terminam os *pentagramas* por meio de mero retorno ao ponto de partida, isto é, omitindo o sexto movimento de "selamento". Como sempre, é uma questão do que "parece certo"a você.

Depois de traçar o pentagrama, ela beija a lâmina de seu *athame* e o pousa sobre seu coração por um segundo ou dois.

O Grão Sacerdote e o resto do *coven* imitam todos esses gestos com seus próprios *athames* ; todos que estão sem *athames* usam seus dedos indicadores direitos.

A Grã Sacerdotisa e o *coven* voltam-se, então, para o sul e repetem a convocação, que desta vez é para *"Vós Senhores das Atalaias do Sul, vós Senhores do Fogo . . . "*.

Voltam-se, então, para o oeste, onde a convocação é para *"Vós Senhores das Atalaias do Oeste, vós Senhores da Água, vós Senhores da Morte e da Iniciação . . ."*.

Voltam-se, em seguida, para o norte, onde a convocação é mais longa. A Grã Sacerdotisa diz:

"Vós Senhores das Atalaias do Norte, vós Senhores da Terra; Boreas, tu guardião dos portais do norte; tu Deus poderoso, tu Deusa gentil; nós vos convocamos, incitamos e intimamos a testemunharem nossos ritos e protegerem o Círculo."

Todo o *coven* recoloca seus *athames* sobre o altar e todos, menos a Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote, se dirigem ao sul do círculo, onde permanecem encarando o altar.

O Grão Sacerdote agora passa a 'atrair a Lua' para a Grã Sacerdotisa. Ela fica de costas para o altar, com o bastão em sua mão direita e o açoite na esquerda, postados de encontro aos seus seios na 'posição de Osíris' – as duas hastes seguras firmemente em seus punhos cerrados, os pulsos cruzados e as hastes também cruzadas acima deles (ver foto 10). Ele se ajoelha diante dela.

O Grão Sacerdote dá o *beijo quíntuplo* na Grã Sacerdotisa, beijando-a no pé direito, no pé esquerdo, no joelho direito, no joelho esquerdo, no ventre, no seio direito, no seio esquerdo e nos lábios (quando ele chega ao ventre, ela abre seus braços para a 'posição de bênção'). Ao fazê-lo, ele diz:

"Abençoados sejam teus pés, que te trouxeram por estes caminhos.
Abençoados sejam teus joelhos, que tocarão o sagrado altar.
Abençoado seja teu ventre,[5] *sem o qual nós não seríamos.*
Abençoados sejam teus seios, na beleza formados.[5]
Abençoados sejam teus lábios, que proferirão os Nomes Sagrados."

[5] Quando uma mulher dá o *beijo quíntuplo* em um homem (como no sabá de Imbolg), ela diz "falo"em vez de "ventre", beijando-o precisamente acima dos pelos púbicos, "seio, em força formado" em vez de "seios, na beleza formados".

No caso do beijo nos lábios, eles se abraçam, corpo a corpo, com os pés de ambos se tocando.

O Grão Sacerdote novamente se ajoelha diante da Grã Sacerdotisa, que retoma a 'posição de bênção', mas com seu pé direito ligeiramente à frente. O Grão Sacerdote faz a invocação :

"Eu te invoco e te rogo, Poderosa Mãe de todos nós, aquela que traz toda a fertilidade; pela semente e a raiz, pelo botão e o talo, pela folha, a flor e o fruto, pela vida e o amor te invoco para que desças sobre o corpo deste teu servo e sacerdotisa."

Durante esta invocação, ele a toca com seu dedo indicador direito no seio direito, seio esquerdo e ventre, os mesmos três de novo e finalmente no seio direito. Ainda ajoelhado, ele então estende os seus braços para fora e para baixo com as palmas das mãos à frente, e diz :[6]

"Salve, Aradia ! Da cornucópia de Amaltéia
Verte teu suprimento de amor; humildemente me curvo
Diante de ti, te adoro até o fim,
Com amoroso sacrifício teu santuário adorno.
Teu pé para meu lábio é..."

Ele beija o pé direito dela e prossegue:

"...minha prece elevada
Sobre a fumaça ascendente do incenso; então dispensa
Teu amor antigo, ó Poderosa, desce
Para amparar-me, eu que sem ti abandonado estou."

Ele então se levanta e dá um passo para trás, ainda encarando a Grã Sacerdotisa.

Esta traça o *pentagrama invocatório da terra,* no ar, à frente dele, com o bastão, dizendo:[7]

"Da Mãe escura e divina
Meu o açoite, e meu o ó beijo;
A estrela de cinco pontas do amor e da felicidade –
Aqui eu vos exorto, sob este signo."

[6] De um poema de Aleister Crowley, originalmente dirigido a Tyche, deusa da fortuna. Adaptado para uso do *Craft* por Gardner, que o apreciava muito.

[7] Da versão rimada (em inglês) de Doreen Valiente para a *Exortação:*
"Of the Mother darksome and divine
Mine the scourge, and mine the kiss;
The five-point star of love and bliss –
Here I charge you, in this sign."

Com isto, a *Atração da Lua* está completa. O estágio seguinte é a *Exortação*.[8] A Grã Sacerdotisa deposita o bastão e o açoite sobre o altar, e ela e o Grão Sacerdote se voltam para o *coven*, ele à esquerda dela. O Grão Sacerdote diz:

"Ouve as palavras da Grande Mãe, ela que outrora era também chamada entre os homens de Artemis, Astarté, Atena, Dione, Melusina, Afrodite, Cerridwen, Dana, Arianrhod, Ísis, Bride[9] e por muitos outros nomes."[10]

A Grã Sacerdotisa diz:

[8] A história da *Exortação* é como se segue. Gardner esboçou uma primeira versão, muito semelhante àquela aqui fornecida para "tudo em meu louvor"(este trecho de abertura tendo sido adaptado dos rituais das bruxas toscanas registrados em *Aradia: The Gospel of the Witches*, de Leland) seguida por alguns extratos de voluptuosa expressão provenientes de Aleister Crowley. Doreen Valiente nos conta que "sentia que isso não era realmente adequado ao Antigo *Craft* dos Sábios, a despeito de quão belas fossem as palavras ou quanto poder-se-ia concordar com o que exprimiam; assim, escrevi uma versão da *Exortação* em versos, conservando as palavras de *Aradia*, por estas serem tradicionais". Esta versão em versos começava por "Mãe escura e divina..." e sua primeira estrofe é ainda usada como a resposta da Grã Sacerdotisa à *Atração da Lua*. Mas a maioria das pessoas pareceu preferir uma *Exortação* em prosa e, assim, ela escreveu a versão final em prosa que apresentamos aqui; esta contém ainda uma ou duas frases de Crowley ("Conservai puro vosso ideal mais elevado", por exemplo, é de seu ensaio *The Law of Liberty* e "... também não exijo [algo em] sacrifício" é de *The Book of the Law*), mas ela integrou o conjunto para nos dar a declaração mais querida no *Craft* da atualidade. Poder-se-ia chamá-la de *credo wiccaniano*. Nossa versão apresenta uma ou duas diferenças ínfimas daquela de Doreen (como *witches* no lugar de *witcheries*), porém nós as mantivemos com as devidas excusas a ela.

[9] Pronuncia-se "Brid". Se você dispõe de um nome de uma deusa local, sem dúvida deve adicioná-lo à lista. Enquanto morávamos no Condado de Wexford, costumávamos adicionar Carman, uma deusa de Wexford (ou heroína, ou ainda vilã, conforme sua versão), que deu ao condado e à cidade seu nome gaélico de Loch Garman (Loch gCarman).

[10] No *Book of Shadows* uma outra sentença se segue aqui: "Em seus altares, a juventude de Lacedemônia, em Esparta, fez seu devido sacrifício."Essa sentença provém de Gardner, não de Valiente. Como em muitos *covens*, nós a omitimos. O sacrifício espartano, embora tenha sido descrito de variadas maneiras, foi certamente algo horrível (consultar, por exemplo, *Greek Myths*, de Robert Graves, # 116.4) e incompatível com a afirmação posterior da *Exortação*: "Também não exijo sacrifício". A propósito, a sentença também é expressa incorretamente: Esparta achava-se na Lacedemônia e não o contrário.

"Sempre que tiveres necessidade de qualquer coisa, uma vez ao mês, e melhor se for quando a lua é cheia, vós vos reunireis em algum sítio secreto e adorareis meu espírito, que sou Rainha de todas as bruxas. Aí devereis reunir-vos, vós que sois desejosos de aprender toda bruxaria, e que, não obstante, não conquistastes seus segredos mais profundos; a estes eu ensinarei coisas que ainda são ignotas. E vós estareis livres da escravidão e, como um sinal que sereis realmente livres, estareis nus em vossos ritos; e dançareis, cantareis, banqueteareis, fareis música e amor, tudo em meu louvor, pois meu é o êxtase do espírito, e meu também é o júbilo sobre a Terra, pois minha lei é o amor voltado a todos os seres. Conservai puro vosso ideal mais elevado; empenhai-vos sempre por ele; não deixai que nada vos detenha ou vos ponha de lado, pois minha é a porta secreta que abre para a Terra da Juventude, e minha é a taça do vinho da vida, e o Caldeirão de Cerridwen, que é o Cálice Sagrado da imortalidade. Eu sou a Deusa benevolente, que concede a dádiva da alegria ao coração do homem. Sobre a Terra concedo o conhecimento do espírito eterno; e além da morte concedo paz e liberdade e reunião com aqueles que se foram antes. Também não exijo sacrifício, pois vede: eu sou a Mãe de tudo que vive e meu amor é vertido sobre a Terra."

O Grão Sacerdote diz:

"Ouvi as palavras da Deusa-Estrela; ela em cuja poeira dos pés estão as hostes do céu e cujo corpo circunda o universo."

A Grã Sacerdotisa diz :

"Eu que sou a beleza da Terra Verde, e a Lua branca entre as estrelas, e o mistério das águas, e o desejo do coração do homem, chamo tua alma. Surge e vem a mim, pois eu sou a alma da natureza, que concede vida ao universo. De mim todas as coisas procedem e a mim todas as coisas têm que retornar; e ante meu rosto, amado dos deuses e dos homens, que teu eu divino interior seja envolvido no arrebatamento do infinito. Que a veneração de mim esteja dentro do coração que regozija, pois vede, todos os atos de amor e de prazer são meus rituais. E, portanto, que haja beleza e força, poder e compaixão, honra e humildade, jovialidade e reverência no interior de vós. E tu, que pensas em buscar a mim, saibas que tua busca e anelo em nada te beneficiarão a não ser que conheças o mistério; que se aquilo que buscas não encontrares dentro de ti, jamais o encontrarás fora de ti, pois vede, eu tenho estado contigo desde o princípio, e eu sou aquilo que é atingido ao fim do desejo."

Este é o fim da *Exortação*.

O Grão Sacerdote, ainda encarando o *coven*, ergue bem os braços e diz:[11] *"Bagabi lacha bachabe*

Lamac cahi achababe
Karellyos
Lamac lamac bachalyas
Cabahagy sabalyos
Baryolos
Lagoz atha cabyolas
Samahac atha famolas
Hurrahya!"

A Grã Sacerdotisa e o *coven* repetem: *"Hurrahya!"*

O Grão Sacerdote e a Grã Sacerdotisa, então, se voltam para o altar com os braços erguidos, suas mãos saudando o *deus cornudo* (indicador e dedo menor retos, esticados, polegares e dedos medianos dobrados na palma da mão). O Grão Sacerdote diz:[12]

"Grande deus Cernunnos, retorna à Terra novamente!
Atende a meu chamado e mostra-te aos homens.
Pastor de Cabras, no caminho da colina selvagem,
Conduz teu rebanho perdido das trevas para o dia.
Os caminhos do sono e da noite estão esquecidos –
Buscam-nos os homens, cujos olhos perderam a luz.
Abre a porta, a porta que chave não tem,
A porta dos sonhos, pela qual os homens a ti vêm.
Pastor de cabras, responde-me !"

O Grão Sacerdote e a Grã Sacerdotisa dizem juntos:[13]

"Akhera goiti – akhera beiti!"
abaixando as mãos na segunda frase.

[11] Este estranho encantamento, que primeiramente se soube ter aparecido numa peça francesa do século XIII, é tradicional na bruxaria. Seu significado é desconhecido, embora Michael Harrison, em *The Roots of Witchcraft*, tente estabelecer uma questão interessante, segundo a qual tratar-se-ia de uma forma corrompida de basco e uma convocação para a reunião de Samhain.

[12] Esta é a *invocação* a Pã, do capítulo XIII de *Moon Magic*, de Dion Fortune, com o nome do deus do *coven* substituindo o de Pã.

[13] Esse é um antigo encantamento das bruxas bascas, que significa: Ö bode acima – o bode abaixo". Nós o encontramos em *The Roots of Witchcraft*, gostamos dele e o adotamos.

A Grã Sacerdotisa, seguida pelo Grão Sacerdote, conduz então o *coven* à *Runa das Bruxas* – uma dança em círculo no sentido horário, olhando-se para dentro e segurando-se as mãos (palmas da mão esquerda para cima, palmas da direita para baixo), homens e mulheres alternados, na medida do possível. A Grã Sacerdotisa estabelece o compasso – e pode por vezes largar a mão do homem à frente dela e entrelaçar o *coven* atrás de si, para dentro e para fora como uma serpente. Não importa quão complexo seja seu movimento, de um lado para outro ou para dentro e para fora, ninguém deve deixar de segui-la, conservando-se todos em movimento, continuando de mãos dadas, até que a fila se desenrede por si só. À medida que a dança em círculo se processa, o *coven* todo canta: [14]

"Eko, Eko, Azarak,
Eko, Eko, Zamilak,
Eko, Eko, Cernunnos
Eko, Eko, Aradia ! } *(repetir três vezes)*

Noite sombria e lua que resplandece,
Leste, então Sul, então Oeste, então Norte;
A Runa das Bruxas escutai –
Aqui estamos para vos fazer surgir!
Terra e água, ar e fogo,
Bastão e pentáculo e espada,
Laborai para nosso desejo,

[14] Este canto, a "Runa das Bruxas", foi escrito por Doreen Valiente e Gerald Gardner em parceria. As linhas que contêm *"Eki, Eko"* (nas quais os *covens* geralmente inserem seus próprios nomes de deus e deusa – as linhas 3 e 4) não faziam parte de sua *runa* original; ela nos conta: "Costumávamos usá-los como um prefácio ao antigo canto *"Bagabi lacha bachabe"* (ao qual Michael Harrison também lhes atribui),"... mas não acho tampouco que eram originalmente uma parte deste canto, mas sim de um outro canto antigo. Escrevendo a partir da memória, era mais ou menos assim:

Eko Eko Azarak
Eko Eko Zomelak
Zod ru koz e zod ru koo
Zod ru goz e gooru moo
Eeo Eeo hoo hoo hoo!

Não, não sei o significado destas palavras! Mas suponho que "Azarak"e "Zomelak" seja nomes de deuses". E Doreen Valiente acrescenta: "Não há nenhuma razão para que essas palavras não sejam usadas como vocês as usaram." Damos aqui a versão com a qual nós, e muitos outros *covens*, nos acostumamos; as únicas diferenças é que, no original, constam "Eu, meu" em lugar de "Nós, nosso", e constam "Leste, então Sul e Oeste e Norte e "Na terra e ar e mar, pela luz da lua ou do sol."

Escutai nossa palavra!
Cordas e incensário, açoite e faca,
Poderes da lâmina da bruxa –
Despertai todos vós para a vida,
Vinde à medida que realizado é o encanto!
Rainha do céu, Rainha do inferno,
Cornudo caçador da noite –
Emprestai vosso poder ao encantamento,
E trabalhai nossa vontade pelo rito mágico!
Por todo o poder da terra e do mar,
Por todo o poder da lua e do sol –
Como nós com efeito queremos, que possa ser;
Cantai o encantamento, e que realizado seja!

Eko, Eko, Azarak,
Eko, Eko, Zamilak,
Eko, Eko, Cernunnos,
Eko, Eko, Aradia!" (repetir até que tudo esteja pronto)

Quando a Grã Sacerdotisa decide que é hora (e, caso tenha estado se movendo de uma lado para outro, tenha feito voltar o *coven* a um perfeito círculo), ela ordena :

"Ao chão!"

Todo o *coven* se abaixa e se senta, formando um círculo, fitando o interior.

Este é o desfecho do *Ritual de Abertura.* E se a reunião fosse um *Esbá*, a Grã Sacerdotisa agora dirigiria o trabalho específico a ser executado. Sendo um sabá, o ritual apropriado principia agora.

Um outro pequeno ritual deve ser apresentado aqui, de modo a completar o quadro: a *consagração do vinho e dos bolos.* Esta ocorre em todo esbá, via de regra após o término do trabalho e antes do *coven* relaxar-se dentro do *círculo.* Num sabá, tanto o vinho quanto os bolos têm que ser consagrados, se o *Grande Rito* for real (ver seção II); se o *Grande Rito* for simbólico, a consagração do vinho será uma parte integrante dele, ficando somente os bolos para serem consagrados pelo ritual usual.

Consagração do vinho e dos bolos

Um bruxo se ajoelha diante de uma bruxa à frente do altar. Ele segura o cálice de vinho para ela; ela segura seu *athame* com a ponta para baixo e a mergulha no vinho (ver foto 17).

O homem diz:

"Como o athame é para o homem, a taça é para a mulher e unidos eles se tornam um na verdade."

A mulher deposita seu *athame* no altar e, em seguida, beija o homem (que permanece ajoelhado) e aceita o cálice dele. Ela bebe um pequeno gole do vinho, beija o homem de novo e lhe devolve o cálice. Ele toma também um pequeno gole do vinho, levanta-se e entrega o cálice a uma outra mulher com um beijo.

O cálice é passado deste modo por todo o *coven*, de homem para mulher e de mulher para homem (toda vez com um beijo) até todos terem sorvido o vinho.

Se houver mais trabalho a ser feito, o cálice retorna ao altar. Se o *coven* estiver agora pronto para relaxar dentro do círculo, o cálice será colocado entre seus membros, à medida que sentam sobre o chão, sendo que todos podem dele beber como desejarem. O ritual de *passar o cálice de vinho com o beijo* é necessário somente nessa primeira rodada. Tampouco há necessidade de reconsagração, se o cálice for enchido novamente após esse relaxamento.

Para consagrar os bolos, a mulher apanha seu *athame* mais uma vez, e o homem, ajoelhando-se diante dela, ergue a tigela de bolos (ou biscoitos) (ver foto 3). Ela traça o *pentagrama invocatório da terra* no ar, acima dos bolos, com seu *athame*, enquanto o homem diz:[15]

"Ó Rainha a mais secreta, abençoa este alimento para os nossos corpos, concedendo saúde, riqueza, força, júbilo e paz, e aquela plenitude de amor que é ventura perfeita."

A mulher deposita seu *athame* no altar, beija o homem e toma um bolo da tigela. Ela o beija novamente e ele toma um bolo. Em seguida, ele se levanta e passa a tigela a uma outra mulher com um beijo.

A tigela é assim passada a todo o *coven*, de homem para mulher, de mulher para homem (sempre com um beijo), até que todos tenham pego um bolo.

[15] Adaptado da *Missa Gnostica*, de Crowley.

II O Grande Rito

Dizer que o *Grande Rito* é um ritual de polaridade masculino/feminina é correto, mas soa um tanto friamente técnico. Dizer que é um rito sexual é também correto, mas soa (para o desinformado) como uma orgia. Assim, tentemos colocá-lo de modo equilibrado e na devida proporção.

Esse ritual pode ser interpretado de duas formas. Pode ser (e supomos, geralmente na maioria dos *covens* o é) puramente simbólico, caso em que a totalidade do *coven* está presente o tempo todo. Ou pode ser 'real', ou seja, encerrando relação sexual, caso em que todo o *coven*, exceto o homem e a mulher envolvidos, deixa o círculo e o aposento antes que o ritual se torne íntimo, e não retorna enquanto não é convocado para isso.

Mas seja ele simbólico ou 'real', bruxas e bruxos não excusam a natureza sexual desse rito. Para elas e eles o sexo é sagrado – uma manifes-

tação daquela polaridade essencial que penetra e ativa o universo todo, do macrocosmo ao microcosmo, e sem a qual o universo seria inerte e estático, em outras palavras, não existiria. O casal que representa o *Grande Rito* está oferecendo a si mesmo, com reverência e alegria, como expressões dos aspectos de Deus e Deusa da *Fonte Suprema*. "Como é acima, é abaixo." Eles estão fazendo de si próprios, no máximo de suas capacidades, canais para aquela polaridade divina em *todos* os níveis, do físico ao espiritual. Esta é a razão de chamar-se o ***Grande*** Rito.

É também a razão porque o *Grande Rito* 'real' é representado sem testemunhas, não por uma questão de pudor, mas pela dignidade da privacidade. E é porque o *Grande Rito* sob sua forma 'real' deve, nós o sentimos, ser representado por parceiros casados ou por amantes que detenham uma união ou unidade semelhante à do casamento. Pelo fato de *ser* um rito mágico, poderoso e carregado pela intensidade da relação sexual, se interpretado por um casal cujo relacionamento é menos estreito, pode ativar vínculos em níveis para os quais tal casal não esteja preparado e que podem se revelar desequilibrados e perturbadores.

"A relação sexual ritual...", afirma Doreen Valiente, "...é realmente uma idéia muito antiga, provavelmente tão antiga quanto a própria humanidade. Obviamente, é o próprio oposto da promiscuidade. Relação sexual com propósitos rituais deve ser com um parceiro cuidadosamente selecionado, na hora certa e no lugar certo... É amor e exclusivamente amor que pode transmitir ao sexo a centelha da magia." (*Natural Magic*, pg. 110)

O *Grande Rito simbólico*, entretanto, é um ritual perfeitamente seguro e benéfico para dois bruxos de sexo oposto experientes ao nível de amizade normal entre membros do mesmo *coven*. Cabe à Grã Sacerdotisa decidir quem é adequado.

Talvez uma boa maneira de expressá-lo seria dizer que o *Grande Rito* 'real' é magia sexual, enquanto que o *Grande Rito simbólico é* magia do *gênero*.

A invocação do *Grande Rito* especificamente declara que o corpo da mulher participante é um altar, com seu ventre e órgãos de geração como seu foco sagrado, e o reverencia como tal. É quase ocioso frisar aos nossos leitores que isso nada tem a ver com qualquer *missa negra*, pois a própria *missa negra* nada tinha a ver com a *Velha Religião*. A *missa negra* era uma heresia *cristã*, na qual eram utilizadas formas cristãs pervertidas, sendo realizada por sofisticados indivíduos degenerados e sacerdotes destituídos da batina ou corruptos; nesta o altar vivo era usado para conspurcar a *hóstia*

cristã, obscenidade por certo absolutamente estranha ao espírito e intento do *Grande Rito*.

Em muitas religiões pagãs sinceras e honradas, por outro lado, "...há uma figura genuinamente antiga: a mulher nua sobre o altar...", Doreen Valiente ressalta e prossegue nos seguintes termos: "Seria mais correto dizer, a mulher nua que é o altar pois este é o seu papel original... Este uso do corpo nu de uma mulher viva como o altar, onde as forças da vida são veneradas e invocadas, remonta à época anterior aos primórdios da cristandade; aos dias do antigo culto da Grande Deusa da Natureza, na qual todas as coisas eram uma, sob a imagem da *Mulher*." (*An ABC of Witchcraft*, pg. 44)

Na verdade, não apenas o altar arquetípico como também toda igreja, templo ou sinagoga *é* o corpo da deusa – psicologicamente, espiritualmente e em sua evolução histórica. Todo o complexo simbolismo da arquitetura eclesiástica ostenta isso inquestionavelmente, ponto por ponto; quem quer que duvide disso deve ler o manual fartamente documentado (embora confusamente apresentado) de Lawrence Durdin-Robertson, *The Symbolism of Temple Architecture*.

Assim o simbolismo de *Wicca* faz apenas, de maneira vívida e natural, aquilo que as outras religiões fazem de maneira indireta e subconsciente.

Nos sabás, o *Grande Rito* é geralmente representado pela Grã Sacerdotisa e pelo Grão Sacerdote. Os sabás são ocasiões especiais, picos de percepção e significado, intensificadas no ano das bruxas, de sorte que é apropriado que, nesses festivais, os dirigentes dos *covens* assumam esse papel-chave para si em nome do *coven*. Todavia, *Wicca* nada tem a ver com procedimentos rígidos e, assim, poderá haver ocasiões em que eles decidirão que um outro casal deverá ser indicado para o *Grande Rito* do sabá.

A Preparação

O único ítem extra necessário para o *Grande Rito*, seja simbólico ou 'real', é um véu de aproximadamente um metro quadrado. Deve ser, de preferência, de uma das cores da deusa: azul, verde, prateado ou branco.

O cálice deverá ser prontamente enchido de vinho.

A Grã Sacerdotisa pode também decidir mudar a fita de música para algo especialmente apropriado, possivelmente alguma música que encerre um significado pessoal para ela e seu parceiro (a fim de simplificar, estamos supondo aqui e na seqüência que são a Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote que estão representando o *rito*).

O Ritual Simbólico

Se o caldeirão estiver no centro, será movido para o sul do *círculo*, a menos que o ritual indique alguma outra posição.

Os membros do *coven*, com exceção da Grã Sacerdotisa e do Grão Sacerdote, se dispõem em torno do perímetro do círculo, homem e mulher alternadamente na medida do possível, encarando o centro.

A Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote se postam em pé, face à face, no centro do círculo, ela dando as costas para o altar, ele dando as costas para o sul.

O Grão Sacerdote dá o *beijo quíntuplo* na Grã Sacerdotisa.

Esta, então, se deita de costas, rosto voltado para cima, os quadris no centro do círculo, a cabeça voltada para o altar, braços e pernas devidamente estendidos, de modo a formar o pentagrama.

O Grão Sacerdote pega o véu e o estende sobre o corpo da Grã Sacerdotisa, cobrindo-a dos seios aos joelhos. Em seguida, ajoelha-se. olhando-a, seus joelhos entre os pés dela (ver foto 4).

O Grão Sacerdote chama uma bruxa pelo nome, para que traga seu (dele) *athame* do altar. A bruxa o faz e permanece com o *athame* em suas mãos, a quase um metro a oeste dos quadris da Grã Sacerdotisa e encarando-a.

O Grão Sacerdote chama um bruxo pelo nome, para que traga o cálice de vinho do altar. O bruxo assim o faz e permanece com o cálice em suas mãos, a quase um metro a leste dos quadris da Grã Sacerdotisa e encarando-a.

O Grão Sacerdote profere a *invocação* :

"Assiste-me para erigir o antigo altar, no qual em dias pretéritos todos veneravam;
O grande altar de todas as coisas.
Pois outrora, a Mulher era o altar.
Assim era o altar feito e disposto,
E o sítio sagrado era o ponto no centro do círculo.
Como outrora fomos ensinados que o ponto no centro é a origem de todas as coisas,
E portanto devemos nós adorá-lo;
Portanto quem adoramos igualmente invocamos.
Ó Círculo de Estrelas,
De quem nosso pai é apenas o irmão mais jovem,
Maravilha além da imaginação, alma do espaço infinito,

Ante a qual o tempo se envergonha, a mente se desnorteia, e o entendimento é obscurecido,
A ti não podemos atingir a menos que tua imagem seja amor.
Portanto pela semente e raiz, pelo talo e botão,
E pela folha, flor e fruto nós te invocamos,
Ó Rainha do Espaço, ó Jóia da Luz,
Contínua dos céus;
Deixa que assim sempre seja
Que os homens falem não de ti como Uma, mas como Nenhuma;
E que eles não falem de ti de modo algum, visto que és contínua.[1]
Pois tu és o ponto no interior do círculo, que adoramos;
O ponto de vida, sem o qual não seríamos.
E deste modo verdadeiramente são erigidas as santas colunas gêmeas;[2]
Em beleza e em força foram elas erigidas
Para o maravilhamento e glória de todos os homens."

O Grão Sacerdote remove o véu do corpo da Grã Sacerdotisa e o entrega à bruxa, que lhe entrega seu *athame*.

A Grã Sacerdotisa se levanta e ajoelha-se, encarando o Grã Sacerdote, e toma o cálice do bruxo. (Note-se que essas entregas são efetuadas *sem* o costumeiro beijo ritual)

O Grã Sacerdote continua a invocação:

"Altar do mistério múltiplo,[3]
Ponto secreto do círculo sagrado –
Assim marco a ti como no passado,
Com beijos de meus lábios untados."

O Grão Sacerdote beija a Grã Sacerdotisa nos lábios, continua :

"Abre para mim a secreta via,
Da inteligência a senda,

[1] De *"Ó Círculo de Estrelas"* até *"...visto que és contínua"* é uma invocação do *Book of Shadows* extraída da *Missa Gnóstica* presente no *Magick* de Aleister Crowley.

[2] As "santas colunas gêmeas" são *Boaz* e *Jachin*, que flanqueavam a entrada do *Santos dos Santos* do Templo de Salomão. Boaz (de cor preta) representa *severidade* ("força") e Jachin (de cor branca) *suavidade* ("beleza"), cf. a Árvore da Vida e a carta *A Sacerdotisa*, do Tarô. No *Grande Rito, são claramente simbolizadas pelas pernas da mulher-altar.*

[3] De *"Altar do mistério múltiplo"* ao fim da invocação foi escrito por Doreen Valiente, que compôs também uma versão completamente rimada.

Além dos portais da noite e do dia,
Além das fronteiras do tempo e do sentido.
Contempla o mistério corretamente –
Os cinco pontos verdadeiros do companheirismo..."

A Grã Sacerdotisa ergue o cálice e o Grão Sacerdote abaixa a ponta de seu *athame* para dentro do vinho (ambos usam as duas mãos para fazê-lo – ver foto 19). O Grão Sacerdote prossegue:

"Aqui onde a Lança e o Graal se unem,
E pés, e joelhos, e seio, e lábio."

O Grão Sacerdote entrega seu *athame* à bruxa e, em seguida, coloca ambas as mãos em torno daquelas da Grã Sacerdotisa, enquanto ela segura o cálice. Ele a beija e ela sorve o vinho; ela o beija e ele sorve o vinho. Ambos mantêm as mãos em torno do cálice, enquanto fazem isso.

O Grão Sacerdote toma então o cálice da Grã Sacerdotisa e ambos se levantam.

O Grão Sacerdote entrega o cálice à bruxa com um beijo, e ela bebe um gole, passando o cálice com um beijo ao bruxo, o qual bebe por sua vez. A partir dele o cálice é passado de homem para mulher, de mulher para homem por todo o *coven*, sempre mediante um beijo, da maneira normal.

A Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote consagram então os bolos, que são passados pelos membros do *coven* da maneira normal.

O Ritual 'Real'

O Grande Rito 'real' obedece ao mesmo procedimento do rito simbólico acima, com as exceções que apresentamos a seguir.

A bruxa e o bruxo não são chamados e o *athame* e o cálice permanecem no altar.

Quando o Grão Sacerdote chega a *"Para o maravilhamento e a glória de todos os homens"* na invocação, ele pára. A *Donzela*, então, traz seu (dela) *athame* do altar e ritualisticamente abre um portal no círculo pela porta do aposento. O *coven* marcha em fila e sai do aposento. A *Donzela* sai por último do círculo, sela ritualisticamente o portal atrás de si, deposita seu *athame* no chão fora do círculo e deixa o aposento, fechando a porta atrás de si.

A Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote são assim deixados sozinhos no aposento e no círculo.

O Grão Sacerdote continua a invocação até o fim, mas os detalhes

efetivos da representação do rito são agora um assunto privativo para ele e a Grã Sacerdotisa. Nenhum membro do *coven* pode indagá-los sobre isso depois, direta ou indiretamente.

Quando estão prontos para readmitir o *coven*, o Grão Sacerdote toma seu *athame* do altar, abre ritualisticamente o portal, abre a porta e convoca o *coven*. Ele devolve, em seguida, o seu *athame* ao altar.

A *Donzela* pega seu *athame* a caminho e ritualisticamente sela o portal, depois do *coven* ter reingresso no círculo. Ela devolve seu *athame* ao altar.

Vinho e bolos são agora consagrados do modo normal.

III O Ritual de Encerramento

Um círculo mágico, uma vez traçado, necessita sempre e sem qualquer exceção ser banido, uma vez tenha se concluído a ocasião ou finalidade para as quais foi traçado.[1] Seria falta de boas maneiras não agradecer e despedir-se das entidades que você invocou para proteger o círculo; magia ruim criar uma barreira no plano astral e então deixá-la não desmontada, um obstáculo acidental como um ancinho virado para cima na alameda de um jardim; e má psicologia alimentar tão pouca crença em sua realidade e eficácia a ponto de se supor que se afastará no momento em que se pára de pensar nele.

[1] O *Rito de Hagiel*, como é descrito no capítulo XIV de *What Witches Do*, parece quebrar esta regra, mas as circunstâncias especiais devem estar claras para os cuidadosos leitores dele. A propósito, os *Senhores das Atalaias* não são convocados.

A Preparação

A rigor, nenhuma preparação é necessária para o ritual de banimento do *círculo*, mas deve-se ter em mente duas coisas durante suas atividades *no círculo* em antecipação a ele.

Em primeiro lugar, se quaisquer objetos tiverem sido consagrados no círculo, devem ser mantidos juntos – ou, ao menos, cada um deles lembrados – de modo que possam ser apanhados e carregados por alguém colocado na parte posterior do *coven*, durante o banimento. Fazer os gestos de um *pentagrama de banimento* na direção de um objeto recentemente consagrado teria um efeito neutralizador.

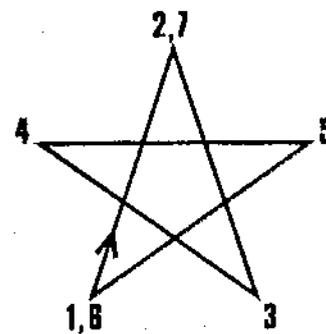
Em segundo lugar, deve-se considerar que ao menos um bolo ou biscoito e um pouco do vinho sobrem, de modo que possam ser levados para fora posteriormente e espalhados ou derramados como uma oferenda à terra (como moramos na Irlanda, seguimos a tradição local, fazendo esta oferenda de uma maneira ligeiramente diferente; nós a deixamos durante a noite em duas pequenas bacias, colocadas na parte externa de um peitoril de janela que dê para o oeste, para as *sidhe* [pronuncia-se 'xi'] ou o povo das fadas. Diz-se, a propósito, que as *sidhe* apreciam um naco de manteiga no bolo ou biscoito).

O Ritual

A Grã Sacerdotisa encara o leste com seu *athame* na mão. O Grão Sacerdote permanece à sua direita e o resto do *coven* permanece atrás deles. Todos portam seus *athames*, se os tiverem, exceto a pessoa que carrega os objetos recentemente consagrados (se houver), que permanece à direita na retaguarda. A *Donzela* (ou alguém apontado pela Grã Sacerdotisa para esta finalidade) fica perto da parte da frente, pronta para apagar, uma a uma, as velas.

A Grã Sacerdotisa diz:

"Vós Senhores das Atalaias do Leste, vós Senhores do Ar, vos agradecemos por atenderem aos nossos ritos e, antes que partais para vossos agradáveis e belos domínios, nós vos saudamos e nos despedimos... .Saudações e despedidas."

À medida que fala, ela traça o *pentagrama de banimento da terra* com seu *athame*, no ar, à frente de si, da maneira indicada abaixo:

Banimento

Depois de traçar o pentagrama, ela beija a lâmina de seu *athame* e o pousa sobre seu coração por um segundo ou dois.

O Grão Sacerdote e o resto do *coven* imitam todos esses gestos com seus próprios *athames*; todos os que estiverem sem *athames* usam seus dedos indicadores direitos (o portador dos objetos consagrados não faz gesto algum). Todos dizem com a Grã Sacerdotisa o *"Saudações e despedidas"*.

A *Donzela* dá um passo à frente e apaga a vela do leste.

O procedimento total é repetido encarando-se o sul, a Grã Sacerdotisa dizendo:

"Vós Senhores das Atalaias do Sul, vós Senhores do Fogo, vos agradecemos por atenderem aos nossos ritos e, antes que partais para vossos agradáveis e belos domínios, nós vos saudamos e nos despedimos... Saudações e despedidas."

A seguir, encarando o oeste, a Grã Sacerdotisa diz:

"Vós Senhores das Atalaias do Oeste, vós Senhores da Água, vós Senhores da Morte e da Iniciação, vos agradecemos por atenderem aos nossos ritos e, antes que partais para vossos agradáveis e belos domínios, nós vos saudamos e nos despedimos... Saudações e despedidas."

Em seguida, encarando o norte, a Grã Sacerdotisa diz:

"Vós Senhores das Atalaias do Norte, vós Senhores da Terra; Boreas, tu guardião dos portais do Norte; tu Deus poderoso , tu Deusa gentil; vos agradecemos por atenderem aos nossos ritos e, antes que partais para vossos agradáveis e belos domínios, nós vos saudamos e nos despedimos... Saudações e despedidas."

Ao norte, a *Donzela* simplesmente apaga a vela da terra; por motivos puramente práticos, ela deixa as duas velas do altar acesas até as luzes do aposento serem acesas.

O sabá está terminado.

Os Oito Sabás

IV Imbolg, 2 de fevereiro*

Denominamos os quatro *sabás maiores* com seus nomes celtas por uma questão de coerência e usamos as formas gaélico-irlandesas desses nomes pelas razões indicadas na pg. 12. Mas Imbolg é mais comumente conhecido, mesmo entre bruxas e bruxos, pelo belo nome *Candlemas*** sob o qual foi cristianizado – o que é suficientemente compreensível porque esta *Festa de Luzes* pode e deve ser uma excelente ocasião.

Imbolg é *i mbolg* (pronuncia-se 'im*mol* 'g', com uma leve vogal não acentuada entre o 'l' e o 'g') que significa 'no ventre'. Trata-se do avivamento do ano, os primeiros estímulos fetais da primavera no útero da *Mãe*

* 3 de agosto no hemisfério sul. (n.t.)

** Candelária (n.t.)

Terra. Como todos os *grandes sabás celtas*, é um festival do fogo, mas, neste caso, a ênfase é mais sobre a luz do que sobre o calor, a centelha fortalecedora da luz principiando a penetrar a escuridão do inverno (mais ao sul, onde o inverno é menos ameaçadoramente escuro, a ênfase pode ser de outra ordem; os cristãos armênios, por exemplo, acendem seu novo fogo sagrado do ano na véspera da Candelária, e não na Páscoa como em outros lugares).

A Lua é o símbolo de luz da Deusa e a Lua, acima de tudo, representa seu aspecto triplo de *virgem, mãe* e *velha* (*encanto, madureza* e *sabedoria*). O luar (luz da lua) é particularmente o da inspiração. Assim, é apropriado que Imbolg deva ser a festa de Brígida (Brid, Brigante), a radiante deusa-musa tripla, que é também uma promotora de fertilidade, pois em Imbolg, quando as primeiras trombetas da primavera podem ser ouvidas à distância, o espírito é avivado bem como o corpo e a terra.

Brígida (que também deu seu nome a Brigantia, o reino celta encerrando a totalidade do norte da Inglaterra, acima de uma fronteira do Wash a Staffordshire) é um clássico exemplo de uma divindade pagã cristianizada sem grande tentativa de esconder o fato, ou como Frazer expressa em *The Golden Bough* (pg. 177),[1] ela é "uma antiga deusa pagã da fertilidade, disfarçada num puído manto cristão". O dia de Santa Brígida, *Lá Fhéile Bríd* (pronuncia-se aproximadamente 'ló ella bríd') na Irlanda é 1° de fevereiro, a véspera de Imbolg. A histórica Santa Brígida viveu aproximadamente entre 453 e 523 A.D., mas suas lendas, características e lugares santos são os da deusa Brid, e os costumes populares do dia de Santa Brígida nas terras celtas são claramente pré-cristãos. É significativo o fato de Brígida ser conhecida como "a Maria do Gael",* pois como Maria ela transcende os dados biográficos humanos para satisfazer "o anelo sob forma da deusa" do homem (ver pg. 142 na seqüência). A tradição, a propósito, afirma que Santa Brígida foi educada por um mago e que ela detinha o poder de multiplicar alimento e bebida para alimentar os necessitados, inclusive a aprazível capacidade de transformar a água de seu banho em cerveja.

---

[1] Toda referência bibliográfica no texto, com editor e data e onde for necessário (como aqui em relação a *The Golden Bough*) a edição à qual as referências de página são feitas, consta da *Bibliografia* no final do livro, juntamente com alguns dos livros que julgamos muitíssimo úteis em nosso estudo das tradições das estações e da mitologia.

* O termo *Gael* designa particularmente o celta que habitava a região montanhosa da Escócia; por extensão, o celta que habitava os territórios que, posteriormente, passaram a corresponder à Irlanda, à Escócia ou à Ilha de Man. (n.t.)

A confecção de cruzes de Santa Brígida de junco ou palha (e são ainda largamente feitas na Irlanda, tanto em casa como para as lojas de artesanato) "deriva provavelmente de uma cerimônia antiga pré-cristã ligada ao preparo da semente para o cultivo na primavera" (*The Irish Times*, 1°. de fevereiro de 1977).

Na Escócia, na véspera do dia de Santa Brígida, as mulheres da casa vestiam um feixe de aveia com roupa feminina e o depositavam num cesto chamado de 'leito de Brígida', lado a lado com um porrete fálico. Em seguida, elas proferiam três vezes: "Brid é vinda, Brid é benvinda!" e deixavam velas acesas junto ao 'leito' a noite inteira. Se a impressão do porrete fosse encontrada nas cinzas da lareira de manhã, o ano seria frutífero e próspero. O antigo significado é claro: mediante o uso de símbolos apropriados, as mulheres da casa preparam um lugar para a deusa e lhe dão as boas vindas, convidando, ademais, o deus fertilizador a vir e impregná-la. Então, discretamente se recolhem e, quando a noite é finda, voltam em busca de um sinal da visita do deus (a pegada deste junto ao fogo da deusa da luz?) Se o sinal ali estivesse, a invocação delas teria sido bem sucedida e o ano prenhe da esperada abundância.

Na Ilha de Man, um ritual similar era realizado. Ali, a ocasião era chamada de *Laa'l Breeshey.* No norte da Inglaterra – a antiga *Brigantia*, a Candelária era conhecida como 'o Dia de Festa das Mulheres'.

O ritual de boas vindas ainda faz parte de *Lá Fhéile Bríd* em muitos lares irlandeses. Philomena Rooney de Wexford, cuja família mora próximo da fronteira de Leitrim-Donegal, nos conta que ela continua indo para casa para esse ritual sempre que pode. Enquanto seus avós ainda eram vivos, toda a família se reunia em sua casa na véspera do dia de Santa Brígida, 31 de janeiro. O tio dela ajuntava uma carroçada de junco da fazenda e o trazia até a porta à meia-noite. O ritual é sempre o mesmo.

> "A pessoa que traz o junco até a casa cobre sua (dele ou dela) cabeça e bate à porta. A *Bean an Tighe* (mulher da casa) manda alguém abrir a porta e diz à pessoa que está entrando *'Fáilte leat a Bhríd'* ('Benvinda, Brígida'), ao que a pessoa que entra responde *'Beannacht Dé ar daoine an tighe seo'* ('Deus abençoe as pessoas desta casa'). A água benta é borrifada sobre o junco e todos se associam na confecção das cruzes. Feitas as cruzes, o junco que sobra é enterrado, depois do que todos se reúnem para uma refeição. Em 1°. de fevereiro, as cruzes do último ano são queimadas e substituídas pelas recentemente confeccionadas."

Na família de Philomena dois tipos de cruzes eram feitos. Sua avó, que era proveniente do North Leitrim, fazia a cruz céltica, de braços iguais

e encerrada num círculo. Seu avô, que vinha do South Donegal, fazia a simples cruz de braços iguais. Ela supõe se tratarem de estilos tradicionais locais.[2] Atribuía-se grande importância à incineração das cruzes do ano passado. "Temos essa coisa que você não deve jogar isso fora, mas deve sim queimar." Aqui novamente encontramos o tema que se repete ao longo do ciclo ritual do ano: a importância mágica do fogo.

Na Irlanda, esta terra de fontes mágicas (há um elenco de mais de três mil fontes sagradas irlandesas), há provavelmente mais fontes de Brígida do que mesmo de São Patrício – o que não tem nada de surpreendente, porque a dama aqui se achava primeiro por séculos incontáveis. Há um *tobar Bhríd* (fonte de Brígida) a somente uma milha de nosso primeiro lar na Irlanda, perto de Ferns, no condado de Wexford, no campo vizinho de um fazendeiro. Trata-se de uma nascente muito antiga e a localidade é conhecida como tendo sido sagrada a Brígida por bem uns mil anos e, sem dúvida, por um longo tempo antes disso. O fazendeiro (lamentavelmente porque é sensível à tradição) teve que cobrir a fonte com uma rocha, porque se tornou um perigo para as crianças. Mas ele nos contou que havia sempre pedaços de tecido[3], que podiam ser vistos atados aos arbustos próximos, ali colocados secretamente por pessoas que invocavam a ajuda de Brid, como fora feito desde tempos imemoriais. E nós pudemos literalmente sentir ainda o poder do lugar pousando nossas mãos sobre a rocha. A propósito, se como tantas bruxas você acredita na magia dos nomes, você deve pronunciar Brid ou Bride como 'bríd' e *não* de modo a rimar com 'hide' como foi um tanto grosseiramente anglicizado, por exemplo no próprio *tobar Bhríd* de Londres, *Bridewell.*

Na antiga Roma, fevereiro era tempo de limpeza – *Februarius mensis*, 'o mês de purificação ritual". No começo deste mês acontecia a *Lupercalia*, quando os *Luperci*, os sacerdotes de Pã, corriam pelas ruas nus, exceto por um cinto de pele de cabra, e carregando correias de pele de cabra. Com estas eles golpeavam todos os passantes e, particularmente, as mulheres casadas, que, se acreditava, devido a isso se tornavam férteis. Este ritual era tanto popular quanto patrício (ficou registrado que Marco Antonio desempenhou o papel de *Lupercus*) e sobreviveu por séculos ingressando na era cristã. As mulheres desenvolveram o hábito de também se despirem para aumentarem a área a ser golpeada pelos *Luperci.* O Papa Gelásio I, que reinou de 492 a 496 A.D., baniu esse alegremente escandaloso festival e enfrentou um tal clamor, que teve que se excusar. Mas foi finalmente abolido no início do século seguinte.

Lupercalia à parte, a tradição da purificação de fevereiro permaneceu forte. Doreen Valiente diz em *An ABC of Witchcraft Past and Present*: "As sempre-vivas para as decorações do Natal eram azevinho, hera, visco, o loureiro de perfume suave e o alecrim, e ramos verdes da árvore do buxo. Na Candelária, tudo tinha de ser colhido e queimado, caso contrário duendes assombrariam a casa. Em outras palavras, nessa ocasião uma nova

---

[2] Padrões locais das cruzes de Brígida realmente variam consideravelmente. A cruz "simples" de Philomena na verdade possui os quatro braços combinadas separadamente, com suas raízes excêntricas, produzindo o efeito da *suástica* (roda de fogo). Esta é, inclusive, o tipo do nosso condado (*County Mayo*), embora também tenhamos visto padrões losangulares simples e múltiplos. Um tipo *County Armagh*, que nos foi dado por um amigo, tem cada uma das duas travessas constituída por três feixes entrelaçando com os outros três ao centro, e vimos tipos semelhantes provenientes dos condados de *Galway, Clare e Kerry* – membros talvez das "Três Brígidas", a deusa-musa tripla original? (consultar *The White Goddess*, pp.101, 394 e alhures). Um exemplo de *County Derry* tem cinco segmentos de braço em lugar de três e um tipo do oeste de West Donegal possui um triplo segmento vertical e um único horizontal. Tal diversidade local mostra quão profundas são as raízes do costume popular. A Cruz de Brígida sob a forma de roda de fogo, com braços de três segmentos, é o símbolo da *Radio Telefís Éireann.*

[3] Estes pedaços de tecido provavelmente simbolizam vestimenta. As mulheres ciganas, em sua famosa peregrinação anual a *Saintes-Maries-de-la-Mer*, no sul da França, em 24 e 25 de maio, deixam itens do vestuário, que representam os ausentes ou os doentes,na cripta-santuário de sua padroeira, a *Negra Sara*. "O cerimonial não é claramente original. O rito de dependurar roupas é conhecido entre os dravidianos do norte da Índia, que 'acreditam realmente que a roupa branca de linho e as roupas em geral de uma pessoa doente se tornam impregnadas de sua doença e que o paciente será curado, se sua roupa branca for purificada pelo contato com uma árvore sagrada'. Conseqüentemente, entre eles são vistas árvores ou imagens cobertas com farrapos de roupa, que eles chamam de *Chitralya Bhavani*, 'Nossa Senhora dos Farrapos'. Existe igualmente uma Árvore para Farrapos (*sinderich ogateh*) entre os *kirghiz* do mar de Aral. Poder-se-ia provavelmente descobrir outros exemplos desta profilaxia mágica." Pode-se realmente. Ficamos pensando, por exemplo, porque itinerantes irlandeses sempre parecem deixar alguma roupa atrás de si nos arbustos, num lugar de acampamento abandonado. Trata-se de peças de roupa em estado bastante precário e pouco limpas, é verdade, mas muitas dessas vestimentas não são, de modo algum, lixo. Uma fonte mágica perto da cidade de Wexford não foi consagrada a santo ou divindade alguma e, no entanto, era muito venerada; seu arbusto carregado de panos, registra o historiador local Nicky Furlong, "... foi derrubado por um clérigo normalmente bem ajustado, o que encerrou o culto secreto (ele morreu muito repentinamente depois; que Deus lhe dê descando)."

maré de vida principiara a fluir através de todo o mundo da natureza e as pessoas tinham que se livrar do passado e olhar para o futuro. A purificação da primavera era originalmente um ritual da natureza." Em algumas partes da Irlanda, descobrimos que há uma tradição de deixar a árvore de Natal no lugar (despida de suas decorações, mas retendo suas luzes) até a Candelaria; se ela tiver mantido suas agulhas verdes, boa sorte e fertilidade são assegurados para o ano à frente.

Uma outra estranha crença da Candelária é difundida nas Ilhas Britânicas, França, Alemanha e Espanha: que o tempo bom no dia da Candelária significa mais inverno vindouro, mas mau tempo nesse dia significa que o inverno acabou. Talvez esta seja uma espécie de confirmação 'de madeira podre' do fato da Candelária ser o ponto de virada entre o inverno e o primavera e, assim, ficar impaciente sobre isso dá má sorte.

No ritual da Candelária do *Book of Shadows*, a Grã Sacerdotisa invoca o Deus para o Grão Sacerdote, em vez de ele invocar a Deusa para ela. Talvez isto, também, como a tradição escocesa do 'leito de Brígida', seja realmente um convite de estação para o deus fecundar a *Mãe Terra*. Nós nos atemos a este procedimento e retivemos a forma da invocação.

O *Book of Shadows* também menciona a *dança da volta* (do século XVI), mas ficamos pensando se o que realmente está se querendo dizer não é a muito mais antiga dança tradicional das bruxas, na qual o homem e a mulher unem os braços costas a costas. Usamos, portanto, esta dança mais antiga.

Na tradição cristã, a *coroa de luzes* é freqüentemente usada por uma garota bem jovem, presumivelmente com o intuito de simbolizar a extrema juventude do ano. Isto é perfeitamente válido, é claro, mas nós, com nossa representação da Deusa Tripla, preferimos atribuí-la à *Mãe* – porque é a *Mãe Terra* que é estimulada em Imbolg.

A Preparação

A Grã Sacerdotisa seleciona duas bruxas que, com ela, representarão a deusa tripla: *Virgem (encanto)*, *Mãe (madureza)* e *Velha (sabedoria)* e distribui os três papéis.

Uma *coroa de luzes* é preparada para a *Mãe* e deixada sobre o altar ou perto dele. Tradicionalmente, a *coroa* deve ser de velas ou círios, que são acesos durante o ritual, mas isto exige cuidado e algumas pessoas podem se incumbir disso com muita cautela. Se uma coroa de velas ou círios for feita, deve ser construída com suficiente firmeza a ponto de reter as velas ou

círios sem oscilação, e deve incluir uma capa de proteção para os cabelos contra a cera gotejante (pode-se operar maravilhas com papel aluminizado de cozinha).

Descobrimos que velas de bolo de aniversário, que podem ser compradas em pacotes em quase qualquer lugar permitem a confecção da coroa de luzes ideal. Não pesam praticamente nada, quase não gotejam e ardem mais que o suficiente para o propósito do ritual. Uma simples coroa de velas de aniversário pode ser feita da maneira que se segue. Pegue um rolo de fita auto-adesiva de cerca de 2 cm de largura (o tipo plástico de coloração simples é adequado) e corte um pedaço de cerca de 10 ou 13 cm mais comprido do que a circunferência da cabeça da mulher. Pregue isto com alfinetes num papelão, o lado colante *para cima*. Cole as extremidades inferiores (pés) das velas ao longo da fita no papelão, espaçadas mais ou menos 4 cm uma da outra, mas deixando cerca de 8 cm de cada extremidade da fita vazias. Em seguida, corte um segundo pedaço da fita do mesmo comprimento do primeiro, prenda-o com o lado colante *para baixo* e aplique-o cuidadosamente à primeira fita, moldando-o em torno da base de cada vela. Remova os alfinetes das extremidades e você terá agora diante de si uma *bela* faixa de velas que pode ser enrolada na cabeça, as extremidades livres podendo ser presas juntas por um alfinete de segurança na parte posterior. A faixa de velas deve ser enrolada, na verdade, numa capa de proteção da cabeça feita de papel aluminizado que já tenha sido moldada à cabeça previamente. O papel aluminizado poderá então ser aparado para se ajustar à borda inferior da faixa. Pode-se ver o resultado acabado a ser usado na foto 5, caso em que se aprimorou ainda um pouco mais encaixando-se a proteção de papel aluminizado e a faixa de velas dentro de uma coroa de cobre já existente. A propósito, esta coroa de cobre – que pode ser observada melhor na foto 10 – com sua frente em lua crescente, foi feita para Janet por nosso amigo caldeireiro Peter Clark de Tinline, *The Rower*, do condado de Kilkenny. Peter fornece equipamento de cobre ou bronze para rituais do estoque normal ou feito sob encomenda para necessidades próprias.

Uma forma alternativa da coroa de luzes, que evita o risco do gotejamento da cera, é um trabalho destas pessoas que fazem serviços avulsos: uma coroa incluindo um bom número de lâmpadas de luz intermitente soldadas aos seus condutores, com pequenas pilhas ocultas sob uma peça de tecido tipo Legião Estrangeira caindo sobre o pescoço, o 'interruptor' sendo um pequeno grampo-crocodilo, ou simplesmente duas pontas desencapadas de fios podem ser retorcidas. Esta coroa de lâmpadas pode ser

guardada de ano para ano e decorada com folhas frescas em cada ocasião; sua construção, todavia, realmente exige uma certa experimentação, seja quanto à distribuição do peso das pilhas, seja quanto aos componentes e a fiação; lâmpadas demais em paralelo produzirão uma luz excelente para o primeiro minuto e em seguida a luz desvanecerá rapidamente devido à drenagem excessiva. Caso não se aprecie nenhum desses tipos de coroa de luzes, a terceira possibilidade é uma coroa constituída por pequenos espelhos, o máximo possível deles, voltados para fora para captarem a luz.

Um feixe de palha com o comprimento variando entre 30 e 45 cm, com uma travessa para os braços, deve ser vestido de traje feminino – um vestido de boneca servirá, ou simplesmente um pano preso com alfinetes. Caso se possua uma boneca de milho de formato adequado para se vestir (uma cruz de Brígida é o ideal), isto poderá ser ainda melhor (ver foto 6). Este figura é chamada de 'Biddy', ou se você preferir o gaélico, '*Brídeóg*' (pronuncia-se 'brîd-oge').

Você também precisa de um bastão fálico, que pode ser um simples pau aproximadamente do mesmo comprimento da Biddy; mas visto que os rituais do *Book of Shadows* freqüentemente exigem um bastão fálico distinto daquele 'normal' do *coven*, vale a pena fazer você mesmo uma versão permanente. O nosso é um pedaço de galho fino com um cone de pinha preso à ponta, faixas negras e brancas em espiral ao longo da haste (ver foto 6).

Biddy e o bastão devem ficar prontos ao lado do altar, juntamente com duas velas não-acesas em candelabros.

Também ao lado do altar deve haver um pequeno buquê de plantas verdes (o mais primaveris possível e inclusive flores da primavera, se você consegui-las) para a mulher que retrata a *Donzela* e um xale ou manto de cor escura para a *velha*.

A vassoura (a tradicional vassoura feita de ramos de árvore, da bruxa) deve estar junto ao altar, igualmente.

O caldeirão, com uma vela acesa ardendo em seu no interior, é colocado ao lado da vela do sul. Perto do caldeirão são depositados três ou quatro ramos de sempre-viva ou vegetação seca, como azevinho, hera, visco, loureiro, alecrim ou buxo.

Se, como nós, você segue a tradição de conservar a árvore de Natal (sem suas decorações, mas com suas luzes) em casa até a Candelária, deve ser, se praticável, no aposento onde o *círculo* é mantido, com todas suas luzes acesas.

O Ritual

O *ritual de abertura* é mais curto para Imbolg. O Grão Sacerdote não *atrai a Lua para a Grã Sacerdotisa* nem tampouco faz a invocação do "*Grande Deus Cernunnos*", e a *Exortação* não é declamada até mais tarde.

Depois da *runa das feiticeiras*, todos os parceiros de trabalho (inclusive a Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote) dançam, tocando as costas em casais, com os braços enganchados através dos cotovelos. bruxos e bruxas sem parceiros dançam sozinhos, embora, depois de algum tempo, os parceiros se separem e recombinem com os não-parceirizados, de modo que todos possam participar.

Quando a Grã Sacerdotisa decide que a dança já durou o suficiente, ela a faz cessar e os membros do *coven* se dispõem em torno do *círculo*, olhando para seu interior. O Grão Sacerdote permanece com suas costas para o altar e à Grã Sacerdotisa o encara.

O Grão Sacerdote dá o beijo quíntuplo na Grã Sacerdotisa, ela, por sua vez, fazendo o mesmo com ele. O Grão Sacerdote toma o bastão em sua mão direita e o açoite na esquerda e assume a posição de Osíris (ver pg. 36).

A Grã Sacerdotisa, encarando o Grão Sacerdote à medida que ele se posta diante do altar, faz a invocação, a saber:[4]

"Terrível Senhor da Morte e da Ressurreição,
Da Vida, e o Doador da Vida;
Senhor no interior de nós mesmos, cujo nome é Mistério dos Mistérios,
Encoraja nossos corações,
Permite que tua Luz se cristalize em nosso sangue,
Cumprindo em nós ressurreição;
Pois não há nenhuma parte de nós que não seja dos Deuses.
Desce, nós te suplicamos, sobre teu servo e sacerdote."

O Grão Sacerdote traça o *pentagrama invocatório da terra* no ar, na direção da Grã Sacerdotisa, e diz:

"Abençoado seja."

O Grão Sacerdote se afasta para um lado, enquanto a Grã Sacerdotisa e as mulheres do *coven* preparam o 'leito de Brígida'. Depositam Biddy e o bastão fálico lado a lado no centro do círculo, com as cabeças voltadas para

[4] As linhas 3, 4 e 5 dessa invocação provêm da *Missa Gnóstica*, de Crowley.

o altar. Colocam os candelabros de cada lado do 'leito' e acendem as velas (ver foto 6).

A Grã Sacerdotisa e as mulheres se colocam ao redor do 'leito' e dizem juntas:

"Brid é vinda – Brid é benvinda! "(repetido três vezes)

O Grão Sacerdote deposita seu bastão e açoite no altar. A Grã Sacerdotisa chama as duas mulheres selecionadas; ela e elas agora assumem seus papéis de Deusa Tripla (ver foto 5). A *Mãe* permanece com suas costas para o centro do altar e o Grão Sacerdote a coroa com a coroa de luzes; a *Donzela* e a *Velha* arranjam os cabelos dela vistosamente e o Grão Sacerdote acende os círios sobre a coroa (ou liga as lâmpadas).

A *Velha* fica agora ao lado da *Mãe*, à sua esquerda, e o Grão Sacerdote e a *Donzela* põem o xale ou manto sobre seus ombros.

A *Donzela* fica agora ao lado da *Mãe*, à sua direita, e o Grão Sacerdote coloca o buquê em suas mãos.

O Grão Sacerdote vai para o sul, onde permanece encarando as três mulheres. Ele declama:

"Contemplai a Deusa Formada de Três;
Ela que é sempre Três : Donzela, Mãe e Velha;
E ainda assim é sempre Uma.
Pois sem Primavera não pode haver Verão,
Sem Verão nenhum Inverno,
Sem Inverno, nenhuma nova Primavera."

O Grão Sacerdote profere então a *Exortação* na sua totalidade, de *"Ouve as palavras da Grande Mãe,"* até *"aquilo que é atingido ao fim do desejo"*, mas substituindo "ela, dela" por "eu, meu".

Ao término da declamação, a *Donzela* pega a vassoura e caminha lentamente em sentido horário ao redor do círculo, varrendo-o ritualmente de tudo que é velho e desgastado. A *Mãe* e a *Velha* caminham atrás dela em imponente procissão. A *Donzela* recoloca, então, a vassoura ao lado do altar e as três mulheres retomam seus lugares em frente ao altar.

O Grão Sacerdote, então, vira e se ajoelha diante do caldeirão. Apanha os ramos de sempre-viva alternadamente, ateia fogo em cada um com a vela do caldeirão, apaga o ramo e o coloca no caldeirão ao lado da vela (este queimar simbólico é tudo que se aconselha no caso de um pequeno aposento, por causa da fumaça; em ambiente externo ou num grande aposento, os ramos podem ser queimados completamente).

À medida que faz isso, ele declama:

"Assim banimos o inverno,
Assim damos boas vindas à primavera;
Dizemos adeus ao que está morto,
E saudamos cada coisa viva.
Assim banimos o inverno,
Assim damos boas vindas à primavera! "

O Grão Sacerdote vai até a *Mãe*, apaga ou desliga a coroa de luzes e a retira de sua cabeça. A este sinal, a *Donzela* deposita seu buquê e a *Velha* seu xale ou manto ao lado do altar, e o Grão Sacerdote deposita a coroa de luzes ali também.

O Grão Sacerdote se afasta um pouco para o lado e as três mulheres trazem a Biddy, o bastão fálico e as velas (que elas apagam) do centro do círculo e os colocam ao lado do altar.

O *Grande Rito* é agora representado.

Depois dos bolos e do vinho, um jogo adequado para Imbolg é o *jogo da vela.* Os homens se sentam em círculo, olhando para o interior deste, próximos um do outro o suficiente para se alcançarem, e as mulheres ficam atrás deles. Os homens passam uma vela acesa em sentido horário, de mão em mão, enquanto as mulheres (sem entrarem no círculo dos homens) inclinam-se para a frente e tentam apagá-la. Quando uma mulher consegue fazê-lo, ela dá três chicotadas leves com o açoite no homem que segurava a vela naquele momento e ele lhe dá o beijo quíntuplo em troca. A vela é então reacesa e o jogo continua.

Se o costume de conservar a árvore de Natal até a Candelária tiver sido observado, a árvore terá que ser removida da casa e desfeita, o mais cedo possível, depois do ritual.

V Equinócio da primavera, 21 de março*

"O Sol...", afirma Robert Graves "... arma a si mesmo no Equinócio da primavera." A luz e a escuridão estão em equilíbrio, mas a luz está dominando as trevas. É basicamente um festival solar e um recém-chegado para a *Velha Religião*, na Europa céltica e teutônica. Embora a influência teutônica – os "invasores solsticiais" de Margaret Murray – tenha acrescentado o Natal e o solstício de verão aos *quatro grandes sabás* dos celtas pastorais, a nova síntese ainda abrangia apenas seis *festivais*. "Os Equinócios...", diz Murray, "... jamais foram observados na Bretanha" (exceto, como o sabemos agora, pelos pré-célticos povos megalíticos – ver pg. 12).

*22 de setembro no hemisfério sul. (n.t.)

Contudo os equinócios estão agora indiscutivelmente conosco. Os modernos pagãos, quase que universalmente, celebram os oito *festivais* e ninguém sugere que os dois *equinócios* sejam uma inovação inventada por Gerald Gardner ou por românticos do *renascimento druída*. Constituem uma parte genuína da tradição pagã tal como existe hoje, mesmo se suas sementes surgiram de repente do Mediterrâneo e germinaram no solo dos séculos de segredo, ao longo de muitos outros elementos frutíferos (puristas de *Wicca* que rejeitam qualquer coisa que se origina das clássicas Grécia e Roma, do antigo Egito, da Cabala hebraica ou da *Aradia* toscana teriam que parar de celebrar os equinócios, também). A importação de tais conceitos é sempre um processo complexo. A percepção popular do *equinócio da primavera* nas Ilhas Britânicas, por exemplo, deve ter sido principalmente importada com a *Páscoa cristã*. Mas a *Páscoa* trouxe em sua bagagem, por assim dizer, as implicações pagãs mediterrâneas do equinócio da primavera. A dificuldade que encaram as bruxas em decidir como celebrar o *sabá do equinócio da primavera* não é que as associações 'estrangeiras' são realmente estranhas às nativas, mas sim que umas se sobrepõem às outras, expressando temas que, há muito tempo, tornaram-se ligados aos sabás nativos mais antigos. Por exemplo, o tema de união sacrificial nas terras do Mediterrâneo tem fortes vínculos com o equinócio da primavera. O horrível festival da deusa frígia Cibele, no qual a auto-castração, a morte e a ressurreição de seu filho/amante Átis eram marcadas por adoradores, que se castravam para se tornarem seus sacerdotes, era do dia 22 ao dia 25 de março. Em Roma, estes ritos ocorriam no lugar onde a catedral de São Pedro se encontra agora, na cidade do Vaticano. Na verdade, em locais em que a veneração de Átis era difundida, os cristãos locais costumavam celebrar a morte e ressurreição de Cristo na mesma data, pagãos e cristão tendo se habituado a disputar amargamente qual dos dois deuses era o verdadeiro protótipo e qual a imitação. Do ponto de vista puramente cronológico, não deveria ter havido nenhuma disputa, porque Átis proveio da Frígia muitos séculos antes de Cristo. Mas os cristãos dispunham do argumento irrespondível, segundo o qual o *Diabo* sagazmente colocara adulterações à frente da verdadeira *Vinda*, a fim de ludibriar a humanidade.

A Páscoa – a morte, descida ao inferno e ressurreição voluntárias de Jesus – pode ser vista como a versão cristã do tema da união sacrificial, pois o 'inferno' nesse sentido é a visão do monoteísmo patriarcal do inconsciente coletivo, o temido aspecto feminino, a Deusa, no qual o Deus sacrificado é mergulhado como o necessário prelúdio ao renascimento. O 'tormento do inferno' de Cristo, tal como descrito no evangelho apócrifo de

Nicodemo, envolvia seu resgate das almas dos justos a partir de Adão "que haviam adormecido desde o início do mundo" e a ascensão deles ao céu. Despido do dogma teológico, isso pode ter um significado positivo – a reintegração dos tesouros enterrados do inconsciente ('o dom da Deusa') à luz da consciência analítica ('o dom do Deus').

A primavera, também, constituía uma estação específica, nas épocas clássica e pré-clássica, para uma forma de união sacrificial que era igualmente mais amena e mais positiva do que o culto a Átis: o *hieros gamos* ou casamento sagrado. Neste, a mulher se identificava com a Deusa e o homem penetrava a Deusa através dela, dando de sua masculinidade, mas sem destruí-la, e emergindo da experiência espiritualmetne revitalizado. O *Grande Rito*, seja simbólico ou real, é obviamente o *hieros gamos* dos bruxos e então, como agora, chocava muitas pessoas que não o compreendiam[1] (a respeito dos profundos comentários de Jung do *hieros gamos* consulte-se *Woman's Mysteries* de Esther Harding).

Mas no norte, onde a primavera vem depois, esses aspectos realmente pertenciam a Bealtaine em lugar de ao equinócio não-observado; e é em Bealtaine, como será visto, que colocamos nosso ritual de '*Caça do Amor*' correspondente. Talvez seja significativo que a Páscoa (devido ao complexo

[1] Os mais selvagens oponentes do *hieros gamos* e de tudo o que ele representava eram certamente os profetas hebreus. Suas tiradas contra a "prostituição"e "prostituir-se atrás de deuses estranhos", das quais o Velho Testamento está repleto, eram políticas, não éticas. O culto da Deusa que os cercava e ao qual as famílias hebréias comuns ainda se prendiam há séculos, ao longo do culto oficial a *Yahvé*, constituía uma ameaça direta ao sistema patriarcal que tentavam implantar, pois, a menos que toda mulher fosse um bem móvel exclusivo de seu marido e uma virgem do casamento, como poderia a paternidade ser certa? E a paternidade indiscutível era a pedra fundamental de todo sistema. Daí a pena de morte bíblica para as mulheres adúlteras, para as noivas que se constatava não serem virgens e mesmo para as vítimas de estupro (a menos que não fossem nem casadas nem noivas, caso em quetinham de se casar com o estuprador); a crueldade com que os hebreus, "de acordo com as palavras do Senhor", massacraram a população inteira das cidades conquistadas de Canaan, homens, mulheres e crianças (exceto algumas virgens atraentes, que "a palavra do Senhor"lhes permitiu raptar como esposas), e mesmo a nova escritura levítica do mito da Criação, para dar sanção divina à superioridade masculina (é interessante que a *serpente* e a *árvore* eram ambas símbolos da Deusa universalmente reconhecidos). Dessa antiga batalha política, o cristianismo (sobrepujando mesmo o judaísmo e o Islã) herdou o ódio ao sexo, o ascetismo deformado e o desprezo pelas mulheres, que o corrompeu de São Paulo em diante, e que ainda está longe de ter se extinguido (ver novamente *Paradise Papers*, de Merlin Stone).

método lunar de datá-la) revele essa sobreposição, caindo em qualquer lugar a partir de depois do equinócio até antes de Bealtaine. A Páscoa, a propósito, é nomeada segundo a deusa teutônica Eostre,* cujo nome é provavelmente ainda uma outra variante de Ishtar, Astarté e Aset,** (o nome egípcio correto 'Ísis' sendo a forma grega). Os ritos de primavera de Eostre ostentavam uma semelhança familiar com os da Ishtar babilônica. Mais um ítem da 'bagagem' pagã!

Mas se, no aspecto da fertilidade humana, o *equinócio da primavera* tem de se submeter a Bealtaine, pode propriamente reter o aspecto de vegetação-fertilidade, mesmo marcando no norte um estágio diferente dele. Ao redor do Mediterrâneo, o equinócio é o tempo de germinação; no norte é o tempo da semeadura. Como um festival solar, também tem de participar com os *sabás maiores* do eterno tema do fogo e da luz, que tem sobrevivido fortemente no folclore da Páscoa. Em muitas partes da Europa, particularmente na Alemanha, fogueiras de Páscoa são acesas com o fogo obtido do sacerdote em sítios tradicionais, no alto das colinas amiúde conhecidos localmente como 'Montanha da Páscoa' (relíquia de costumes mais antigos em escala maior – ver em Bealtaine na pg. ...). Acredita-se que, até onde o brilho da luz alcança, a terra será fértil e os lares gozarão de segurança. E, como sempre, as pessoas arremessam os tições prestes a se apagarem à terra, o gado sendo conduzido sobre eles.

No *Book of Shadows* afirma-se que, para esse festival, "o símbolo da Roda deve ser colocado sobre o Altar, flanqueado por velas ardentes, ou o fogo sob alguma forma." Assim, supondo que este seja um dos elementos tradicionais genuínos recebidos por Gardner, podemos deduzir que as bruxas britânicas, ao absorverem os equinócios 'não-nativos' em seu calendário, usaram o símbolo da roda de fogo, que também se destaca em muitos costumes populares do solstício do verão através da Europa.

Uma insinuação de que a roda de fogo solar *é* uma autêntica tradição equinocial e não meramente uma opção de Gardner, para preencher uma lacuna, pode ser observada no costume de usar o trevo no dia de São Patrício, que cai em 17 de março. De acordo com a costumeira explicação, o trevo se tornou o emblema nacional da Irlanda, porque São Patrício uma vez usou sua forma de três folhas para ilustrar a doutrina da Trindade. Porém o *Oxford English Dictionary* assevera que essa tradição é 'recente';

* Em inglês, *Easter*. (n.T.)
** Ou *Ast*. (n.t.)

e, de fato, a primeira referência impressa a isso se achava numa obra de botânica do século XVIII. Ademais, o Dicionário Irlandês-Inglês de Dinneen, ao definir *seamróg*, indica que seu uso como um emblema nacional na Irlanda (e, a propósito, em Hanover, no território doméstico dos "invasores solsticiais") é possivelmente "uma sobrevivência da *trignetra*, uma roda cristianizada ou símbolo do sol", e ajunta que "se acredita..." que a variedade de quatro folhas "... traz sorte, relacionada a um antigo signo apotropaico encerrado num círculo (símbolo do sol ou da roda)".

O trevo do dia de São Patrício tornou-se padronizado como o trifólio amarelo inferior (*Trifolium dubius* ou *minus*), mas, nos dias de Shakespeare, *'shamrock'* significava azedinha (*Oxalis acetosella)* e Dinneen define *seamróg* como "trevo, trifólio, um molho de gramíneas verdes". O *Complete Herbal* de Culpeper afirma que "todas as *azedinhas* estão sob o domínio de Vênus." Assim, as folhas triplas verde-primavera do pequeno buquê da botoeira de equinócio do irlandês nos trazem de volta não apenas ao Deus-Sol como também, através da moderna tela da Trindade, à Deusa Tripla (Artemis, a Deusa da Lua Tripla grega, alimentava suas corças com trifólio).

E quanto à variedade de quatro folhas da sorte – qualquer psicólogo *junguiano* (e os *Senhores das Atalaias* !) dirá a você que o círculo dividido em quatro é um símbolo arquetípico da integridade e do equilíbrio. A roda de fogo solar, a cruz céltica, o trevo de quatro folhas, o *círculo mágico* com suas quatro velas cardeais, o hieróglifo egípcio *niewt* significando 'cidade', o biscoito da Páscoa marcado com cruz, a basílica bizantina – todos transmitem a mesma mensagem imemorial, muito mais antiga que o cristianismo.

O próprio ovo de Páscoa é pré-cristão. É o *ovo do mundo* botado pela Deusa e partido e aberto pelo calor do Deus-Sol; "... e o chocamento do mundo era celebrado todo ano no festival da primavera do Sol ..." (Graves, *The White Goddess*, pgs. 248-9). Originalmente tratava-se de um ovo de serpente; o caduceu de Hermes exibe as serpentes que se acoplam, Deusa e Deus, que o produziram. Mas sob a influência dos *mistérios órficos*, como salienta Graves, "... visto que o galo era a ave órfica da ressurreição, sagrado ao filho de Apolo, Esculápio, o curador, os ovos de galinhas tomaram o lugar dos ovos de serpentes nos mistérios druídicos posteriores e eram coloridos de escarlate em honra ao Sol, tornando-se ovos de Páscoa." Ovos decorados, fervidos numa infusão de flor de tojo, eram rolados colina abaixo, na Irlanda, no domingo de Páscoa).

Stewart escreveu em *What Witches Do*: "O equinócio da primavera é obviamente uma ocasião para decorar o aposento com abróteas e outras

flores da primavera, e também para honrar uma das mulheres mais jovens,apontando-a como Rainha da Primavera do *coven* e enviando-a para casa, depois, com uma braçada das flores." Nós nos mantivemos fiéis a este aprazível pequeno costume.

A Preparação

Um símbolo de roda fica sobre o altar. Pode ser qualquer coisa que se adeqüe a isso: um disco recortado, pintado de amarelo ou dourado e decorado com flores da primavera, um espelho circular, uma bandeja de latão redonda. O nosso é um prato de *kit* de bateria de cerca de 35 cm extremamente polido e com um ramalhete de abrótea ou prímula no seu furo central.

O manto do Grão Sacerdote (se houver) e acessórios devem simbolizar o Sol; qualquer metal que ele usar deve ser ouro, douradura, latão ou bronze.

O altar e o aposento devem ser decorados com flores da primavera, principalmente com as amarelas, como abróteas, prímulas, tojo e forsítias. Um buquê deverá estar pronto para ser entregue à *Rainha da Primavera* e uma grinalda de flores para seu coroamento.

O caldeirão é posto no centro do *círculo* com um vela não-acesa dentro dele. Um círio fica pronto sobre o altar, para que a *Donzela* possa levar fogo ao Grão Sacerdote; também sobre o altar permanece à disposição um bastão fálico.

Um número de cordas correspondente ao número de pessoas presentes fica pronto sobre o altar, atadas em seu ponto central num nó único (caso haja um número ímpar de pessoas, some um antes de dividir por dois, *por exemplo*, para nove pessoas deixe à disposição *cinco* cordas).

Se for de seu gosto, você poderá deixar também à disposição no altar uma tigela de ovos fervidos, duros, com as cascas pintadas (inteiramente de escarlate ou decoradas como você preferir) – um para cada pessoa mais um para a *sidhe* ou oferenda à terra. Estes podem ser entregues durante a festa.

O Ritual

O ritual de abertura é realizado como sempre, porém sem a runa das bruxas.

O Grão Sacerdote se coloca no leste, e a Grã Sacerdotisa no oeste, os dois se olhando de lado a lado do caldeirão. A Grã Sacerdotisa carrega o bastão fálico em sua mão direita. O resto do *coven* se distribui no perímetro do *círculo*.

A Grã Sacerdotisa diz:
"Acendemos este fogo hoje
Na presença dos Santos,
Sem malignidade, sem ciúme, sem inveja,
Sem temor de qualquer coisa sob o Sol
Salvo os Deuses excelsos.
Tu nós invocamos, ó Luz da Vida,
Sê tu uma flama brilhante ante nós,
Sê tu uma estrela-guia acima de nós,
Sê tu um caminho regular sob nós;
Acende tu dentro de nossos corações
Uma chama de amor por nossos semelhantes,
Por nossos inimigos, por nossos amigos, por todos nossos parentes,
Por todos os homens sobre a Terra vasta.
Ó misericordioso Filho de Cerridwen,
Da mais modesta coisa que vive
Ao Nome que é o mais elevado de todos."[2]

A Grã Sacerdotisa segura o bastão fálico alto e caminha lentamente, em sentido horário, ao redor do caldeirão até postar-se diante do Grão Sacerdote. Ela diz:

"Ó Sol, esteja tu armado para conquistar a Escuridão!"

A Grã Sacerdotisa apresenta o bastão fálico ao Grão Sacerdote e, em seguida, se move para um lado.

O Grão Sacerdote ergue o bastão fálico como cumprimento e o recoloca no altar.

A *Donzela* acende o círio com uma das velas do altar e o apresenta ao Grão Sacerdote, afastando-se, a seguir, para um lado.

[2] Adaptado por Doreen Valiente de duas bençãos gaélico-escocesas presentes em *Carmina Gadelica*, de Alexander Carmichael (ver *Bibliografia*). Carmichael, que viveu de 1832 a 1912, coletou e traduziu uma rica safra de orações e bençãos gaélicas, tomadas oralmente nas montanhas e ilhas da Escócia. Como afirma Doreen, "Esta bela poesia antiga é realmente puro paganismo com um delgado compensado cristão". A *Carmina Gadelica*, em seis volumes, embora um tesouro para se possuir, é cara. Felizmente, uma seleção das traduções para o inglês foi publicada recentemente em brochura sob o título de *The Sun Dances* (ver *Bibliografia*). As duas fontes aqui empregadas por Doreen serão encontradas nas páginas 231 e 49 do volume I de *Carmina Gadelica* e nas páginas 3 e 11 de *The Sun Dances*. Carmichael as obteve de mulheres de arrendatários em North Uist e Lochaber, respectivamente.

O Grão Sacerdote leva o círio ao caldeirão e acende a vela do caldeirão com ele. Devolve o círio à *Donzela*, que o apaga e o recoloca no altar, apanhando desta vez as cordas.

A *Donzela* entrega as cordas ao Grão Sacerdote.

A Grã Sacerdotisa dispõe a todos em torno do caldeirão, um homem defronte de uma mulher na medida do possível. O Grão Sacerdote passa as pontas das cordas de acordo com as instruções dela, retendo ele mesmo uma ponta da corda final e entregando a outra ponta à Grã Sacerdotisa (se houver um número ímpar de pessoas, com mais mulheres do que homens, ele retém consigo duas pontas de corda ou, no caso de mais homens do que mulheres, entrega duas pontas de corda à Grã Sacerdotisa; num caso ou outro ele tem de estar ligado a duas mulheres ou ela ligada a dois homens.)

Quando todos estão segurando uma corda, puxam de modo que todas as cordas fiquem esticadas com o nó central acima do caldeirão. Começam, então, a circular em sentido horário, executando a *dança da roda* e entoando a *runa das bruxas*, desenvolvendo velocidade e mantendo sempre as cordas esticadas e o nó sobre o caldeirão.

A *dança da roda* continua até que a Grã Sacerdotisa brada *"Ao chão!"* e todos os membros do *coven* sentam-se em círculo ao redor do caldeirão. O Grão Sacerdote recolhe as cordas (com cuidado para não deixá-las cair sobre a chama de vela) e as recoloca sobre o altar.

O caldeirão é então movido de maneira a ficar ao lado da vela do leste, o *Grande Rito* sendo então representado.

Após o *Grande Rito*, o Grão Sacerdote nomeia uma bruxa como a *Rainha da Primavera* e a coloca diante do altar. Ele a coroa com o ramalhete de flores e lhe dá o *beijo quíntuplo*.

O Grão Sacerdote convoca, então, os homens para que cada um, por sua vez, dê o beijo quíntuplo na *Rainha da Primavera*. Quando o último homem fez tal coisa, o Grão Sacerdote entrega à *Rainha da Primavera* o seu buquê.

O caldeirão é recolocado no centro do *círculo* e, começando pela *Rainha da Primavera*, todos pulam o caldeirão, isoladamente ou em casais – não esquecendo de formular um desejo.

Uma vez que todos tenham pulado o caldeirão, a festa se inicia.

VI Bealtaine, 30 de abril*

Na tradição celta, os dois maiores festivais de todos são Bealtaine e Samhain: o início do verão e o início do inverno. Para os celtas, como para todos os povos pastores, o ano tinha duas estações, não quatro; divisões mais sutis concerniam mais a agricultores do que a criadores de gado. *Beltane*, a forma anglicizada, corresponde à moderna palavra gaélico-irlandesa *Bealtaine* (pronuncia-se 'b'*yol*-tinnah', rimando aproximadamente com 'winner'), o nome do mês de maio, e à palavra gaélico-escocesa *Bealtuinn* (pronuncia-se 'b'*yal*-ten', o 'n' como 'ni' em 'onion'), que significa *dia de maio.*

* 31 de outubro no hemisfério sul. (n.t.)

O significado original é 'fogo de Bel' – o fogo do deus celta ou proto-celta conhecido variavelmente como Bel, Beli, Balar, Balor ou o latinizado Belenus, nomes estes cujos traços remontam ao *Baal* do Oriente Médio, que significa simplesmente 'Senhor'.[1] Algumas pessoas têm sugerido que Bel é o equivalente céltico-britânico do céltico-gaulês Cernunnos, o que pode ser correto no sentido de que ambos são divindades arquetípicas do princípio masculino, cônjuges da *Grande Mãe;* mas sentimos que a evidência indica que se tratam de aspectos diferentes desse princípio. Cernunnos é sempre representado como o *deus cornudo*, sendo, acima de tudo, um divindade da nautureza, o deus dos animais, o Pã celta (Herne, o Caçador, que assombra o *Grande Parque de Windsor* com sua *caçada selvagem* é um Cernunnos inglês posterior, como seu nome sugere). Ele é também às vezes visto como uma divindade ctônica (subterrânea), o Plutão celta. Originariamente, o *deus cornudo* era sem dúvida o animal totêmico da tribo, cuja união com a Grande Mãe teria sido o ritual-chave de fertilidade do período totêmico (consultar *Witches: Investigating an Ancient Religion*, de Lethbridge, pgs. 25-27).

Bel, por outro lado, era 'o Luminoso', deus da luz e do fogo. Ele possuía qualidades semelhantes às do Sol (autores clássicos o equiparam a Apolo), mas ele não é, a rigor, um deus-sol. Como salientamos, os celtas não tinham orientação solar. Nenhum povo que venerasse o Sol como um deus lhe daria um nome feminino, e *grian* ('Sol' em irlandês e gaélico-escocês) é um substantivo feminino. E o é também *Mór*, um nome irlandês personalizado para o Sol, como na saudação *'Mór dhuit'*: 'Possa o Sol vos abençoar.' Pode parecer uma diferença sutil, mas um símbolo de deus não é sempre encarado como *o mesmo que o próprio deus* por seus veneradores. Os cristãos não veneram um cordeiro ou uma pomba nem os antigos egípcios veneravam um babuíno ou um falcão, e no entanto os dois primeiros são símbolos do Cristo e do Espírito Santo, e os dois segundos de Thoth e Hórus. Para alguns povos o Sol *era* um deus, mas não para os celtas com seu Sol feminino, a despeito de Bel/Balor, Oghma, Lugh e Llew possuirem *atributos* solares. Uma tradicional prece popular gaélico-escocesa (ver *Celtic Miscellany*, ítem 34, de Kenneth Jackson) se dirige ao Sol como "venturosa mãe das estrelas", nascendo "como uma jovem rainha em flor" (outras evidências de que o calendário ritual pagão dos celtas estava orientado para

[1] De interesse familiar para nós: o nome de solteira de Janet era Owen e a tradição da família Owen afirma ser descendente dos senhores *canaanitas* de Shechem, os quais, eles próprios, afirmavam ser da semente de Baal.

o ano de vegetação natural e a criação de rebanhos e não para o ano solar e a agricultura podem ser encontradas em *The Golden Bough* de Frazer, pgs. 828-830).

Simbolicamente, tanto o aspecto de Cernunnos quanto o aspecto de Bel podem ser vistos como modos de visualizar o *Grande Pai* que fecunda a *Grande Mãe*.[2] E estes são os dois temas dominantes do festival da *véspera de maio/dia de maio* através do folclore celta e britânico: fertilidade e fogo.

As fogueiras de Bel eram acesas no alto das colinas para celebrar o retorno da vida e da fertilidade ao mundo. Nas regiões montanhosas da Escócia até o século XVIII, diz-nos Robert Graves (*The White Goddess*, pg. 416), o fogo era aceso pelo atrito da perfuração de uma prancha de carvalho, "...mas somente no acendimento do fogo da necessidade de Beltane, ao qual era atribuída virtude miraculosa . . . . Originalmente culminava com o sacrifício de um homem que representava o deus do carvalho." É interessante notar que, em Roma, as *Virgens Vestais*, guardiãs do fogo sagrado, costumavam jogar manequins feitos de junco no rio Tibre, na lua cheia de maio, como sacrifícios humanos simbólicos.

Na Irlanda pagã, ninguém podia acender uma fogueira de Bealtaine até que Ard Ri, o *Grande Rei*, tivesse acendido a primeira na *colina de Tara*. Em 433 A.D., São Patrício demonstrou aguda compreensão do simbolismo, quando acendeu uma fogueira na *colina de Slane*, à distância de dez milhas de Tara, *antes que* o *Grande Rei* Laoghaire acendesse a sua; ele não poderia ter feito uma reivindicação mais dramática à usurpação da direção espiritual sobre toda a ilha. São Davi realizou um gesto histórico similar no país de Gales, no século seguinte.

A propósito, muito do simbolismo de Tara como o foco espiritual da antiga Irlanda fica imediatamente reconhecível para qualquer um que tenha trabalhado num *círculo mágico*. Tara é em Meath (*Midhe*, 'centro') e era a sede dos *grandes reis*; sua planta ainda é visível como grandes aterros circulares duplos. O *Salão de banquete ritual* de Tara possuía uma sala central para o próprio *grande rei* circundada por quatro salas voltadas para o interior, as quais eram destinadas aos quatro reinos provinciais: ao norte para Ulster, ao leste para Leinster, ao sul para Munster e ao oeste para Connacht. Esta é a razão porque as quatro províncias são tradicionalmente conhecidas como 'quintos', ou seja, devido ao *centro* vital que as completa, como o *espírito* completa e integra a terra, o ar, o fogo e a água. Mesmo os instrumentos rituais elementares são representados nos *Quatro Tesouros do Tuatha Dé Danann*: a *pedra* de Fal (destino) que gritou quando o probo *Grande Rei* sobre ela sentou; a *espada* e a *lança* de Lugh, e o *caldeirão* do Dagda (o Deus-Pai).

Todos os quatro eram símbolos masculinos, como se poderia esperar numa sociedade de guerreiros, mas os fundamentos matrilineares arquetípicos ainda se destacavam na inauguração de um rei menor, soberano de um *tuath* ou tribo. Este era "um casamento simbólico com Soberania, um rito de fertilidade para o qual o termo técnico era *banais rígi*, 'núpcias reais'. O mesmo costumava aplicar-se no caso dos *Grandes Reis*: "A lendária Rainha Medb, cujo nome significa 'intoxicação', era originalmente uma personificação da soberania, pois nos é narrado que ela foi a esposa de nove reis da Irlanda, e alhures que somente um que se uniu a ela podia ser rei. Do rei Cormac foi dito... 'até que Medb dormisse com o rapaz, Cormac não foi rei da Irlanda.'" (*The Celtic Realms*, Dillon e Chadwick, pg. 125)

É fácil perceber, então, porque Tara tinha de ser o ponto de ignição do fogo de Bel regenerativo da comunidade; e o mesmo teria sido verdadeiro relativamente aos focos espirituais correspondentes em outras terras. Ocorre apenas que a Irlanda é o país onde os detalhes da tradição foram mais claramente preservados. Acerca de todo o complexo simbolismo de Tara, julgamos *Celtic Heritage*, de Reeses, uma leitura fascinante para bruxas, bruxos e ocultistas.

Um traço característico do festival do fogo de Bealtaine, em muitas terras era pular a fogueira (dizemos 'era', mas, na discussão de costumes populares vinculados a estações, o tempo verbal pretérito raramente se revela inteiramente justificado). Pessoas jovens a pulavam para atrairem para si maridos ou esposas; viajantes que pretendiam partir desejavam a garantia de uma viagem segura; mulheres grávidas a garantia de um parto tranqüilo, e assim por diante. O gado era conduzido através das cinzas da fogueira – ou entre duas dessas fogueiras – para garantir uma boa ordenha. As propriedades mágicas da fogueira do festival formam uma crença persistente, como veremos igualmente no caso do solstício do verão, Samhain e Natal (tanto o escocês quanto o gaélico-irlandês, a propósito, possuem o adágio 'preso entre duas fogueiras de Bealtaine', que significa 'preso num dilema').

[2] Há sempre sobreposição. O gigante Cerne Abbas esculpido no relvado de Dorset é uma figura de Baal, tal como mostram seu porrete e falo hercúleos, e seu nome local, Helith, é claramente o grego *helios* (Sol)todavia "Cerne"é com igual clareza Cernunnos. E o *Baal Hammon* de *Cartago* era também um verdadeiro Baal ou Bel (sua Grande Mãe consorte era chamada de Tanit, comparável à Dana irlandesa e à Don galesa). Ele era, entretanto, cornudo.

Falando de gado, o dia seguinte, 1º. de maio, era um dia importante na antiga Irlanda. Neste dia as mulheres, crianças e vaqueiros levavam o gado para os pastos de verão, ou *'booleys' (buaile* ou *buailte)* até o Samhain. Coisa idêntica ainda acontece nas mesmas datas nos Alpes e em outras partes da Europa. Uma outra palavra gaélico-irlandesa (e escocesa) para pasto de verão é *áiridh*, e Doreen Valiente sugere (*Witchcraft for Tomorrow*, pg. 164) que "há uma chance do nome 'Aradia' ser de origem céltica ..." vinculado a essa palavra. Na feitiçaria do norte da Itália, a qual, como Leland (ver *Bibliografia*) demonstrou, deriva de raízes etruscas, Aradia é a filha de Diana (ou, como os próprios etruscos a chamavam, Aritimi, uma variante da Artemis grega). Os etruscos floresceram na Toscana aproximadamente entre o século VIII e o século IV a. C. até a conquista de sua última cidade-Estado, Volsinii, pelos romanos em 280 a. C.. A partir do século V, eles mantiveram muito contato com os celtas da Gália, às vezes como inimigos, às vezes como aliados, de modo que pode muito bem ser que os celtas para ali levassem Aradia. *'Daughter'* (filha), no desenvolvimento dos panteões, com freqüência significa 'versão posterior' e, na lenda de Aradia, esta aprendeu muito de sua sabedoria com sua mãe, o que concordaria com o fato incontestável da brilhante civilização etrusca ter sido admirada e invejada por seus vizinhos celtas. É interessante observar que tanto em irlandês quanto em escocês, *áiridh* ou uma ligeira variação desta palavra significa 'valor, mérito'.

E no caso de alguém pensar que Aradia atingiu a Bretanha somente através das pesquisas de Leland do século XIX – sob a forma 'Herodias' – devemos informar que ela aparece como uma designação de deusa inglesa das bruxas no *Canon Episcopi*, do século X.

Mas voltemos ao próprio Bealtaine. O carvalho é a árvore do Deus do *Ano Crescente*; o espinheiro nesta estação é uma árvore da *Deusa Branca*. O forte tabu do saber popular sobre quebrar galhos de espinheiro ou levá-los para dentro de casa é tradicionalmente suspenso na véspera de maio, quando seus ramos podem ser cortados para o festival da Deusa (fazendeiros irlandeses e mesmo construtores de estradas e homens que trabalham com terraplenagem relutam ainda em derrubar espinheiros solitários; um espinheiro *'mágico'* erguia-se sozinho no meio de um pasto da fazenda em que morávamos, em Ferns, no condado de Wexford, e respeitados exemplos semelhantes podem ser vistos em todo o país).

Contudo, caso se queira flores para o ritual (por exemplo, como grinaldas para os cabelos das bruxas), não se pode estar certo de encontrar espinheiro em flor já na *véspera de maio*, devendo se contentar com as folhas tenras. Nossa própria solução é usar a ameixa-brava, cujas flores surgem em abril, à frente das folhas. A ameixa brava (abrunheiro) é também uma árvore da deusa nessa estação, mas pertence à deusa em seu aspecto negro, devorador, como o amargor de seu fruto do outono sugere. Costumava ser encarada como 'a árvore das bruxas', no sentido malevolente e de má sorte. Mas temer o aspecto negro da deusa é ser privado da verdade de que ela consome somente para produzir um novo nascimento. Se os *Mistérios* pudessem ser resumidos numa sentença, poderia ser esta: "No cerne da Mãe Luminosa está a Mãe Tenebrosa, e no cerne da Mãe Tenebrosa está a Mãe Luminosa." O tema do sacrifício/renascimento de nosso ritual Bealtaine reflete essa verdade, de modo que, para simbolizar os dois aspectos em equilíbrio, nossas mulheres usam espinheiro em folha e ameixa-brava em flor entrelaçados.

Um outro tabu suspenso na *véspera de maio* era o primitivo tabu britânico da caçada à lebre. A lebre, além de ser um animal da Lua, goza de excelente reputação de sensualidade e fecundidade, tal como a cabra, e ambas figuram no aspecto sacrificial das tradições de fertilidade do *primeiro de maio*. A *Caçada do Amor* é uma forma difundida desta tradição; subjaz na lenda de *Lady Godiva* e na da deusa teutônica Eostre ou Ostara, segundo a qual chegou-se ao nome *Easter* (Páscoa) bem como a festivais populares, tais como a cerimônia de *' Obby Oss'* do *primeiro de maio*, em Padstow, na Cornualha. A respeito da figura sedutora e misteriosa da mulher da caçada do amor, "nem vestida nem despida, nem a pé nem a cavalo, nem sobre a água nem sobre a terra seca, nem com ou sem uma dádiva", que é "facilmente reconhecida como o aspecto de *véspera de maio* da deusa do *Amor/Morte*," consultar Graves, *The White Goddess*, da pg. 43 em diante.

Mas à parte, *ou melhor*, ampliando a representação desses mistérios da deusa e do rei-deus, Bealtaine para as pessoas comuns era um festival de sexualidade e fertilidade humanas isento de vergonha. O mastro adornado com flores e fitas, as nozes e 'o traje de verde' eram símbolos francos do pênis, dos testículos e da cobertura de uma mulher por um homem. Dançar em torno do mastro adornado, procurar nozes nos bosques, 'casamentos no maio verde' e ficar acordado a noite inteira para contemplar o nascer do sol de primeiro de maio eram atividades inequívocas, razão pela qual os puritanos as suprimiram com tremendo horror piedoso (o Parlamento pôs na ilegalidade os mastros adornados de flores e fitas de primeiro de maio, em 1644, mas eles voltaram com a *Restauração*; em 1661, um mastro de aproximadamente 41 metros foi erigido no Strand).

Robin Hood, Lady Marian e *João Pequeno* desempenharam um grande papel no folclore do primeiro de maio e muitas pessoas com sobrenomes tais como *Hodson, Robinson, Jenkinson, Johnson* e *Godkin* devem sua ancestralidade à alguma distante véspera de primeiro de maio nos bosques.

Ramos e flores costumavam ser trazidos dos bosques na manhã do primeiro de maio, para decoração das portas e janelas do povoado, e jovens carregavam grinaldas em procissão, cantando. As grinaldas eram geralmente constituídas por arcos entrecruzados. *Sir* J. G. Frazer escreveu no início do século XX: "Parece que um arco entretecido com sorveira brava e calêndula do brejo e que ostenta suspensas dentro dele duas esferas é ainda carregado no primeiro de maio pelos habitantes de povoados em algumas partes da Irlanda. Diz-se que as esferas, as quais por vezes são revestidas de papel dourado ou prateado, representavam originalmente o Sol e a Lua." (*The Golden Bough*, pg. 159). Talvez, mas Frazer, apesar de ter sido o estupendo pioneiro que foi, com freqüência parecia ser (ou, no clima de seu tempo, fingia discretamente ser) cego ao simbolismo sexual.

Um outro costume da manhã do primeiro de maio, na Irlanda, era 'escumar os poços'. Ia-se até o poço de um vizinho próspero (presumivelmente antes deste acordar e já estar em atividade) e se escumava a superfície da água, a fim de adquirir a sorte do vizinho para si. Numa outra variante desse costume, escumava-se o próprio poço para assegurar uma boa produção de manteiga durante o ano – e também, é lícito supô-lo, para antecipar-se a qualquer vizinho que desejasse *a própria* sorte.

A memória popular sobrevive de formas curiosas. Um amigo de Dublin, um bom católico na faixa dos cinqüenta anos, nos conta que, quando era um menino no norte do condado de Longford, seu pai e sua mãe tinham o hábito de sair com as crianças à meia-noite, na véspera de primeiro de maio, para que toda a família dançasse nua junto às novas safras. A explicação que se dava às crianças era que isso as protegeria contra pegar resfriados durante os próximos doze meses; mas seria interessante saber se os próprios pais acreditavam ser esta a verdadeira razão ou se estavam realmente preocupados com a fertilidade das plantações e estavam dando às crianças uma explicação 'respeitável' para o caso de falarem, particularmente aos ouvidos do padre. Nosso amigo também nos conta que a semeadura era sempre feita por volta de 25 de março, para garantir um boa colheita, e 25 de março costumava ser tido como o *equinócio da primavera* (compare o 25 de dezembro do Natal em lugar do solstício astronomicamente exato).

"Uma das mais difundidas superstições na Inglaterra afirmava que lavar o rosto no orvalho da manhã de primeiro de maio embelezaria a pele", diz a *Enciclopédia Britânica.* "Pepys faz alusão a essa prática em seu *Diário* e, até 1791, um jornal londrino informava que 'ontem, sendo primeiro de maio, muitas pessoas se dirigiram aos campos e banharam seus rostos com o orvalho da relva imbuídos da idéia de que isso os tornaria belos.'" A Irlanda possui tradição idêntica.

Mas voltemos aos bosques. Hoje, excesso de população e não escassez de população é o problema da humanidade e posturas mais esclarecidas, no que diz respeito às relações sexuais (embora ainda se desenvolvendo de maneira irregular), dificilmente se compatibilizariam com o método da orgia no bosque para produzir uma nova safra de Hodsons e Godkins. Porém tanto a franqueza bem humorada quanto o mistério sombrio podem e devem ser expressos. E é aqui que entram os sabás.

No nosso rito de Bealtaine incorporamos o máximo possível do simbolismo tradicional, sem sobrecarregá-lo e embotar seu gume com obscuridade e sem, pior ainda, retirar-lhe a graça. Deixamos por conta do leitor discernir qual a combinação que fizemos. Mas, quem sabe, valha a pena mencionar que a declamação do Grão Sacerdote: *"Eu sou um veado de armação de sete pontas,"* etc., consiste daquelas linhas da *Canção de Amergin* que concernem, de acordo com a atribuição de Robert Graves, aos sete meses de árvores no ciclo do *Rei Carvalho.*

Acrescentamos um pequeno rito completamente separado, que nos foi sugerido pela leitura dos *Fastos* de Ovídio. No primeiro de maio, os romanos prestavam homenagem aos seus *lares*, ou deuses domésticos, e nos pareceu apropriado fazer o mesmo na noite na qual o fogo de Bel é apagado e reacendido. Todos as casas (lares), para sermos honestos, possuem objetos que são com efeito *lares.* O nosso inclui uma Vênus de Milo de 30 cm de altura, adquirida pelos pais de Stewart antes do nascimento dele; ligeiramente danificada, duas vezes partida ao meio e reparada, ela se tornou uma *guardiã da casa* muito querida e um verdadeiro *lar.* Ela agora sorri *helenisticamente* para nossos ritos de Bealtaine. Talvez outras bruxas e bruxos sintam que essa pequena homenagem anual seja um costume agradável a ser adotado.

A Preparação

O caldeirão é colocado no centro do círculo com uma vela queimando dentro dele (do caldeirão). Esta vela representa o fogo de Bel.

Ramos de espinheiro e ameixa brava decoram o altar e grinaldas dos dois combinados (removidos os espinhos) são feitas para as feiticeiras. Uma descarga de pulverizador de cabelo nas flores, aplicada antecipadamente, ajudará a evitar a queda das pétalas. O espinheiro e a ameixa brava devem ser colhidos na própria véspera de primeiro de maio e é costume desculpar-se e explicar o que se está fazendo a cada árvore, à medida que se a corta.

Se folhas de carvalho puderem ser encontradas nessa estação na área, uma grinalda delas é feita para o Grão Sacerdote, para seu papel de *Rei Carvalho* (uma coroa de carvalho permanente é um acessório útil do *coven* – ver em Natal, p. 145).

Um xale verde ou pedaço de gaze, de ao menos um metro quadrado, é depositado junto ao altar.

Tantos círios de cera quantas forem as pessoas no *coven* são colocadas perto do caldeirão.

Os 'bolos' para consagração, nesta ocasião, devem ser uma tigela de nozes.

Se for incluído o rito do *Guardião da Casa*, essa(s) tigela(s) é(são) colocada(s) na borda do *círculo*, perto da vela do leste, com um ou dois paus de incenso num recipiente prontos para serem acendidos no momento apropriado (se seu *Guardião* não for transportável, um símbolo dele poderá substituí-lo; por exemplo, se for uma árvore do seu jardim, providencie um ramo dela, *novamente* com a devida excusa e explicação.

O Ritual

Depois da *runa das feiticeiras*, os membros do *coven* se distribuem em torno da área do círculo, entre o caldeirão e o perímetro, e iniciam um bater de palmas suave, rítmico.

O Grão Sacerdote pega o xale verde, enrola-o ao longo de seu comprimento, como uma corda, e segura-o com uma extremidade em cada mão. Começa a se mover na direção da Grã Sacerdotisa, como se para jogar o xale sobre os ombros dela e puxá-la para ele, mas ela se afasta dele, como que a provocá-lo e excitá-lo.

Enquanto o *coven* continua seu bater de palmas rítmico, a Grã Sacerdotisa prossegue frustrando o Grão Sacerdote que a persegue. Acena para ele e o excita, porém sempre recua antes que ele possa capturá-la com o xale. Permeia o *coven*, entrando e saindo dele, e as outras mulheres se colocam no caminho do Grão Sacerdote, de modo a ajudá-la a frustrar os movimentos dele.

Depois de algum tempo, digamos depois de duas ou três 'voltas' do *círculo*, a Grã Sacerdotisa deixa que o Grão Sacerdote a capture, jogando o xale sobre sua cabeça de maneira a enlaçar seus ombros, após o que ele a puxa para si. Eles se beijam, se separam e o Grão Sacerdote entrega o xale a um outro homem.

O outro homem então persegue *sua* parceira, que o frustra, acena para ele e o excita, exatamente do mesmo modo. O bater de palmas persiste o tempo todo (ver foto 12). Depois de um certo tempo, ela também permite ser capturada e beijada.

Esse homem, em seguida, passa o xale a um terceiro homem e o jogo de perseguição prossegue até que todos os casais do *coven* dele tenham participado.

O último homem devolve o xale ao Grão Sacerdote.

Novamente o Grão Sacerdote persegue a Grã Sacerdotisa, mas, desta vez, o movimento é muito mais lento, quase imponente, e a ação de frustrar e acenar por parte da Grã Sacerdotisa é mais solene, como se ela o estivesse atraindo para o perigo; e desta vez os outros não intervêm. A perseguição continua até que a Grã Sacerdotisa se coloca entre o caldeirão e o altar, encarando o altar a dois ou três passos dele. Então, o Grão Sacerdote pára com suas costas para o altar e a captura com o xale.

Eles se abraçam de modo solene, mas afetuosamente. Contudo, após alguns segundos se beijando, o Grão Sacerdote deixa o xale cair de suas mãos e a Grã Sacerdotisa o solta, dando um passo para trás.

O Grão Sacerdote se ajoelha, senta nos seus calcanhares e abaixa a cabeça, o queixo sobre o peito.

A Grã Sacerdotisa estende seus braços, sinalizando para que o bater de palmas cesse. Em seguida, ela chama duas mulheres pelos nomes e as coloca a cada lado do Grão Sacerdote, olhando para o interior, de sorte que as três elevam-se sobre ele. A Grã Sacerdotisa pega o xale e as três o estendem entre elas sobre o Grão Sacerdote. Elas o abaixam devagar e, então, o soltam, de modo que o xale cubra a cabeça do Grão Sacerdote como uma mortalha.

A Grã Sacerdotisa envia as duas mulheres de volta aos seus postos e chama dois homens pelos seus nomes. Ela os instrui para que apaguem as duas velas do altar (*não* a vela da terra) e tendo eles feito tal coisa, os envia de volta aos seus lugares.

A Grã Sacerdotisa, então, se vira e se ajoelha próximo do caldeirão, encarando-o. Gesticula para o resto do *coven*, para que todos se ajoelhem em torno do caldeirão com ela.

Apenas o Grão Sacerdote permanece onde está, defronte do altar, ajoelhado, mas 'morto'.

Quando todos estão posicionados, a Grã Sacerdotisa apaga a vela do caldeirão e fica em silêncio por um momento. Então ela diz:

"O fogo de Bel está apagado e o Rei Carvalho *está morto. Ele abraçou a Grande Mãe e morreu do amor dele; assim tem sido, ano após ano, desde o princípio dos tempos. Entretanto, se o* Rei Carvalho *está morto – ele que é o Deus do ano crescente – tudo está morto; os campos não produzem colheitas, as árvores não produzem frutos e as criaturas da Grande Mãe não produzem filhotes. O que faremos, portanto, para que o* Rei Carvalho *possa viver novamente ?"*

O *coven* responde:

"Reacender o fogo de Bel!"
A Grã Sacerdotisa diz:
"Que assim possa ser."

A Grã Sacerdotisa toma um círio, levanta-se, vai até o altar, acende o círio com a vela da terra e ajoelha-se de novo junto ao caldeirão. Acende novamente a vela do caldeirão com seu círio (ver foto 7). Em seguida diz:

"Tomai cada um de vós um círio e acendei-o através do fogo de Bel."

Todos os membros do *coven* assim o fazem e, finalmente, a Grã Sacerdotisa acende um segundo círio para si mesma. Convocando as mesmas duas mulheres de antes para que a acompanhem, ela se levanta e se vira para encarar o Grão Sacerdote. Por meio de gestos, ela avisa as duas mulheres para erguerem o xale da cabeça do Grão Sacerdote. Elas o fazem (ver foto 8) e depositam sobre o chão.

A Grã Sacerdotisa envia as duas mulheres de volta aos seus lugares e convoca os dois homens. Ela os instrui a reacenderem as velas do altar com seus círios. Uma vez eles tenham feito isso, ela os envia aos seus lugares.

Ela então oferece um de seus círios ao Grão Sacerdote (que até agora não se moveu) e diz:

"Volta a nós, Rei Carvalho, *para que a terra seja fértil."*

O Grão Sacerdote se levanta e aceita o círio. Ele diz:

"Eu sou um veado de armação de sete pontas;
Eu sou um vasto dilúvio numa planície;
Eu sou um vento na superfície das águas profundas;
Eu sou uma lágrima brilhante do sol;
Eu sou um falcão sobre um penhasco;
Eu sou belo entre flores;
Eu sou um deus que incendeia a cabeça com fumaça."

A Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote dirigem uma dança circular em torno do caldeirão, seguidos do resto do *coven*, todos carregando seus círios. A disposição passa a ser de alegria. À medida que dançam, eles cantam:

"Oh, não contai ao Padre da nossa Arte,
Ou ele de pecado a estará chamando;
Mas estaremos nos bosques toda a noite,
Do verão a vinda invocando !
E nós, de boca, novas vos estamos trazendo
Para as mulheres, o gado e o cereal –
Agora está o Sol do sul aparecendo
Com Carvalho, e Freixo e Espinheiro como tal !"[1]

Eles repetem *"Com Carvalho, e Freixo e Espinheiro como tal !"* à vontade, até a Grã Sacerdotisa apagar seu círio e depositá-lo junto ao caldeirão. Os outros fazem o mesmo. A seguir todo o *coven* une as mãos e circula cada vez mais depressa. Uma vez ou outra a Grã Sacerdotisa chama um nome ou os nomes dos componentes de um casal e quem é chamado sai do círculo, pula o caldeirão e retorna ao círculo. Quando todos pularam, a Grã Sacertodisa grita *"Ao chão!"* e todos sentam.

Isso, excluindo o *Grande Rito*, é o fim do ritual de Bealtaine, mas, se for para honrar o *Guardião da Casa*, proceder-se-á mais adequadamente com o resto do *coven* em repouso. O ritual do *Guardião* é, evidentemente, executado pelo casal, ou indivíduo, em cuja casa o sabá está sendo realizado – os quais podem ser ou não ser a Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote. Se se tratar de um indivíduo, o parceiro de trabalho dele ou dela servirá de assistente; se ele ou ela não dispõe de parceiro, a Grã Sacerdotisa ou o Grão Sacerdote poderão se incumbir disso.

O casal se aproxima da vela do leste, enquanto o resto do *coven* permanece sentado, mas se volta para encarar o leste como os componentes do casal.

Um dos componentes do casal acende os bastões de incenso em frente do Guardião, enquanto o outro diz:

---

[1] Esta (o único item substancial no ritual de Bealtaine do *Book of Shadows*) é uma versão ligeiramente alterada do verso 5 do poema de Rudyard Kipling, *A Tree Song*, da narrativa de "Weland's Sword", presente em *Puck of Pook's Hill*. É uma das apropriações mais felizes de Gerald gardner e estamos certos de que a sobra de Kipling não se importa.

"Guardião desta Casa, zela por ela no ano vindouro até que, de novo, o fogo de Bel seja apagado e reaceso. Abençoa esta casa e sê abençoado por ela; permite que todos que aqui vivem e todos os amigos que aqui são benvindos prosperem sob este teto. Que assim seja!"

Todos dizem:

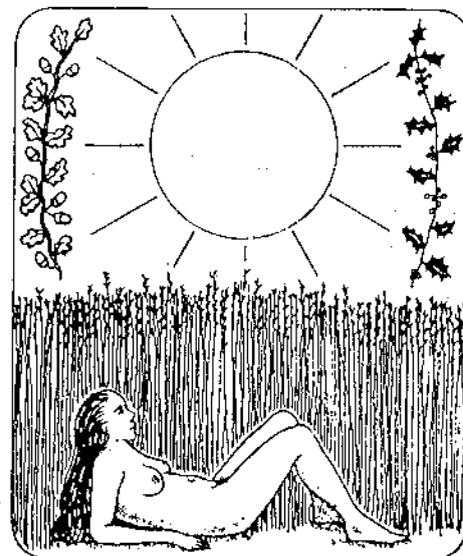
"Que assim seja!"

O casal retorna ao *coven.*

Bealtaine e Samhain são tradicionais 'Noites de Dano' – o que Doreen Valiente chamou de "... tempos intermediários, quando o ano estava oscilando em seus gonzos, as portas do Outro Mundo se encontravam abertas e qualquer coisa podia acontecer ". Assim, quando tudo foi feito, o *Grande Rito* celebrado e o vinho e as nozes partilhados, será a noite do jogo de prendas. Ao impor pequenas tarefas bizarras ou provas, a criatividade da Grã Sacerdotisa pode *correr solta e sem controle,* lembrando-se sempre, é claro, que o Grão Sacerdote goza do privilégio final de inventar uma paga ao jogo para *ela.*

Finalmente, se você está realizando seu festival de Bealtaine ao ar livre, o fogo de Bel que é acendido deve ser uma fogueira. Esta deve ser preparada mediante as medidas apropriadas para que acenda rapidamente. Mas o *velho* fogo de Bel, que a Grã Sacerdotisa apaga, deve ser uma vela, se necessário protegida dentro de uma lanterna. Não seria praticável, a menos que o sabá fosse algo em larga escala, apagar uma fogueira no meio do ritual.

Se você morar numa região em que a bruxaria é conhecida e respeitada – ou, ao menos, tolerada – e tiver acesso ao alto de uma colina, a fulguração súbita de um fogo de Bealtaine na escuridão poderá estimular algumas memórias populares interessantes.

Mas, se você realmente acender uma fogueira – nessa ou qualquer outra oportunidade, tenha um extintor de incêndio à mão para o caso de uma emergência. Bruxas e bruxos que desencadeiam incêndios de charnecas ou incêndios de áreas florestais perderão rapidamente qualquer respeito local que possam ter conquistado. Em com total justiça, também.

VII Meio do Verão, 22 de junho*

A significação do deus-sol do sabá do meio do verão é literalmente tão clara quanto o dia. No solstício de verão, ele detém sua maior elevação e seu maior brilho e seu dia encontra sua maior extensão. Bruxas e bruxos, natural e acertadamente, o saúdam e honram no pico de seu ciclo anual, invocando-o para "por em fuga os poderes das trevas" e trazer fertilidade à terra. O *meio do verão* é talvez o mais celebrado dos festivais no sentido de que é festejado no jorro de plenitude da abundância do ano, o apogeu da luz e do calor.

Mas o ciclo do sabá, mesmo no cume de sua alegria, sempre leva em consideração o que jaz atrás e antes. Como os gregos diziam: *"Panta rhei,*

* 22 de dezembro no hemisfério sul. (n.t.)

ouden menei",[1] "Tudo flui, nada é estático." A vida é um processo, não um estado, e os *sabás das bruxas* são essencialmente um meio de se colocar em sintonia com esse processo.

Assim no *meio do verão*, o aspecto do 'processo' é refletido no outro tema de Deus – aquele do *Rei Carvalho* e o *Rei Azevinho*. No solstício de verão, o Rei Carvalho, Deus do Ano Crescente, cede ao Rei Azevinho, seu gêmeo, o Deus do Ano Minguante, porque o fulgurante pico do verão é também, por sua própria natureza, o início do reinado do Rei Azevinho, com sua progressão inexorável para o nadir sombrio do solstício de inverno, quando ele, por sua vez, morrerá nas mãos do Rei Carvalho renascido.

A morte de solstício de verão do Rei Carvalho assumiu muitas formas na mitologia. Ele era queimado vivo, ou cegado com uma estaca de visco, ou crucificado numa cruz em forma de T. E nos tempos antigos, o intérprete humano do Rei Carvalho era assim sacrificado de fato. Sua morte era seguida por uma vigília de sete dias. Mas o próprio Rei Carvalho, como Deus do Ano Crescente, se retirava para as estrelas circumpolares, a *Corona Borealis*, a *Caer Arianrhod* céltica – aquela roda giratória dos céus, que os antigos egípcios chamavam de *ikhem-sek*, 'não conhecendo destruição', porque suas estrelas nunca mergulhavam abaixo do horizonte, mesmo no solstício de inverno. Aqui ele aguardava seu renascimento igualmente inevitável.

Robert Graves sugere que a história bíblica de Sansão (um herói popular do tipo do Rei Carvalho) reflete esse padrão: depois de ter sido privado de seu poder, ele é cegado e enviado para servir numa roda de moinho (poder-se-ia também sugerir que Dalila, que preside sua ruína, representa a Deusa como *morte-em-vida* e que, reduzindo-a a vilã, o patriarcalismo hebraico esqueceu ou omitiu a seqüência, segundo a qual, no devido curso como *vida-em-morte*, ela seria destinada a presidir sua restauração).

Graves indica, ademais, que "... visto que na prática medieval São João Batista, que perdeu sua cabeça no dia de São João (24 de junho), "... assumiu o título e costumes do Rei Carvalho, era natural deixar Jesus, como misericordioso sucessor de João, assumir o Rei Azevinho... 'Entre todas as árvores existentes no bosque, o azevinho ostenta a coroa'... A identificação do pacífico Jesus com o azevim ou azevinho/carvalho deve ser lamentada como uma tolice poética, a não ser na medida em que ele declarou que tinha vindo não para trazer a paz, mas sim a espada." (*The White Goddess*, pgs. 180-1).

[1] παντα ρει ουδεν μενει (panta rei ouden menei), Heráclito, cerca de 513 aC.

Qualquer ritual de sabá do solstício de verão precisa abarcar esses dois temas divinos pois os solstícios são pontos-chaves em ambos. Mas e quanto à Deusa? Qual é o seu papel no drama do solstício de verão?

A Deusa, como salientamos, é diferente do Deus no sentido de que ela nunca sofre morte e renascimento. Na verdade, nunca se transforma – tão-só apresenta faces diversas. No solstício de inverno, ela mostra seu aspecto de *vida-em-morte*; embora seu corpo terrestre pareça frio e inerte, ainda assim ela dá nascimento ao novo Deus-Sol e preside à substituição do Rei Azevinho pelo Rei Carvalho com a promessa deste de vida ressurgente. No solstício de verão, ela mostra seu aspecto de *morte-em-vida*; seu corpo terrestre está exuberantemente fecundo e sensual, saudando seu consorte Deus-Sol no zênite dos poderes deste – e, entretanto, ela está ciente de que é um zênite transitório e, ao mesmo tempo, ela preside a morte do Rei Carvalho e o entronamento de seu sombrio (porém necessário e, assim, não maligno) gêmeo. No solstício de verão a deusa executa sua magnífica *Dança da Vida*, mas mesmo à medida que dança ela nos murmura *"Panta rhei, ouden menei."*

O *solstício de verão* é tanto um festival do fogo quanto um festival da água, o fogo sendo o aspecto do Deus e a água o aspecto da Deusa, como o ritual deve tornar claro. O *meio do verão (solstício de verão)* é também, às vezes, chamado de *Beltane*, porque fogueiras são acesas estando na véspera do primeiro de maio. Tem-se sugerido que São Patrício foi em grande parte responsável por isso na Irlanda, porque ele transferiu a 'noite da fogueira' da Irlanda para a véspera de São João, a fim de depreciar as implicações pagãs da véspera do primeiro de maio.[2] Ele pode ter mudado real-

[2] Na maior parte da Irlanda, a noite do fogo comunal do Meio do Verão é 23 de junho, a véspera do dia de São João. Mas, em alguns locais, é tradicionalmente 28 de junho, a véspera do dia de São Pedro e São Paulo, às vezes conhecida como a "Noite do Pequeno Fogo Bom". Fomos incapazes de descobrir a razão dessa curiosa diferença, mas possivelmente teria algo a ver com o antigo calendário juliano. Em 1582, o papa Gregório XIII eliminou dez dias, para tornar o calendário astronomicamente correto e é o calendário gregoriano que o mundo todo ainda usa. (Esse calendário só foi adotado pela Inglaterra, Escócia e Gales em 1752 – época em que onze dias foram eliminados – e isso se tornou geral por toda a Irlanda por volta de 1782). Mas nota-se que, em muitas partes da Europa, os antigos costumes populares, que escaparam do comando oficial cristão, tendem a se restringir ao antigo calendário (ver, por exemplo, a página 129). O dia de São Pedro e São Paulo está mais próximo do Solstício do Meio do Verão do que o dia de São João, *se a reforma gregoriana for ignorada*. Assim, talvez um costume pagão resistente, que ocorre nos locais que ignoram tal reforma, estivesse simplesmente ligado ao dia santificado mais próximo e importante para que se tornasse tão respeitável enquanto fosse conduzido.

mente a ênfase, mas dificilmente poderia ter mudado o nome porque *Bealtaine significa* maio em irlandês; o uso deste nome para o solstício de verão só pode ter surgido em países em que não se falava a língua gaélica.

Em qualquer caso, o *meio do verão* era um importante festival do fogo em toda a Europa e mesmo entre os árabes e os berberes do norte da África. Desenvolveu-se menos e tardiamente nos países celtas, porque eles não eram original ou naturalmente de orientação solar. Muitos dos costumes sobreviveram até os tempos modernos e amiúde envolvem o virar ou rolar colina abaixo de uma roda flamejante como símbolo solar. Como no Bealtaine e no Samhain (efetivamente, em todo festival), a própria fogueira sempre foi considerada possuidora de grande poder mágico. Já mencionamos (em Bealtaine) o costume de pular a fogueira e conduzir gado através dela. Suas cinzas eram também espalhadas nos campos. Na Irlanda, um torrão queimado proveniente da fogueira da véspera de São João era um amuleto de proteção. Em países cultivadores de linho, acreditava-se que a altura que se alcançava ao pular a fogueira predizia a altura que alcançaria o linho cultivado. Marroquinos esfregavam uma pasta feita das cinzas em seus cabelos para evitar a calvície. Um outro costume, difundido por toda a Europa, era fortalecer os olhos, olhando-se na fogueira através de maços de espora ou de outras flores seguros nas mãos.

O capítulo LXII de *The Golden Bough*, de Frazer, é uma mina de informação acerca de tradições de festivais do fogo.

Para feiticeiras e feiticeiros modernos, o fogo é um aspecto central do sabá do solstício de verão, como o é de Bealtaine. Mas, já que o caldeirão (que na véspera de primeiro de maio encerra o fogo de Bealtaine) é usado no *meio do verão* (solstício de verão) para a água com a qual a Grã Sacerdotisa borrifa seu *coven*, e é chamado de 'o caldeirão de Cerridwen', reafirmando seu simbolismo da Deusa, nós nos valemos de uma outra tradição, há muito existente, para sugerir fogueiras duplas para o rito do solstício de verão (ou duplas velas como seu equivalente, se o festival for em ambiente fechado). Magicamente, passar *entre* elas é considerado como o mesmo que passar *sobre* uma fogueira única e, se você estiver conduzindo gado através delas, como um feitiço para uma boa produção de leite, será obviamente mais prático!

De todos os sabás, o *meio do verão (solstício de verão)* nos climas temperados é aquele a ser realizado externamente, se as instalações e a privacidade o permitirem; para a realização com os participantes nus, ele e Lughnasadh podem se revelar os únicos. Mas, tal como em relação aos outros sabás, descrevemos nosso ritual para celebração em ambiente interno, tão-somente porque a adaptação de um *'script'* de ambiente interno para uso em ambiente externo é mais fácil do que o contrário.

No que diz respeito a participar nu do ritual, existe uma tradição do *meio do verão* que pode interessar a qualquer mulher que está ansiosa para conceber e que disponha de uma horta. Ela deveria andar através dele nua na véspera do solstício de verão e também apanhar alguma erva de São João, se houver (se o sua horta for algo parecido com a nossa, poder-se-ia pensar em calçados como um modificação permissível da nudez!) Este é um intrigante reflexo do antigo e difundido rito de fertilidade no qual as mulheres caminhavam nuas pelos campos, para assegurar uma colheita copiosa, com freqüência enfatizando sua magia simpática 'cavalgando' (um eufemismo discreto) 'vassouras' fálicas (ver na página 84 uma sobrevivência disto no século XX).

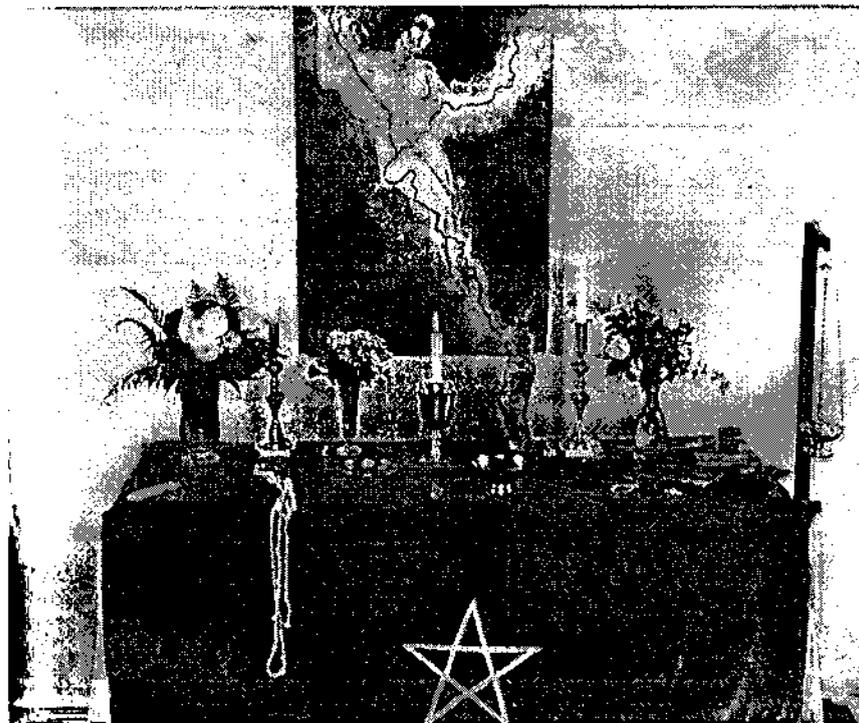



Foto I – O ALTAR

Foto 10 – O bastão e o açoite segurados na 'posição de Osíris'

A Preparação

O caldeirão é colocado imediatamente em frente do altar, com um pouco de água dentro e decorado com flores. Um galho de urze é posto ao lado dele, pronto para que a Grã Sacerdotisa o use para borrifar água (independentemente deste galho e esta sua função, a urze é simbolicamente uma boa planta para decorar o *círculo* esta noite; a urze vermelha é a flor passional do solstício de verão e a urze branca representa a influência moderadora – a vontade controlando ou dirigindo a paixão).

Duas coroas, uma de folhas de carvalho e a outra de folhas de azevinho, são feitas e colocadas ao lado do altar. O Grão Sacerdote (que representa o Deus-Sol) deve ser coroado também, mas já a partir do início do ritual; sua coroa deve ser da cor do ouro e ele pode acrescentar quaisquer outros acessórios ou adornos que ampliem o simbolismo solar.

A Grã Sacerdotisa e a *Donzela* podem usar grinaldas de flores do verão.

As duas velas do altar, nos seus candelabros, podem ser utilizadas no momento apropriado como as 'fogueiras'; ou duas outras velas em candelabros podem ser deixadas prontas. Externamente, é claro, duas pequenas fogueiras ficarão preparadas para acendimento rápido – uma a meio caminho entre o centro do *círculo* e a vela do leste, a outra a meio caminho entre o centro e a vela do oeste (o *círculo* em ambiente externo, deverá ser, é claro, muito maior, suprindo espaço para se dançar entre as fogueiras e em torno delas).

Um xale de cor escura é depositado junto ao altar, pronto para ser usado como uma venda.

Uma boa quantidade de canudos de palha é posta sobre o altar, tantos canudos quantos homens houver participando do sabá, exceto o Grão Sacerdote. Um deles é mais longo que os demais, e um outro mais curto que os demais (se a Grã Sacerdotisa, devido às suas próprias razões, se decidir a nomear os dois reis em lugar de obtê-los tirando a sorte, as palhas naturalmente não serão necessárias).

O Ritual

Depois da runa das feiticeiras, a *Donzela* traz os canudos de palha do altar e os segura em sua mão de maneira que todas as extremidades se projetem separadamente, mas que ninguém possa ver quais são o mais curto e o mais longo. A Grã Sacerdotisa diz:

"Que os homens tirem a sorte."

Cada homem (exceto o Grão Sacerdote) retira um canudo de palha da mão da *Donzela* e o mostra à Grã Sacerdotisa. Esta aponta para o homem que retirou o canudo de palha mais longo e diz:

"Tu és o Rei Carvalho, Deus do Ano Crescente. Donzela, traz sua coroa!"

A *Donzela* coloca a coroa de folhas de carvalho sobre a cabeça do Rei Carvalho.

A Grã Sacerdotisa aponta para o homem que retirou o canudo de palha mais curto e diz:

"Tu és o Rei Azevinho, Deus do Ano Minguante. Donzela, traz sua coroa!"

A *Donzela* coloca a coroa de folhas de azevinho sobre a cabeça do Rei Azevinho.

A Grã Sacerdotisa conduz o Rei Carvalho ao centro do *círculo*, onde ele permanece voltado para o oeste. O resto do *coven* o circunda, olhando para o interior do círculo, à exceção da Grã Sacerdotisa e do Grão Sacerdote, que permanecem com suas costas para o altar de cada lado do caldeirão.

A Grã Sacerdotisa diz:

"Com o Deus-Sol no auge de seu poder e majestade, o crescimento do ano é realizado, e o reinado do Rei Carvalho se finda. Com o Deus-Sol no auge de seu esplendor, o declínio do ano começa; o Rei Azevinho tem de matar seu irmão, o Rei Carvalho, e governar minha terra até o coração do inverno, quando seu irmão nascerá de novo."

O Rei Azevinho se move diante do Rei Carvalho, encarando-o, e pousa suas mãos sobre os ombros do Rei Carvalho, pressionando para baixo. O Rei Carvalho cai sobre os joelhos. Enquanto isso, a *Donzela* traz o xale, e ela e o Rei Azevinho vendam o Rei Carvalho. O resto do *coven* desloca-se de volta para o perímetro do *círculo* e senta-se, olhando para o interior dele.

A Grã Sacerdotisa pega seu *athame* e se adianta.[3] O Rei Azevinho toma o lugar dela diante do altar, do outro lado do caldeirão em relação ao Grão Sacerdote. A Grã Sacerdotisa, empunhando o *athame*, dança em sentido horário em torno do Rei Carvalho ajoelhado (ver foto 9), enquanto o Grão Sacerdote declama o poema a seguir, de forma firme e clara, enfatizando a marcação do compasso e mantendo o ritmo.

[3] É simbolicamente adequado que a Grã Sacerdotisa, representando a Deusa, deva executar a *dança do solstício de verão*, mas, se ela sentir que uma de suas feiticeiras é uma dançarina particularmente talentosa e o faria com maior eficiência, poderá delegar essa tarefa a ela.

"Dança, Senhora, dança – sobre o túmulo do Rei Carvalho o faz,
Onde ele durante meio ano em teu silente útero jaz.

Dança, Senhora, dança – no nascimento do Rei Azevinho,
Que seu gêmeo matou tendo o amor à terra como fim.

Dança, Senhora, dança – ao poder do Deus-Sol dedicando
E seu toque de ouro campo e flor acariciando.

Dança, Senhora, dança – com tua lâmina à mão,
Que convocará o Sol para tua terra dele receber a bênção.

Dança, Senhora, dança – na Roda de Prata vem dançar,
Onde o Rei Carvalho repousa, para suas feridas curar.

Dança, Senhora, dança – para o Rei Azevinho reinar,
Até seu irmão, o Carvalho, de novo ressuscitar.

Dança, Senhora, dança – no céu pela lua iluminado
Ao Triplo Nome pelo qual és dos homens conhecida.

Dança, Senhora, dança – sobre a Terra que revolvente é
Para o Nascimento que Morte é, e a Morte que Nascimento é.

Dança, Senhora, dança – ao Sol que nas alturas se encontra,
Pois seu esplendor ardente também a morte defronta.

Dança, Senhora, dança – à maré do ano que é longa,
Pois através de toda transformação deves tu continuar."

E a seguir, acelerando o ritmo:

"Dança para o Sol em glória,
Dança para o passamento do Rei Carvalho,
Dança para o triunfo do Rei Azevinho –
Dança, Senhora, dança –
Dança, Senhora, dança –
Dança, Senhora, dança ..."

O *coven* se une no canto *"Dança, Senhora, dança ..."* numa cadência célere e insistente, até que o Grão Sacerdote lhe faz um sinal para parar, parando ele também.

A Grã Sacerdotisa encerra sua dança, depositando seu *athame* sobre o altar. Ela e a *Donzela* ajudam o Rei Carvalho a se levantar e o conduzem, ainda vendado, para que se ajoelhe diante da vela do oeste.

O Grão Sacerdote diz então:

"O espírito do Rei Carvalho *foi-se de nós para repousar em Caer Arianrhod, o Castelo da Roda de Prata, até que, com a virada do ano, virá a estação em que ele voltará a reinar. O espírito se foi e, portanto, que o homem entre nós que representou esse espírito seja liberado de sua tarefa."*

A *Donzela* remove a venda do Rei Carvalho e a Grã Sacerdotisa remove sua coroa de folhas de carvalho. Elas as colocam a cada lado da vela do oeste e então ajudam o homem a levantar-se; ele se volta e se torna novamente parte do *coven*.

O Grão Sacerdote diz:

"Que os fogos do solstício de verão resplandeçam!"

A *Donzela* e o Rei Azevinho trazem as duas velas do altar e as colocam numa linha leste-oeste, eqüidistantes do centro e separadas cerca de 1,5 m. Enquanto isso, a Grã Sacerdotisa se junta novamente ao Grão Sacerdote no altar (em ambiente externo, a donzela e o Rei Azevinho acendem as duas fogueiras).

A Donzela, então, traz o *athame* do Grão Sacerdote do altar e se posta ao lado da vela ocidental do solstício de verão, voltada para o leste. O Rei Azevinho traz o cálice de vinho e se posta ao lado da vela oriental do solstício de verão, voltado para o oeste.

O *Grande Rito* simbólico é então representado pela Grã Sacerdotisa e pelo Grão Sacerdote, aquela se colocando entre as duas velas, e a donzela e o Rei Azevinho entregando o *athame* e o cálice no momento apropriado.

Depois do *Grande Rito* e da transferência do cálice, o Grão Sacerdote se coloca diante do altar com o bastão em sua mão direita e o açoite na esquerda, cruzados acima do peito, na posição de Osíris. A Grã Sacerdotisa o encara e faz a invocação jubilosamente:[4]

"Grandioso do Céu, Poder do Sol, nós te invocamos em teus nomes antigos: Miguel, Balin, Artur, Lugh; adentra de novo, como outrora, esta tua terra. Ergue tua reluzente espada de luz para nos proteger. Põe em fuga os poderes das trevas. Concede-nos belas florestas e campos verdes, pomares em flor e o cereal em amadurecimento. Faz-nos estar sobre tua colina de visão e mostra-nos a senda para os atraentes domínios dos Deuses."

Ela, então, traça o *pentagrama invocatório da terra* diante do Grão Sacerdote com seu dedo indicador direito. O Grão Sacerdote levanta alto ambas as mãos e, então, mergulha o bastão na água do caldeirão. Em seguida, ergue o bastão, dizendo:

[4] Escrita por Doreen Valiente, abaixo de "Águas da Vida".

"O Chuço ao Caldeirão, a Lança ao Cálice, o Espírito à Carne, o Homem à Mulher, o Sol à Terra."

O Grão Sacerdote deposita o bastão e o açoite sobre o altar e se une ao resto do *coven*. A Grã Sacerdotisa pega o galho de urze e se coloca junto ao caldeirão. Ela diz:

"Dançai diante do Caldeirão de Cerridwen, a Deusa, e sede abençoados com o toque desta água consagrada; exatamente como o Sol, o Senhor da Vida, nasce em sua força no signo das Águas da Vida!"

O *coven*, dirigido pelo Grão Sacerdote, começa a mover-se em sentido horário em torno do *círculo*, externamente em relação às duas velas. À medida que cada pessoa passa por ela, a Grã Sacerdotisa o borrifa ou a borrifa com água de seu galho de urze. Quando termina de borrifar todos, ela se junta ao círculo móvel.

A Grã Sacerdotisa, por sua vez, ordena então a todos – isoladamente ou em casais – que passem entre as velas do solstício de verão e que expressem um desejo, à medida que caminham. Tendo todos feito tal coisa, a Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote passam entre as velas juntos. Em seguida, se voltam, apanham as duas velas e as devolvem ao altar, para oferecer espaço para a dança.

A Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote orientam o *coven* para uma dança espontânea e alegre, até que a Grã Sacerdotisa decide que é hora da etapa de festa do sabá.

VIII Lughnasadh, 31 de julho*

Lughnasadh (pronuncia-se '*lu*-nâs-âh') significa 'a comemoração de Lugh'. Em sua ortografia simplificada, *Lúnasa*, significa mês de agosto em gaélico-irlandês. Enquanto *Lunasda* ou *Lunasdal* ('*lu*-nâs-dâh', -dâl') significa *Lammas*, primeiro de agosto em gaélico-escocês, o equivalente na língua da Ilha de Man é *Laa Luanys* ou *Laa Lunys*. Na Escócia, o período a partir de uma quinzena antes de Lunasda até uma quinzena depois é conhecido como Iuchar (**iuchar**), enquanto que na península de Dingle do condado de Kerry a segunda quinzena é conhecida como *An Lughna Dubh* (o festival sombrio de Lugh), sugerindo "que são ecos de um cálculo lunar

* 30 de janeiro no hemisfério sul. (n.t.)

pelo qual Lughnasa teria sido celebrado em conjunção com uma fase da Lua" (Máire MacNeill, *The Festival of Lughnasa*, pg. 16).

Por todas as Ilhas Britânicas (não apenas na 'orla céltica' como também em lugares tais como o condado de Durham e Yorkshire), os costumes populares de Lughnasadh se prenderam quase que inteiramente ao domingo que antecede ou o domingo que sucede o primeiro de agosto – não meramente através da *cristianização*, mas também porque envolviam grandes aglomeramentos de pessoas, freqüentemente em montanhas ou altas colinas, o que foi possível somente nos dias de lazer que a cristandade convenientemente produzira.

Do que sobreviveu de Lughnasadh nessas ilhas, a Irlanda é uma verdadeira mina de ouro, em parte porque, como já salientamos, na Irlanda a cultura rural foi bem menos erodida pela cultura urbana do que em outros lugares. Mas também por uma outra razão de cunho histórico. Durante os séculos em que a religião católica foi proscrita ou perseguida, a classe camponesa irlandesa, destituída das construções em que ocorria o culto, ligou-se cada vez mais fervorosamente aos locais sagrados ao ar aberto que foi tudo que lhe restou. Assim, obedecendo a uma premência muito mais antiga do que o cristianismo, sacerdotes e pessoas juntos subiram às alturas sagradas ou procuraram as fontes mágicas, para marcar os pontos decisivos no ano da Mãe Terra, que eram, para eles, demasiadamente importantes para não serem reconhecidos simplesmente porque suas igrejas não possuíam teto ou eram requisitadas por um credo estranho. Em lugares elevados, como Croagh Patrick, ainda é assim e mais do que isso posteriormente.

O livro de Máire MacNeill, citado acima, reúne uma riqueza surpreendente desses costumes que sobreviveram – setecentas páginas de costumes, folclore e lenda original que não devem permanecer desconhecidos de nenhum estudante sério dos *Oito Festivais*.

Quem era Lugh? Era um deus do fogo e da luz do tipo Baal/Hércules; seu nome pode ser da mesma raiz do latim *lux*, que significa luz (que nos deu também Lúcifer, 'o portador da luz'). Ele realmente é o mesmo deus que Baal/Beli/Balor, porém uma versão posterior e mais sofisticada dele. Na mitologia, a substituição histórica de um deus por uma forma posterior (sucedendo-se a uma invasão, por exemplo, ou um avanço revolucionário na tecnologia) é freqüentemente lembrada como o assassinato, o cegamento ou a emasculação do mais velho pelo mais jovem, enquanto que a continuidade essencial é reconhecida fazendo do deus mais novo o filho ou neto do velho (se a divindade substituída for uma deusa, geralmente reaparece como a esposa do recém-chegado). Assim, Lugh na lenda irlandesa foi um

dirigente do *Tuatha Dé Danann* ('os povos da deusa Dana'), os penúltimos conquistadores da Irlanda no ciclo mitológico, enquanto que Balor foi o rei dos Fomors, os quais os *Tuatha Dé* derrotaram; e na batalha Lugh cegou Balor. Todavia, conforme a maioria das versões, Balor era seu avô e Dana/ Danu era esposa de Balor (neste caso, o casamento rebaixou Balor, não Dana).

Outras versões fazem de Lugh o filho de Balor. O folclore do nosso próprio povoado o faz, aparentemente; como Máire MacNeill (*ibid.*, pg. 408) registra: "De Ballycroy em Mayo provém um provérbio alusivo às tempestades com trovões:

> *"'Tá gaoth Lugha Lámhfhada ag eiteall anocht san aer.'*
> *'Seadh, agus drithleógai a athar. Balor Béimeann an t-athair.'*
> *('O vento do Longo braço de Lugh voa no ar esta noite.'*
> *'Sim, e as faíscas de seu pai, Balor Béimann.')"*

Lugh, então, é Balor recomeçando tudo – e associado a uma revolução tecnológica. Na lenda da vitória dos *Tuatha Dé*, Lugh poupa a vida de Bres, um comandante inimigo capturado, em troca de instruções sobre o uso do arado, semeadura e colheita. "A história contém claramente um mito da colheita no qual o segredo da prosperidade na agricultura é tirado à força, de um deus poderoso e relutante, por Lugh" (MacNeill, *ibid.*, pg. 5).

A astúcia e a versatilidade superiores de Lugh são indicadas por seus títulos *Lugh Lámhfhada* (pronuncia-se 'lu ló-*vó*da') e *Samhioldánach* ('só-vil-*dó*noch' com o 'ch' como em 'loch'), "igualmente hábil em todas as artes". Seu equivalente galês (neto de Beli e Don) é *Llew Llaw Gyffes*, variavelmente traduzido como "o leão com a mão firme" (Graves) e "o resplandecente com a mão hábil" (Gantz).

Significativamente, Lugh é com freqüência a divindade padroeira de uma cidade, tal como Carlisle (Luguvalium), Lyon na França, Leyden na Holanda e Legnica (alemão, Liegnitz) na Polônia. As cidades eram estranhas para os celtas mais antigos; suas primeiras cidades (continentais) passaram a existir pela conveniência do intercâmbio comercial com as civilizações do Mediterrâneo, das quais eles as copiaram para servirem de pontos seguros de cobrança de tributos pelas rotas comerciais; ou posteriormente, como resultado da absorção da Gália celta aos padrões do Império romano. Dos celtas britânicos, um autor tão tardio quanto Estrabão (cerca de 55 a. C. – 25 A.D.) pôde ainda dizer: "As cidades deles são os bosques. Eles fecham uma grande área com árvores abatidas e constróem cabanas para se alojarem e a seus animais, nunca com a intenção de permanecer muito tempo nesses lugares." Assim, quando os celtas, que viajavam de um lugar para outro, passaram a nomear cidades, Balor perdera seu brilho para Lugh – independentemente do fato de grande proporção da população dessas cidades ser de artesãos, naturalmente devotados a *Lugh Samhioldánach*.

Falando de derrubadas, estas aconteceram, é claro, também com a chegada do cristianismo. Um excelente exemplo disto é São Miguel, que foi uma forma posterior do Lúcifer que ele 'derrotou'. T. C. Lethbridge, em *Witches: Investigating an Ancient Religion*, mostrou como muitas igrejas paroquiais de São Miguel coincidem com locais onde Lugh, o Lúcifer celta ou 'portador da luz', teria sido cultuado (igrejas pré-reforma, ou seja, os construtores de igrejas pós-reforma parecem ter perdido todo o sentido de magia do lugar).[1] E Miguel, na tradição mágica, rege o elemento fogo.

Que Lugh é também um tipo de deus que experimenta a morte e o renascimento numa união sacrificial com a Deusa, é muito claramente constatado na lenda de sua manifestação galesa: Llew Llaw Gyffes. Esta narrativa aparece como parte de *The Romance of Math the Son of Mathonwy* no *Mabinogion*; Robert Graves oferece a tradução de Charlotte Guest, em *The White Goddess*.

Robert Graves também diz (*ibid.*, pg. 178): "A forma anglo-saxônica da *Lughomass*, missa em honra do deus Lugh ou Llew, era *hlaf-mass*, 'missa do pão', referindo-se à colheita dos cereais e o assassinato do Rei Cereal." Os *jogos de Tailltean*, realizados na Irlanda, em Lughnasadh, eram originalmente jogos funerais, tradicionalmente em honra de Tailte, a mãe adotiva morta de Lugh; mas como Graves destaca (pg. 302), essa tradição "é tardia e enganosa". Os jogos da vigília eram claramente para honrar o próprio Lugh sacrificado e, a menos que se compreenda a significação do tema da união sacrificial, poder-se-ia ficar desconcertado pela aparente contradição de que uma antiga tradição irlandesa também se refere aos feitos nupciais de Lugh em Tailtiu; num certo sentido, isto também é um obscurecimento de uma história parcialmente lembrada, pois aquele que se une à deusa na colheita já é o consorte do *ano minguante* dela. Como Máire MacNeill afirma com justeza (*ibid.*, p. 424): "Lughnasa, eu sugeriria, foi um episódio no ciclo de uma história de casamento divino, mas não necessariamente o período de noivado."

---

[1] Quanto ao assunto *magia do lugar* em sua totalidade, não apenas os lugares de culto como também (por exemplo) coisas tais como os fogos de Bealtaine, *Needles of Stone*, de Tom Graves, constitui uma leitura praticamente essencial para bruxas e bruxos que desejem não apenas sentir como também compreender e experimentar construtivamente sua relação com a Terra como organismo vivo.

Deste modo, em Lughnasadh temos o outono paralelo à união sacrificial de Bealtaine com o deus do *ano crescente*. No nível humano, é interessante notar que os 'casamentos da mata verde' de Bealtaine tinham como paralelo os 'casamentos de *Teltown*' (isto é, *Taillteau*), casamentos de tentativa, que podiam ser dissolvidos depois de um ano e um dia pelo casal, retornando ao lugar onde a união fora celebrada e afastando-se um do outro, um para o norte, o outro para o sul (o *handfasting* de *Wicca* conta com esta mesma cláusula: o casal pode dissolvê-lo depois de um ano e um dia, retornando à Grã Sacerdotisa que celebrou seu *handfasting* e a informando). Teltown (irlandês moderno, Tailteann, irlandês antigo, Tailtiu) é um povoado no condado de Meath, onde a tradição lembra de um 'Pequeno Outeiro do Preço da Noiva" e de uma 'Ravina do Matrimônio'. A feira de Tailteann parece ter se transformado, nos séculos posteriores, num simples mercado de casamentos com rapazes e moças mantidos separados até que os contratos fosse assinados; mas suas origens devem ter sido muito diferentes.

Originou-se, na verdade, do *óenach*, ou reunião tribal dos tempos pagãos – de que o *óenach* de Tailtiu era o mais importante, estando associado ao *Grande Rei*, cuja sede real de Tara está há apenas quinze milhas (MacNeill, *ibid.*, pgs. 311-338). Essas reuniões eram uma mistura de negócios tribais, corridas de cavalo, concursos de atletismo e ritual para assegurar boa sorte, e Lughnasadh era um período favorito para elas. O *óenach* de Leinster dirigido a Carman, a deusa de Wexford (MacNeill, *ibid.*, pgs. 339-344), por exemplo, era realizado às margens do rio Barrow na semana começando com a festa de Lughnasadh com o fito de assegurar para a tribo "cereais e leite, bolotas e peixe, e isenção do ataque de qualquer estrangeiro" (Gearóid Mac Niocaill, *Ireland Before the Vikings*, pg. 49). "Tais tradições de profundas raízes não podiam ser alijadas e tinham, forçosamente, que ser toleradas e na medida do possível cristianizadas. Assim, em 784 o *óenach* de Teltown (*Tailtiu*) foi santificado pelas relíquias de Erc de Slane." Mac Niocaill também diz (pg. 25) que *Columcille* – mais conhecida fora da Irlanda como Santa Columba – tem o crédito de uma proposta para derrubar Lughnasadh "convertendo-o numa 'festa dos lavradores', aparentemente sem nenhum grande sucesso".

O comportamento ritualístico do rei, como a personificação sagrada da tribo, era particularmente importante. No Lughnasadh, por exemplo, o *rei da dieta de Tara* tinha de incluir peixe de Boyne, carne de veado de Luibnech, bagas de mirtilo de Brí Léith perto de Ardagh, e outros ítens obrigatórios (Mac Niocaill, p. 47) (o mirtilo é significativo – ver abaixo).

Uma formidável lista dos tabus que cercam o *rei sagrado romano*, o *Flamen Dialis* é dada por Frazer (*The Golden Bough*, pg. 230). Robert Graves (*The White Goddess*, pg. 130) indica o que Frazer omite, ou seja, que o *Flamen*, um figura do tipo Hércules, devia sua posição ao seu casamento sagrado com *Flamenica*; ele não podia se divorciar dela e, se ela morresse, ele tinha de renunciar. É papel do Rei Sagrado submeter-se à Rainha-Deusa.

Isso nos traz de volta diretamente a Lughnasadh, pois Graves continua: "Na Irlanda esse Hércules era chamado de *Cenn Cruaich*, 'o Senhor da Colina', mas, depois de sua substituição por um rei sagrado mais benigno, foi lembrado como *Cromm Cruaich* ('O Submetido da Colina')."

Crom Cruach (a costumeira ortografia moderna), também chamado de Crom Dubh ('O Submetido Negro') era um deus sacrificial particularmente associado a Lughnasadh. O último domingo de julho continua sendo conhecido como *Domhnach Chrom Dubh* ('Domingo de Crom Dubh'), mesmo tendo sido cristianizado. Nesse dia, todos os anos, milhares de peregrinos sobem à montanha santa da Irlanda, cujo cume pode ser visto pela janela de nosso estúdio: o Croagh Patrick (*Cruach Phádraig*) de cerca de 760 m de altura, no condado de Mayo, onde se diz que São Patrício jejuou durante quarenta dias e derrotou uma hoste de demônios.[2] O jejum observado costumava ser de três dias, principiando em *Aoine Chrom Dubh*, a sexta-feira precedente. É ainda a mais espetacular peregrinação da Irlanda.

O *sacrifício* do próprio Crom parece ter sido representado, em tempos remotos, pelo sacrifício de substitutos humanos junto a uma pedra fálica circundada por outras doze pedras (o número tradicional de companheiros

[2] Enquanto escrevemos isso, o mais respeitado jornal da Irlanda chegou a sugerir que *Domhnach Chrom Dubh* substituísse o 17 de março (o atual dia de São Patrício) como dia nacional da Irlanda. O dia de São Patrício, em 1979, foi celebrado numa nevasca; contemplávamos a parada de Dublin e sentíamos profundamente pelas encharcadas e congeladas *majorettes*, vestidas com pouco mais do que túnicas guarnecidas com fitas e bravos sorrisos. Dois dias depois, o *Irish Times*, num artigo de fundo, apresentava o cabeçalho "Por que 17 de março?" e perguntava: "Não seria melhor para todos se o feriado nacional fosse celebrado quando nosso tempo estivesse mais brando? Há um dia que, se não historicamente, ao menos do ponto de vista da lenda, é apropriado e, sob o prisma das condições atmosféricas, mais aceitável, a saber: o último domingo de julho, Domingo da Coroa de Flores ou *Domhnach Chrom Dubh*."Citando *The Festival of Lughnasa*, de Maire MacNeill, em apoio de seu argumento, o artigo terminava assim: "Se qualquer interesse, portanto, quiser patrocinar uma outra data, e uma válida para lembrar nosso santo, os arquivos do folclore proporcionam uma pronta resposta."O dom da Irlanda para a continuidade pagã-cristã é claramente indestrutível. Somos tentados a pensar se, nesta época de transformação religiosa, não funcionaria das duas maneiras!

do rei-herói sacrificial). No *Book of Leinster* do século XI é dito com desagrado cristão:

"Num sítio grosseiro
Doze ídolos de pedra;
Para encantar implacavelmetne o povo
A figura do Cromm era de ouro."

Isto era em Magh Sléacht (' A Planície da Adoração'), que se afirma geralmente ser nas proximidades de Killycluggin, no condado de Cavan, onde existe um círculo de pedras e as ruínas despedaçadas de uma pedra fálica esculpida com decorações da Idade do Ferro – mantendo a tradição de que São Patrício derrubou a pedra de Crom.

Mais tarde o sacrifício parece ter sido de um touro, do qual há muitas alusões, embora apenas uma possa ser especificamente vinculada a Crom Dubh; trata-se daquela proveniente do litoral norte da baía de Galway. "Refere-se à tradição de um animal bovino que era esfolado e assado até as cinzas em honra de Crom Dubh, no dia de seu festival, e que isso tinha de ser feito por todo chefe de família." (MacNeill, *ibid.*, pg. 407). Muitas lendas se referem à morte e ressurreição de um touro sagrado (*ibid.*, pg. 410). E, supondo que Croagh Patrick deve ter sido um montanha de sacrifício muito tempo antes de São Patrício tomá-la, não podemos nos furtar de imaginar se não é significativo o fato de Westport, a cidade que domina as suas proximidades, ter como seu nome gaélico *Cathair na Mart*, 'Cidade dos Bovinos Gordos'.

Mas, formando a base de todas essas lendas que até agora, mencionamos há um tema da fertilidade mais antigo, que resplandece através dos muitos costumes de festivais ainda lembrados. Balor, Bres e Crom Dubh são todos formas do *deus mais velho*, ao qual pertence o *poder* de produzir. Junto vem seu filho/outro eu, o resplandecente *deus jovem*, Hórus em relação ao seu Osíris – o Lugh de muitos dons, que tira à força dele os *frutos* daquele poder. Mesmo as coloridas lendas de São Patrício fazem repercutir essa vitória. "São Patrício deve ser alguém que chegou tardiamente relativamente às lendas mitológicas e deve ter afastado um ator mais antigo. Se restauramos Lugh ao papel assumido por São Patrício, as lendas imediatamente adquirem novo significado." (MacNeill, *ibid.*, pg. 409)

Nas lendas dessa vitória da fertilidade (e também, indubitavelmente, como Máire MacNeill destaca, uma vez no ritual de Lughnasadh representado), Crom Dubh é amiúde enterrado no solo até o pescoço, por três dias, e então libertado uma vez os frutos da colheita tenham sido garantidos.

Um sinal do sucesso do rito é dado – justamente – pelo humilde mirtilo (uva dos bosques). *Domhnach Chrom Dubh* possui outros nomes (incluindo *Domingo da Coroa de Flores* e *Domingo do Alho*) e um deles é *Domingo de Fraughan*, do gaélico *fraochán* ou *fraochóg* que significa mirtilo. Nesse dia ainda, jovens vão apanhar bagas de mirtilo, com variadas diversões tradicionais, embora o costume pareça infelizmente estar desaparecendo. As formas da tradição deixam absolutamente claro que as bagas de mirtilo eram consideradas um dádiva recíproca do deus, um sinal de que o ritual de Lughnasadh atingira o sucesso; a abundância ou escassez de bagas de mirtilo era tomada como previsão do tamanho da colheita. O fato dos dois rituais serem complementares continua sendo destacado em nossa localidade pelo fato de que, enquanto os adultos sobem a Croagh Patrick em *Domhnach Chrom Dubh*, as crianças estão subindo nas montanhas da península de Curraun, bem do outro lado da baía, para colher bagas de mirtilo.

Um outro local do *Domingo do Mirtilo* é Carrigroe, perto de Ferns no condado de Wexford, uma montanha de 235 m de altura, sobre cujo flanco esteve nosso primeiro lar irlandês. Dentro de viva memória, grandes multidões costumavam se reunir ali para a coleta, e flores eram colocadas sobre o *Leito do Gigante*, uma saliência na rocha que forma o cume (nossa foto 11 foi feita nesta rocha). A associação com a fertilidade é específica na brincadeira que fizeram conosco alguns vizinhos, segundo a qual metade da população de Ferns foi concebida sobre o *Leito do Gigante*, embora, sem dúvida, esse ritual tenha se tornado mais privado do que comunitário!

A propósito, memórias populares da significação mágica dessa pequena montanha estão entesouradas num provérbio local não-escrito, passado a nós independentemente por ao menos dois vizinhos, que deixaram claro que faziam tal comentário em nossa presença ali como bruxa e bruxo: "Enquanto Carrigroe durar haverá pessoas que sabem." Nós certamente achamos isto magicamente super-carregado).

Por toda a Bretanha e a Irlanda, a despeito do cristianismo, o fazer amor nos bosques na véspera do primeiro de maio, que tanto chocou os puritanos, encontrou seu eco jubiloso não somente entre as bagas de mirtilo como também nos campos de cereais de *Lammas* (Lughnasadh), para cujo tema, se você apreciar canções nos seus sabás, é tanto adequada quanto aprazível a *It was upon a Lammas Night* (Foi numa noite de Lammas), de Robert Burns:

"Rigs de aveia, e rigs de cevada,*
E rigs de aveia são bonitos;
Jamais esquececei aquela noite feliz
Entre os rigs com Annie"

* O *rig* é um trecho de terra entre dois regos ou sulcos feitos pelo arado. (n.t.)

As *Três Machas* – a Deusa Tripla em seu aspecto de batalha – aparecem como a padroeira triúna do festival de Lughnasadh, trazendo-nos de volta ao tema do sacrifício. Uma outra alusão é que foi em *Lammas* que o rei Guilherme Rufus caiu sob a flecha 'acidental' de *Sir* Walter Tyrell na *Nova Floresta* em 1100 – uma morte que, como Margaret Murray e outros argumentaram persuasivamente, foi de fato seu sacrifício ritual voluntário ao fim de seu prazo como *rei divino* e foi assim compreendido e honrado por seu povo (diz-se que a rima infantil ' Quem matou Cock Robin ? ' comemora esse evento).

Mas e quanto ao tema da união sacrificial *como um conceito único*, em vez de dois separados de sacrifício e sexualidade? Isso desapareceu completamente na tradição irlandesa ?

Em absoluto. Primeiramente, essa tradição, tal como nos alcançou, é principalmente uma tradição de *Deus e herói*, embora com a Deusa pairando poderosamente no plano de fundo; em segundo lugar, alcançou-nos largamente através de monges cristãos medievais, que registraram um corpo de lenda *oral* (ainda que surpreendentemente simpático), escribas cujo condicionamento talvez lhes tenha dificultado reconhecer pistas da deusa. Mas as pistas estão lá – especialmente no tema recorrente da rivalidade entre dois heróis (deuses) por causa de uma heroína (deusa). Este tema não está confinado aos celtas irlandeses; aparece, por exemplo, na lenda de *Jack the Tinkard*, que pode ser considerado um Lugh da Cornualha. E de maneira significativa, tal como com o Rei Carvalho e o Rei Azevinho, esses heróis são com freqüência alternadamente bem sucedidos.

E o que é o enterro de três dias de Crom Dubh até o pescoço na Mãe Terra e sua libertação, quando a fertilidade dela está assegurada, senão uma união sacrificial e o renascimento?

Assim, em nosso próprio ritual de Lughnasadh, nos mantivemos fiéis a esse tema. Quando nosso *coven* ensaiou pela primeira vez a representação da *Caçada do Amor* da *união sacrificial*, no Bealtaine de 1977, o consideramos um grande sucesso; retratava o tema vividamente, mas sem inflexibilidade. Não vimos razão porque não devesse ser repetido, com modificações apropriadas à estação das colheitas, em Lughnasadh. E isto foi o que fizemos.

Pelo fato da Grã Sacerdotisa em Lughnasadh invocar a Deusa para si e retardar esta invocação até depois da 'morte' do Rei Azevinho, sentimos que seria mais adequado, no *ritual de abertura*, que o Grão Sacerdote proferisse a *Exortação* para ela; ele *cita* a Deusa em lugar da Grã Sacerdotisa falar *como* a Deusa.

Normalmente, gostamos de atribuir um papel ativo no ritual ao máximo possível de pessoas, mas percebe-se que, neste rito de Lughnasadh, os homens (a exceção do Grã Sacerdote) não têm praticamente nada a fazer entre a *Caçada do Amor* e a dança circular final. Isso está em conformidade com a tradição que cerca a morte do Rei Cereal; em muitos lugares constituía um mistério entre as mulheres da tribo e sua solitária vítima sagrada, que não era permitido a nenhum outro homem testemunhar. Em nosso sabá, os homens podem sempre ter o que lhes cabe de volta, durante o jogo de prendas do estágio da festa!

A declamação do Grão Sacerdote *"Eu sou uma lança promotora de batalhas...* "mais uma vez provém da *Canção de Amergin*, desta vez de acordo com a atribuição de Graves para a segunda metade do ano.

A Preparação

Um pequeno pão é posto sobre o altar; o mais adequado é um pão redondo macio ou ' *bap* '.

Um xale verde ou pedaço de gaze de pelo menos 84 cmý é depositado junto ao altar.

Se for usada música de *cassette*, a Grã Sacerdotisa poderá querer uma peça musical para o ritual principal, mais uma outra de um ritmo insistente – mesmo primitivo – para sua *dança do cereal* já que esta, diferentemente da *dança do solstício de verão*, não é acompanhada pelo canto.

O Grão Sacerdote deve ter uma coroa de azevinho combinada com espigas de algum cereal colhido. Muitas mulheres usam grinaldas de plantas de cereais, talvez entrelaçadas com papoulas vermelhas. Cereais, papoulas e bagas de mirtilo, se disponíveis, são particularmente apropriados para o altar, juntamente com outras flores da estação.

O caldeirão, decorado com talos de cereais, fica junto à vela do leste, o quadrante do renascimento.

O Ritual

No ritual de abertura, a *atração da Lua* é omitida. O Grão Sacerdote dá, na Grã Sacerdotisa, o *beijo quíntuplo* e, então, imediatamente ele mesmo profere a *Exortação*, substituindo "ela, seu, sua, seus, suas, dela" por "eu, meu, meus, minha, minhas".

Depois da *runa das feiticeiras*, os membros do *coven* se espalham em torno do *círculo* e principiam um suave e rítmico bater de palmas.

O Grão Sacerdote apanha o xale verde, enrola-o como uma corda e o segura, uma extremidade em cada mão. Começa a se mover na direção da Grã Sacerdotisa, como se tentando jogar o xale sobre os ombros dela e atraí-la para si; mas ela recua em relação a ele, provocando-o.

Enquanto o *coven* continua seu bater de palmas rítmico, a Grã Sacerdotisa continua a frustrar os movimentos de perseguição do Grão Sacerdote. Ela acena para ele e o excita, mas sempre recua antes que ele possa capturá-la com o xale. Ela permeia o *coven* e sai dele, e as outras mulheres se postam no caminho do Grão Sacerdote para ajudá-la a frustrar os movimentos deste.

Após algum tempo, digamos após duas ou três 'voltas' do *círculo*, a Grã Sacerdotisa permite que o Grão Sacerdote a capture, lançando o xale acima de sua cabeça, de modo a enlaçá-la pelos ombros, e a atraindo para si. Eles se beijam e se separam, e o Grão Sacerdote entrega o xale a um outro homem.

O outro homem então persegue *sua* parceira, que frustra seus movimentos, faz acenos para ele e o excita precisamente da mesma maneira; o bater de palmas prossegue todo o tempo (ver foto 12). Depois de um certo tempo, ela também se permite ser capturada e beijada.

O homem, então, entrega o xale a um outro homem e o jogo de perseguição continua até que todos os casais no aposento tenham participado.

O último homem devolve o xale ao Grão Sacerdote.

Novamente o Grão Sacerdote persegue a Grã Sacerdotisa, mas desta vez a um passo muito mais lento, quase imponente, e ela frusta as investidas dele e lhe acena de modo mais solene, como se o estivesse convidando para o perigo; desta vez, as outras mulheres não intervêm. A perseguição continua até que a Grã Sacerdotisa se posta perante o altar, a dois ou três passos deste; o Grão Sacerdote pára com suas costas para o altar e captura a Grã Sacerdotisa com o xale.

Eles se abraçam solenemente, mas afetuosamente. Todavia, passados alguns segundos do beijo, o Grão Sacerdote deixa o xale cair de suas mãos, e a Grã Sacerdotisa o libera e dá um passo para trás.

O Grão Sacerdote cai sobre seus joelhos, senta sobre os calcanhares e abaixa sua cabeça, o queixo sobre o peito.

A Grã Sacerdotisa estende seus braços, fazendo sinal para que cesse o bater de palmas. Em seguida, convoca duas mulheres pelos seus nomes e as coloca uma de cada lado do Grão Sacerdote, olhando para o interior, de sorte que as três ascendam sobre ele. A Grã Sacerdotisa apanha o xale e as três o estendem entre si sobre o Grão Sacerdote. Elas o baixam lentamente e depois o soltam, de maneira que o xale cobre a cabeça dele como uma mortalha.

Os membros do *coven* se distribuem agora em torno do perímetro do *círculo*, olhando para dentro do mesmo.

A Grã Sacerdotisa pode então, se for seu desejo, mudar a música do *cassette* para seu tema de dança escolhido ou fazer sinal para que alguém mais o faça.

Apanha, em seguida, o pequeno pão do altar e o segura por um momento exatamente acima da cabeça curvada do Grão Sacerdote. Encaminha-se então para o meio do *círculo*, segura o pão bem Grã na direção do altar e faz a invocação:

"Ó Poderosa Mãe de todos nós, portadora de toda fertilidade, dá-nos o fruto e o cereal, rebanhos e manadas, e crianças para a tribo, para que nos seja permitido ser poderosos. Pela rosa de teu amor;[3] *desce sobre o corpo de teu servo e da sacerdotisa aqui."*

Após uma pausa momentânea e com a suavidade de início, ela começa sua *dança do cereal*, todo o tempo carregando o pão como um objeto sagrado e mágico[4] (ver foto 13).

Ela termina sua dança colocando-se diante do Grã Sacerdote (que continua imóvel e 'morto') com o pão em suas duas mãos, e dizendo:

"Reuni-vos, Ó Crianças da Colheita !"

O restante dos membros do *coven* se reúne ao redor da Grã Sacerdotisa e do Grão Sacerdote ajoelhado (se a Grã Sacerdotisa e a *Donzela* não souberem suas palavras de cor, esta última poderá trazer o texto e uma vela do altar e ficar ao lado da Grã Sacerdotisa, onde ambas poderão lê-lo, visto que as duas mãos da Grã Sacerdotisa estarão ocupadas).

A Grã Sacerdotisa diz:

"Vede, o Rei Azevinho está morto – ele que é também o Rei Cereal. Ele abraçou a Grande Mãe e morreu de seu (dele) amor; assim tem sido,

[3] No *Book of Shadows* consta *by thy rosy love* ("por teu amor róseo"). Doreen Valiente questionou essa "frase um tanto sem sentido", com Gardner, na ocasião, sugerindo que poderia ser uma corruptela de *by thy rose of love* ("por tua rosa de amor") ou *by the rose of thy love* ("ou pela rosa de teu amor"), sendo a rosa um símbolo da Deusa bem como a flor nacional da Bretanha. Acatamos a segunda de suas sugestões.

[4] Como no caso da *dança do solstício de verão*, a *dança do cereal* pode ser delegada por iniciativa da Grã Sacerdotisa a uma outra mulher, se ela o quiser. Neste caso, ela entregará o pão à dançarina após a invocação e o receberá de volta após a dança, antes de assumir seu lugar diante do Grão Sacerdote.

ano após ano, desde o início dos tempos. Mas, se o Rei Azevinho está morto – ele que é o Deus do Ano Minguante – tudo está morto; tudo que dorme em meu útero da Terra dormirá para sempre. O que faremos, portanto, para que o Rei Azevinho possa viver novamente?"

A Donzela diz:

"Dá-nos para comer o pão da Vida. E então o sono conduzirá adiante até o renascimento."

A Grã Sacerdotisa diz:

"Que assim seja."

A Donzela poderá, então, recolocar o texto e a vela do altar onde estavam e retomar seu lugar ao lado da Grã Sacerdotisa.

A Grã Sacerdotisa parte o pão em pequenos pedaços e dá um pedaço para cada um dos bruxos e bruxas e eles o comem. Por enquanto ela não come, mas mantém o suficiente em suas mãos para ao menos mais três porções.

Ela convoca as mesmas duas mulheres de antes para ficarem uma de cada lado do Grão Sacerdote. Quando estas assumem sua posição, ela lhes indica gestualmente que ergam o xale da cabeça dele. Elas o fazem e depositam o xale no chão.

A Grã Sacerdotisa diz:

"Retorna a nós, Rei Azevinho, para que a terra seja fértil."

O Grão Sacerdote se levanta e diz:

"Eu sou uma lança promotora de batalhas;
Eu sou um salmão no reservatório;
Eu sou uma colina de poesia;
Eu sou um javali cruel;
Eu sou um ruído ameaçador do mar;
Eu sou uma onda do mar;
Quem a não ser eu conhece os segredos do dolmen não-derrubado?"

A Grã Sacerdotisa dá-lhe então um pedaço do pão e toma um pedaço para si; ambos comem e ela recoloca o último fragmento do pão sobre o altar. Grã Sacerdotisa e Grão Sacerdote encabeçam então uma dança em círculo, ajeitando o compasso de maneira que se torne mais e mais alegre, até que a Grã Sacerdotisa grita "Sentem !" e todos sentam.

O *Grande Rito* é então representado.

A porção restante do pão, após o banimento do *círculo*, se torna parte da oferenda da terra juntamente com o resto do vinho e dos bolos.

IX Equinócio do Outono, 21 de setembro*

Os dois equinócios são, como salientamos, períodos de equilíbrio. Dia e noite são igualados e a maré do ano flui com firmeza. Mas enquanto o equinócio da primavera manifesta o equilíbrio de um atleta perfeitamente equilibrado para a ação, o tema do equinócio do outono é o do repouso após o labor. O Sol está na iminência de entrar no signo de Libra, a Balança. Nas estações da Deusa, o equinócio da primavera representa *iniciação*, o equinócio do outono, *repouso*. As safras foram reunidas, tanto de cereais quanto de frutos, e no entanto, o Sol – embora mais brando e menos ardente do que

* 22 de março no hemisfério sul. (n.t.)

era – continua conosco. Com simbólica aptidão, há uma semana ainda até a *festa de São Miguel*, o festival de Miguel/Lúcifer, *arcanjo do fogo e da luz*, no qual precisamos começar a dizer *au revoir* ao seu esplendor.

Doreen Valiente (*An ABC of Witchcraft*, pg. 166) observa que as mais freqüentes aparições espectrais de certas assombrações recorrentes são em março e setembro, "os meses dos equinócios – períodos bem conhecidos pelos ocultistas como sendo ocasiões de tensão psíquica". Isto pareceria contradizer a idéia dos equinócios como sendo períodos de equilíbrio. Contudo, o paradoxo é apenas aparente. Os períodos de equilíbrio, de atividade suspensa, são por sua natureza períodos nos quais o véu entre o visível e o invisível está tênue. São também as estações nas quais os seres humanos 'mudam de marcha' para uma fase diferente, e portanto períodos de turbulência psicológica e psíquica. E assim com maior razão devemos reconhecer e compreender a significação dessas fases naturais, de maneira que sua turbulência nos traga alegria em lugar de aflição.

Se observarmos o *calendário das árvores* que Robert Graves mostrou para dar base a tanto de nosso simbolismo mágico e poético ocidental, descobriremos que o equinócio do outono vem precisamente antes do fim do mês da vinha e antes do início do mês da hera. A vinha e a hera são as duas únicas plantas do mês que crescem em espiral e a espiral (particularmente a espiral dupla, sinuosa e alternante) é um símbolo universal da reencarnação. E a ave do equinócio do outono é o *cisne*, um outro símbolo da imortalidade da alma, como o é o ganso selvagem, do qual a variedade doméstica é o tradicional prato da festa de São Miguel.

A propósito, a amora preta é um freqüente substituto da vinha no simbolismo dos países do norte. A tradição ligada ao folclore em muitos locais, especialmente no oeste da Inglaterra, insiste que amoras pretas não devem ser comidas encerrado o mês de setembro (que é também quando se encerra o mês da vinha) porque elas então se tornam propriedade do *diabo*. Poderíamos supor que isto significa: "Não tente se prender à espiral que entra uma vez tenha ela acabado – olhe à frente para a que sai?"[1]

Lughnasadh marcava a efetiva coleta da safra de cereais, mas em seu aspecto sacrificial. O equinócio de outono marca a *conclusão* da colheita e a ação de graças pela abundância, com a ênfase no retorno futuro dessa abundância. Este equinócio era o período dos *Mistérios de Elêusis*, os

[1] Na Irlanda, por outro lado, o último dia para colher amoras pretas é a véspera de Samhain. Depois desse dia, o *Pooka* (ver página 127) "cospe nelas", daí dos nomes dele: *Púca na sméar*, "o duende da amora preta".

maiores mistérios da antiga Grécia; e embora todos os detalhes não sejam conhecidos (os iniciados conservavam bem os segredos), os rituais de Elêusis certamente se baseavam no simbolismo da colheita de cereais. Diz-se que o clímax era mostrar ao iniciado uma única espiga de cereal com a admoestação: "No silêncio é a semente da sabedoria conquistada."

Para nosso próprio sabá de outono, então, tomamos os seguintes temas inter-relacionados: a conclusão da colheita, uma saudação ao poder minguante do Sol e um reconhecimento de que o Sol e a colheita, e os homens e as mulheres também, compartilham do ritmo universal de renascimento e reencarnação. Como indica o *Book of Shadows*: "Portanto os *sábios* não choram, mas sim se regozijam."

No ritual do *Book of Shadows* para esse festival, os únicos ítens substanciais são a declamação da Grã Sacerdotisa "Adeus, Ó Sol..." e o *jogo da vela*, sendo que retivemos ambos.

A Preparação

Há sobre o altar uma tigela contendo uma única espiga de trigo ou outro cereal, coberta por um pano.

O altar e o *círculo* são decorados com pinhas, grãos de cereais, bolotas, papoulas vermelhas (símbolo da deusa do cereal Deméter) e outras flores, frutos e folhas do outono.

O Ritual

Depois da *runa das feiticeiras*, os membros do *coven* se dispõem em torno do perímetro do *círculo*, olhando para o interior deste.

A Donzela traz a tigela coberta do altar, coloca-a no centro do *círculo* (mantendo-a coberta) e retoma o seu lugar.

A Grã Sacerdotisa diz:

"Agora é o tempo de equilíbrio, quando o Dia e a Noite se encaram como iguais. Todavia, nesta estação, a Noite é crescente e o Dia é minguante, pois nada jamais permanece sem mudança nas marés da Terra e do Céu. Saibam e se lembrem que o que quer que seja que nasce tem de se por, e que o que quer que seja que se põe tem também que nascer; em sinal disto, dancemos a Dança do Ir e Volta!"

Encabeçados pela Grã Sacerdotisa e pelo Grão Sacerdote, os membros do *coven* dançam lentamente em sentido anti-horário, de mãos dadas, mas sem fechar o círculo. Gradualmente, a Grã Sacerdotisa os conduz para dentro, numa espiral, até que o *coven* fica próximo do centro. Quando está

pronta, a Grã Sacerdotisa pára e instrui a todos para se sentarem num círculo compacto em torno da tigela coberta, olhando para o interior.

A Grã Sacerdotisa diz:

"Vede o mistério: no silêncio é a semente da sabedoria conquistada."

Em seguida, retira o pano da tigela, revelando a espiga de cereal. Todos contemplam a espiga de cereal por algum tempo em silêncio (ver Foto 14).

Quando está pronta, a Grã Sacerdotisa se levanta e se dirige à vela do leste. O Grão Sacerdote se levanta e se dirige à vela do oeste, e os dois se encaram através dos membros sentados do *coven*. A Grã Sacerdotisa declama:

"Adeus, Ó Sol, Luz que sempre retorna,
O Deus oculto que, contudo, sempre persiste.
Ele agora parte para a Terra da Juventude
Através dos Portais da Morte
Para residir entronizado, o juiz dos Deuses e homens,
O condutor cornudo das hostes do ar.
E, todavia, quando se põe invisível sem o Círculo,
Assim reside ele no interior da semente secreta –
A semente do cereal recém-colhido, a semente da carne;
Oculta na terra, a maravilhosa semente das estrelas.
Nele está a Vida, e a Vida é a Luz do homem,
Aquilo que jamais nasceu e jamais perece.
Portanto, os Sábios não choram, mas sim se regozijam."[2]

A Grã Sacerdotisa ergue bem alto ambas as mãos, numa bênção ao Grão Sacerdote, que responde com o mesmo gesto.

Ambos juntam-se novamente ao *coven* (que agora se levanta) e o conduzem numa dança lenta em sentido horário, gradativamente em espiral para fora, rumo ao perímetro do *círculo*. Quando a Grã Sacerdotisa julga que o movimento em espiral já foi suficientemente enfatizado, ela fecha o círculo, tomando a mão do último bruxo ou bruxa na corrente e acelera o

---

[2] Escrito por Doreen Valiente. Na Irlanda, em lugar de *"to the Land of Youth"* ("para a Terra da Juventude"), dizemos *"to Tir na nÓg"* (pronuncia-se "tir nâh noge"), que significa literalmente a mesma coisa, mas detém poderosas associações lendárias: um *elísio* celta visualizado como uma ilha mágica ao largo da costa oeste da Irlanda, "onde a felicidade pode ser possuída por um *penny*".

passo até os membros do *coven* circularem com rapidez e júbilo. Depois de um certo tempo, ela brada "Ao chão!" e todos se sentam.

A Donzela recoloca a tigela com a espiga de cereal no altar e o pano que a cobria ao lado do altar.

O Grande Rito é agora representado, seguido do vinho e dos bolos.

Depois do vinho e dos bolos, vem o *jogo da vela* tal como descrito na página 69 para o *Imbolg*, e isto deve colocar todos na disposição de espírito certa para o estágio da festa.

X Samhain, 31 de outubro*

A véspera de primeiro de novembro, quando principia o inverno celta, é a contraparte escura da véspera de primeiro de maio, que saúda o verão. Mais do que isto, o primeiro de novembro para os celtas era o princípio do próprio ano, e a festa de Samhain era sua véspera do Ano Novo, o momento misterioso que não pertencia nem ao passado, nem ao presente, nem a este mundo, nem ao *outro*. Samhain (pronuncia-se '*sáu*-in', o '*ow*' em inglês rimando com '*cow*') significa mês de novembro em gaélico-irlandês; Samhuin (pronuncia-se '*sav*-en' com o 'n' como o 'ni' de '*onion*') significa *Todos os Santos*, primeiro de novembro, em gaélico-escocês.

* 30 de abril no hemisfério sul. (n.t.)

Para os antigos pastores, para quem a criação de rebanhos era respaldada somente pela agricultura primitiva ou agricultura alguma, manter rebanhos inteiros alimentados através do inverno era simplesmente impossível, de modo que um mínimo de animais para procriação era conservado vivo, sendo o restante abatido e salgado – o único meio então de preservar a carne (daí, sem dúvida, o uso tradicional do sal no ritual mágico como um 'desinfetante' contra o mal psíquico ou espiritual). Samhain era o período em que ocorriam esse abate e a preservação; e não é difícil imaginar que ocasião tensamente crítica era essa. Teriam sido selecionados os animais de procriação certos ou suficientes? Seria o inverno vindouro longo e árduo? E se assim fosse, os animais de procriação sobreviveriam a ele ou a carne armazenada seria suficiente para alimentar a tribo enquanto esse inverno durasse?

Todas as safras, também, tinham que ser colhidas até 31 de outubro e qualquer coisa que não fosse colhida era abandonada, pois acreditava-se que o *Pooka* (*Púca*), um duende noturno que mudava de forma e que tinha grande prazer em atormentar os seres humanos, passava a noite de Samhain destruindo ou contaminando tudo que fora deixado sem ser colhido. O disfarce favorito de *Pooka* parece ter sido a forma de um feio cavalo preto.

Assim, à incerteza econômica era somado um senso de pavor psíquico, pois na virada do ano – o velho morrendo, o novo ainda não-nascido – o *véu* era muito tênue. As portas dos montes de *sidh* estavam abertas e, nessa noite, nem seres humanos nem fadas precisavam de qualquer senha mágica para vir e ir. Nessa noite também os espíritos dos amigos mortos procuravam o calor do fogo de Samhain e a companhia de seus parentes vivos. Era *Féile na Marbh* (pronuncia-se '*fei*lâh nâh *morv*'), a *Festa dos Mortos*, e também *Féile Moingfhinne* (pronuncia-se '*fei*lâh *mong*-innâh'), a *Festa Daquela de Cabelos Alvos*, a *deusa da neve*. Tratava-se de "um retorno parcial ao caos primordial... a dissolução da ordem estabelecida como um prelúdio à sua recriação num novo período de tempo", como Proinsias mac Cana diz em *Celtic Mythology*.

Deste modo, Samhain era, por um lado, um tempo de propiciação, adivinhação e comunhão com os mortos e, por outro, uma festa desinibida em que se comia e se bebia e a afirmação desafiadora da vida e da fertilidade à própria face da escuridão que se encerrava.

A propiciação, nos tempos antigos, quando se sentia que a sobrevivência desta dependia, constituía um assunto sério e rigoroso. Resta pouca dúvida de que, numa certa época, a propiciação envolvia o sacrifício humano – de criminosos poupados para esse propósito ou, do outro lado da escala, de um rei idoso; resta pouca dúvida também que essas mortes rituais eram pelo fogo, visto que na mitologia celta (e depois na nórdica) muitos

reis e heróis morrem em Samhain, amiúde numa casa em chamas, pegos em armadilhas preparadas pela astúcia e o embuste de mulheres sobrenaturais. O afogamento podia seguir-se à incineração, como com os reis de Tara do século VI, Muirchertach mac Erca e Diarmait mac Cerbaill.[1]

Mais tarde, é claro, o sacrifício propiciatório tornou-se simbólico e crianças inglesas ainda representam, sem saber, esse simbolismo na *noite de Guy Fawkes*, que assumiu sua posição a partir da fogueira de Samhain. É interessante notar que, como malogrado assassino de um rei, o Guy queimado é, num certo sentido, o substituto do rei.

Ecos do sacrifício real de Samhain podem também ter persistido naquele de substitutos animais. Nosso *Garda* (policial) do povoado, Tom Chambers, um inteligente estudioso da história e do folclore do condado de Mayo, nos conta que, até onde a memória pode alcançar, sangue de frango

[1] Este dois casos são interessantes. Em *Lebor Gabála Érenn*, parte V (ver *Bibliografia*, em MacCalister) encontramos (em tradução do irlandês arcaico): "Agora a morte de Muirchertach foi desta maneira: ele foi afogado num tonel de vinho, depois de ser queimado na noite de Samain no cume de Cletech sobre o Boyne, motivo pelo qual São Cairnech disse:
"Tenho receio da mulher
em torno da qual muitos toques de clarim serão tocados;
pois o homem que no fogo será queimado,
no flanco de Cletech vinho o afogará."
A mulher em pauta era Sin (pronuncia-se "chin" e significa "tempestade"), bruxa e amante de Muirchertach e foi por causa dela que São Cairnech amaldiçoou Muirchertach. Os homens da Irlanda caminharam ao lado do rei e de Sin contra o bispo O rei sentia que ela era "uma deusa de grande poder", mas ela declarou que, embora detivesse grande poder mágico, pertencia à raça de Adão e Evas. Sin é claramente uma sacerdotisa da Deusa Tenebrosa, presidindo um sacrifício aprovado pela comunidade, a despeito de sua angústia pessoal (a versão segundo a qual ela condenou o rei por vingança, por ele ter matado seu pai, parece ser uma racionalização posterior). Acerca de sua própria morte subseqüente, diz o *Lebor*: "Sin, filha de Sige dos montes de *sídh de Breg, morreu repetindo seus nomes* –
Suspirando, Lastimando, Rajada sem censura,
Vento Áspero e Hibernal,
Gemendo, Chorando, um dizer sem falsidade –
Estes são meus nomes em qualquer estrada."
A história de Muirchertach e Sin é contada em *Celtic Heritage*, de Reeses, p. 338 em diante, e em *Women of the Celts*, de Markale, pp.167-168.
Diarmait mac Cerbaill, de acordo com o *Lebor*, foi morto por *Black Aed mac Suibne*, após um reinado de vinte e um anos (o tradicional múltiplo de sete do rei sacrificado?). Segundo o *Lebor*, Aed "o deteve, o fustigou, o matou, o queimou e rapidamente o afogou", o que mais uma vez apresenta todas as marcas do sacrifício ritual; e Gearóid MacNiocaill diz que Diarmait "era quase certamente um pagão" (*Ireland Before the Vikings*, p. 26).

era borrifado nos cantos das casas, dentro e fora, na véspera do dia da festa de São Martinho como um encanto protetor. Ora, o dia de São Martinho é 11 de novembro, que é primeiro de novembro *segundo o antigo calendário juliano*, um deslocamento que com freqüência aponta para a sobrevivência de um costume particularmente não-oficial (ver nota de rodapé na página 93). Assim, isso pode muito bem ter sido originalmente uma prática de Samhain.

O fim do costume do sacrifício real efetivo é talvez comemorado na lenda da destruição de Aillen mac Midgna, do *sidhe* de Finnachad, que se diz ter queimado a Tara real todo Samhain até que Fionn mac Cumhal finalmente o matasse (Fionn mac Cumhal é um herói tipo Robin Hood, cujas lendas são lembradas em toda Irlanda. As montanhas acima de nosso povoado de Ballycroy são chamadas de cordilheira de *Nephin Beg*, o que Tom Chambers traduz do irlandês arcaico como 'o pequeno lugar de repouso de Finn').

A noite de fogueiras e fogos de artifício da Irlanda continua sendo *Hallowe'en* e algumas das coisas que sobreviveram inconscientemente são notáveis. Quando moramos em Ferns, no condado de Wexford, muitas das crianças que nos emboscavam em Hallowe'en, na esperança de ganharem maçãs, nozes ou "dinheiro para o rei, dinheiro para a rainha" tinham entre elas um personagem que estava mascarado como 'o homem de negro'. Ele nos desafiava dizendo "Eu sou o homem de negro – você me conhece?", ao que tínhamos que responder "Eu sei quem você é, mas você é o homem de negro." Imaginávamos se ele entendia que uma das peças de evidência que significativamente reaparecia nos julgamentos de feitiçaria do período de perseguição era que 'o homem de negro' era o Grão Sacerdote do *coven*, cujo anonimato precisava ser obstinadamente protegido.

Na Escócia e no país de Gales, fogueiras individuais familiares de Samhain costumavam ser acesas. Eram chamadas de *Samhnagan*, na Escócia, e *Coel Coeth*, em Gales, e eram construídas com a antecipação de dias no terreno mais elevado próximo da casa. Este foi ainda um costume que floresceu em alguns distritos pelo que podemos nos lembrar, embora tenha mais tarde se tornado (como a noite da fogueira da Inglaterra) majoritariamente uma celebração infantil. O hábito das fogueiras de Hallowe'en sobreviveu na Ilha de Man também.

Frazer, em *The Golden Bough* (pgs. 831-833), descreve várias dessas sobrevivências da Escócia, de Gales e da Ilha de Man e é muito interessante observar que, tanto nesses como nos correspondentes costumes das fogueiras de Bealtaine que ele registra (pp. 808-814), há muitos traços da escolha de uma vítima sacrificial por sorteio – por vezes mediante a distribuição de pedaços de um bolo recém-assado. No país de Gales, logo que a última centelha da fogueira de Hallowe'en se apagava, todos se punham sobre os

calcanhares e gritavam com a voz mais alta possível: 'Que a porca preta de orelhas cortadas agarre o último!' "(Frazer poderia ter acrescentado que, na mitologia galesa, a porca representa a deusa Cerridwen em seu aspecto sombrio). Todos estes rituais com escolha de vítimas há muito se abrandaram, tranformando-se em meras brincadeiras, mas Frazer não alimentava dúvida a respeito de seu propósito original rigoroso. O que foi uma vez um ritual mortalmente sério junto a grande fogueira tribal tornara-se uma brincadeira de festa junto às fogueiras familiares.

Falando disso, em Callander (familiar aos telespectadores britânicos de alguns anos atrás, como o 'Tannochbrae' de *Dr Finlay 's Casebook*) um método ligeiramente diferente prevaleceu na fogueira de Hallowe'en. "Quando o fogo tinha se extinguido...", Frazer diz, "...as cinzas eram cuidadosamente colhidas sob a forma de um círculo e uma pedra era colocada próxima à circunferência para cada uma das várias famílias interessadas na fogueira. Na manhã seguinte, caso se encontrasse qualquer uma dessas pedras deslocada ou danificada, as pessoas se certificavam que a pessoa representada por ela era *fey*, ou devota, e que não poderia sobreviver a doze meses depois daquele dia." Será que este foi um estágio intermediário entre o antigo rito de vítima sacrificial e o atual costume festivo de Hallowe'en de alegre adivinhação baseada no modo como as castanhas assadas no fogo pulam?

O aspecto divinatório de Samhain é compreensível por duas razões. Primeiro, o clima psíquico da estação o favorecia e, segundo, a ansiedade a respeito do inverno vindouro o exigia. Originalmente os *drúidas* eram "empanturrados com sangue e carne frescos até que entrassem em transe e profetizassem", lendo os presságios do ano vindouro para a tribo (Cottie Burland, *The Magical Arts*); mas na sobrevivência do folclore a adivinhação tornou-se mais pessoal. Em especial as jovens procuram identificar o futuro marido pelo modo como as castanhas assadas pulam (ver acima) ou conjurando a imagem dele num espelho. No condado de Donegal, uma moça lavava a camisola três vezes em água corrente e a dependurava em frente do fogo da cozinha, para secar, à meia-noite da véspera de Samhain, deixando a porta aberta – seu futuro marido seria levado a entrar e mudar a camisola de posição. Uma fórmula alternativa indicava que a água para lavar devia ser trazida "de uma fonte atravessada por noivas e cortejos fúnebres". Um outro método difundido instruía a moça a servir a mesa com um prato tentador, o qual atrairia o 'fetch' do seu futuro marido, que, tendo comido, ficaria preso a ela (o 'fetch' é claramente o corpo astral projetado, sugerindo que, em Samhain, não apenas se achava que o véu entre a matéria e o espírito era muito tênue como também o astral se encontrava menos firmemente confinado ao físico).

As nozes, castanhas e maçãs de Hallowe'en ainda possuem seu aspecto divinatório na tradição popular, mas, como a coleta de nozes de Bealtaine, seu significado original era o de fertilidade, pois Samhain, também, era um tempo de deliberada (e na tribo, proposital) liberdade sexual. Este aspecto de ritual de fertilidade está, como se poder esperar, refletido nas lendas de deuses e heróis. O deus Angus mac Óg e o herói Cu Chulainn tiveram ambos casos com mulheres que eram capazes de se transformar em aves e, em Samhain, o Dagda (o 'bom deus') se unia a Morrigan (o aspecto sombrio da deusa) à medida que ela transpunha o rio Unius, e também a Boann, deusa do rio Boyne.

Samhain, como os outros festivais pagãos, estava tão profundamente enraizado na tradição popular que o cristianismo teve que tentar se apoderar dele. O aspecto da comunhão com os mortos e com outros espíritos foi cristianizado como *Todos os Santos*, transferido de sua data original (13 de maio) para primeiro de novembro e estendido à toda a Igreja pelo Papa Gregório IV em 834. Mas suas implicações pagãs permaneceram desconfortavelmente vivas e, na Inglaterra, a *Reforma* aboliu o dia de *Todos os Santos*. Só retornou formalmente por ação da Igreja da Inglaterra em 1928, "supondo que as velhas associações com o paganismo de Hallowe'en estavam finalmente de fato mortas e esquecidas, uma suposição que era seguramente prematura" (Doreen Valiente, *An ABC of Witchcraft*).

No que diz respeito à própria festa – no sentido do banquete – o alimento original era certamente uma parte proporcional do gado recém-abatido, assado no fogo purificador de Samhain e, sem dúvida, tendo a natureza de 'primeiros frutos' ritualmente oferecidos; o fato dos sacerdotes terem primeiro que recorrer a ele com finalidades divinatórias e que aquilo que eles não usavam proporcionava uma festa para a tribo aponta para isso.

Nos séculos que se sucederam, o alimento ritual conhecido como 'sowens' era consumido. Robert Burns refere-se a ele em seu poema *Hallowe'en*:

> *"Até que o sowens amanteigado, com fragrante fumaça,*
> *Dê à 'tagarelice deles um rumo'..."*

e em suas próprias notas ao poema, diz: "*Sowens*, com manteiga em lugar de leite para eles, é sempre a Ceia de Hallowe'en." O *Oxford English Dictionary* define *Sowens* como 'um item da alimentação antigamente de uso comum na Escócia (e em algumas partes da Irlanda) que consiste de matéria farinácea extraída do farelo ou cascas da aveia por infusão na água, deixada fermentar ligeiramente e preparada por ebulição', e afirma que

provavelmente deriva de *sugh* ou *subh*, *'sap'*.* Talvez, mas é interessante notar que 'sowen' é com suficiente proximidade a pronúncia de 'Samhain'.

Na Irlanda, o *'barm brack'*, um pão ou bolo marrom escuro feito com frutas secas, é tanto um destaque em Hallowe'en quanto o é o pudim de Natal no Natal, e retém a função divinatória da estação por incorporar indícios que o feliz ou infeliz comedor encontra em sua fatia. A embalagem de um *barm brack* comercial, à nossa frente neste momento, traz o desenho de uma feiticeira com vassoura e a informação: "Contém – anel, casamento em doze meses; ervilha, pobreza; feijão, riqueza; vara, espancará o parceiro na vida; trapo, solteirona ou solteirão." As lojas estão cheias do *barm brack* a partir de meados de outubro. Para o *barm brack* feito em casa, o ítem essencial é o anel. O bolo tem de ser cortado e amanteigado por uma pessoa casada fora da vista daqueles que irão comê-lo.

No caso de quaisquer amigos mortos cujos espíritos poderiam fazer uma visita, as famílias irlandesas costumavam deixar um pouco de tabaco e uma tigela de mingau – e algumas cadeiras vazias – perto do fogo.

Paul Huson, no seu livro interessante, embora magicamente amoral, intitulado *Mastering Witchcraft*, diz: "A Ceia Muda pode ser realizada em honra dos mortos queridos, vinho e pão sendo cerimonialmente oferecidos a eles, o pão sob a forma de um bolo feito em nove segmentos similares ao quadrado da Terra." Ele provavelmente quer dizer o *quadrado de Saturno*, que possui nove segmentos como um jogo da velha (e que o próprio Huson apresenta na p. 140 de seu livro). Há quadrados mágicos também para Júpiter (dezesseis segmentos), Marte (vinte e cinco), Sol (trinta e seis), Vênus (quarenta e nove), Mercúrio (sessenta e quatro) e a Lua (oitenta e um), mas nenhum para a Terra. Em todo caso, Saturno seria mais apropriado do ponto de vista da estação; possui fortes vínculos tanto com o *Rei Azevinho* quanto com o *Senhor do Desgoverno* – na verdade os três se sobrepõem e se fundem muito.

Uma coisa Samhain sempre foi e ainda é: uma festa de sensualidade e afeição, uma *noite de travessura*, o início do reinado daquele mesmo *Senhor do Desgoverno*, que tradicionalmente dura de agora até a Candelária – e, no entanto, com sérias insinuações. Não é que nós nos rendemos à desordem, mas quando o inverno começa, olhamos o 'caos primordial' no rosto de modo que possamos discernir nele as sementes de uma nova ordem. Desafiando-o, e mesmo rindo com ele, proclamamos nossa fé de que a Deusa e o Deus não podem, pela própria natureza deles, permitir-lhe que nos arraste para longe.

---

* *Sap* quer dizer seiva em inglês. (n.t.)

Como então celebrar Samhain como feiticeiras e feiticeiros do século XX?

Nossa sugestão imediata, que se tornou nosso hábito, e que outros podem julgar proveitosa, é ter *duas* celebrações: uma, o ritual de Samhain para o próprio *coven*, e a outra, a festa de Hallowe'en para o *coven*, as crianças e os amigos. As crianças esperam divertimento de Hallowe'en, e do mesmo modo (nós o descobrimos) os amigos e vizinhos esperam algo das bruxas em Hallowe'en. Assim realize uma festa e lhes ofereça – abóboras, máscaras, trajes à fantasia, pregar peças, música, prendas, tradições locais – a sorte. E realize o seu ritual de Samhain para o coven numa outra noite.

Um ponto de caráter geral se coloca aqui: qual a importância de realizar sabás nas exatas noites tradicionais? Diríamos que isto é preferível, mas não vital. Deve-se encarar o fato de que, tanto no caso de *esbás* quanto de *sabás*, os integrantes de muitos *covens têm que* se reunir em noites particulares – geralmente nos fins de semana – por motivos de trabalho, viagem, cuidado com bebês, etc. Até a *Exortação* admite isto dizendo "*melhor* é quando a lua é cheia" e não "*tem de* ser". E no que concerne aos sabás, a maioria das bruxas e bruxos não vêem nenhum inconveniente em realizá-los no (digamos) sábado mais próximo da data exata.

Na revista *Quest* de março de 1978, 'Diana Demdike' avança bastante na questão de celebrar os festivais antes ou depois da data precisa. "É sempre melhor estar atrasado do que adiantado..." , ela afirma, "...pois sabendo ou não, você está trabalhando com os poderes das marés mágicas da Terra e estas começam no efetivo ponto solar no tempo, de maneira que trabalhar antes significa que você está se reunindo na vazante mais baixa da maré anterior, o que não é muito proveitoso."

Em relação a Samhain, para sermos práticos, há uma outra consideração a ser feita: em muitos lugares (inclusive na América, Irlanda e partes da Grã-Bretanha) não é possível garantir privacidade em 31 de outubro. Ter o seu ritual sério de Samhain perturbado por crianças dizendo "travessura ou gostosura", ou "dinheiro para o rei, dinheiro para a rainha", ou por vizinhos balançando abóboras acesas no seu jardim e justamente esperando ser convidado para um drinque, não é claramente uma boa idéia. Assim "é melhor" talvez adiar o sabá de Samhain por uma noite ou duas, e encarar a própria noite de Hallowe'en com as apropriadas nozes, castanhas, maçãs, trocados e garrafas à mão – ou, melhor ainda, dar uma festa. Não compete a bruxos e bruxas fazer qualquer coisa que pudesse parecer estar desencorajando-os de tais celebrações tradicionais, ou mesmo os excluindo delas.

Na verdade, a tradição local deve sempre ser respeitada, e especialmente se for uma tradição genuinamente viva. Esta é a razão porque aqui,

no condado de Mayo, fazemos nossa fogueira do solstício de verão na véspera do dia de São João (23 de junho), enquanto muitos outros pontilham a paisagem em todo seu redor como estrelas alaranjadas no anoitecer; acendemos nossa fogueira de Lughnasadh em *Domhnach Chrom Dubh*, o último domingo de julho, o qual ainda é nomeado segundo um dos velhos deuses, e ao qual os muitos costumes do festival de Lughnasadh estão ligados; e fazemos da festa de Samhain uma festa em ambiente externo, desde que as condições atmosféricas o permitam, pois Hallowe'en é uma noite de fogueira familiar em toda a Irlanda.

Mas retornemos ao ritual de Samhain propriamente dito, que é o que nos interessa aqui. Quais elementos antigos devem ser incluídos?

A propiciação *não*. A propiciação reduz os deuses a um nível humano de pequenez, no qual eles têm que ser subornados e adulados a partir de suas disposições caprichosas de malevolência e mau humor. A propiciação pertence a um estágio muito primitivo da *Velha Religião* e sobreviveu, nós o sentimos, mais por 'exigência popular' do que por sabedoria sacerdotal. Feiticeiras e feiticeiros modernos não *temem* os deuses, as expressões do poder e ritmo cósmicos; eles os respeitam, os veneram e trabalham para compreender e colocarem a si mesmos em sintonia com eles. E ao rejeitaram a propiciação como superstição, outrora compreensível, mas agora uma excrescência, não estão traindo a antiga sabedoria, mas sim a cumprindo. Muitos dos antigos sacerdotes e sacerdotisas (que tinham um entendimento mais profundo do que alguns de seus seguidores mais simples) sorririam, sem dúvida, dando sua aprovação (embora, para a devida justiça com aqueles 'simples seguidores', devemos acrescentar que muitos ritos que, para o moderno estudante parecem propiciação, não eram, na verdade, nada disto, mas sim magia simpática – consultar *The Golden Bough*, pg. 541).

Mas a comunhão com o ente querido falecido, a adivinhação, a festa, o humor, a afirmação da vida com toda a certeza *sim*. Tudo isto está em harmonia com o ponto de Samhain nos ritmos natural, humano e psíquico.

Quanto à questão da comunhão com os mortos, é preciso lembrar sempre que eles são *convidados*, não convocados. Retraimento e repouso entre encarnações é um processo gradativo; quanto tempo cada estágio dura e quais experiências necessárias (voluntárias ou involuntárias) são experimentadas em cada estágio é uma história muito individual, cujo teor total jamais pode ser conhecido mesmo pelo mais íntimos amigos ainda encarnados do indivíduo. Conseqüentemente, forçar a comunicação com ele ou ela pode muito bem ser infrutífero, ou até prejudicial; e este é, achamos, o erro que muitos espíritas cometem, a despeito da sinceridade e do

dom autêntico de alguns médiuns. Assim, como Raymond Buckland diz (*The Tree, The Complete Book of Saxon Witchcraft*, pg. 61): "As feiticeiras não 'chamam de volta' os mortos. Não realizam *sessões*, o que diz respeito ao espiritismo. Elas acreditam, contudo, que *se os próprios mortos o desejarem*, retornarão no sabá para compartilharem do amor e da celebração da ocasião."

Qualquer convite a amigos mortos em Samhain ou em qualquer outra ocasião deve ser feito com essa postura em mente.*

Como Stewart destacou em *What Witches Do*, "De todos os oito festivais, este é aquele em relação ao qual o *Book of Shadows* insiste mais enfaticamente quanto ao *Grande Rito*. Se não for possível na ocasião, o *Book of Shadows* indica que o Grão Sacerdote e a Grã Sacerdotisa devem celebrá-lo eles próprios o mais cedo que for conveniente, 'simbolicamente, ou, se possível, na realidade'. O ponto presumivelmente é que, visto que o ritual de Hallowe'en se refere estreitamente à morte e os mortos, deve concluir com uma solene e intensa reafirmação da vida."

Neste livro, supomos que o *Grande Rito* é sempre possível nos sabás, ao menos sob sua forma simbólica. Mas sentimos que a insistência do *Book of Shadows* em sua particular significação em Samhain é válida, e provavelmente uma tradição genuína da *Craft*. Assim, procuramos em nosso ritual uma maneira de lhe dar aquela ênfase especial – daí a concepção do *coven* em círculo, que, para nós, atinge o efeito desejado.

Naturalmente, se o *Grande Rito* 'real' for empregado, o *coven* ficará fora do aposento e quaisquer recursos para dar ênfase deverão ser incumbência da Grã Sacerdotisa e do Grão Sacerdote que representam o rito. Mas

* Sob um prisma ocultista mais rigoroso, esta situação é ainda mais complexa e grave, pois a *comunicação com os mortos*, mesmo supondo uma *mediunidade genuina*, pode não ocorrer efetivamente com os mortos, se entermos por esta palavra algum *princípio individual inteligente, íntegro e consciente* ("espírito", "alma", "Ruach", "Manas superior" etc., etc.) que sobreviva à morte física. Correr-se-ia o risco de "comunicar-se" com os *elementares*, ou seja, princípios inferiores destituidos de inteligência e consciência pertencentes ao corpo astral, que retêm somente instinto e memória das coisas vividas na Terra pelo indivíduo na última encarnação. É interessante lembrar que no invisível (subjetiva ou objetivamente) estão presentes, além de tais *elementares*, elementais naturais, elementais artificiais, corpos astrais dos próprios médius inconscientemente projetados, corpos astrais de *iniciados* desdobrados conscientemente e *larvas*. Outra coisa a ser considerada é que tal *comunicação* é feita via de regra apenas com o plano astral, raramente com o plano *superior*, estritamente *espiritual*, por assim dizer. (n.t.)

a ênfase poderá ainda ser transmitida ao *coven* no retorno deste, graças ao expediente da Grã Sacerdotisa e do Grão Sacerdote de abençoar o vinho e os bolos imediatamente após o retorno, e o Grão Sacerdote administrá-los pessoalmente a cada mulher e a Grã Sacerdotisa a cada homem, em lugar da circulação usual. Sugerimos que essa administração pessoal do vinho e dos bolos seja realizada inclusive se o *Grande Rito* for simbólico.

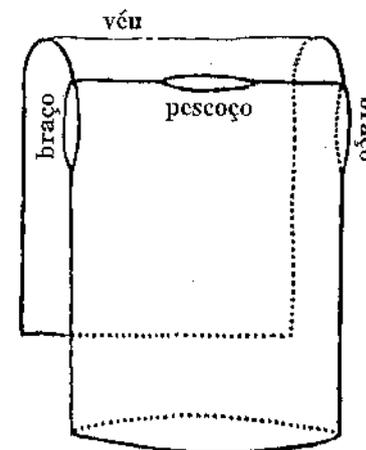
A Preparação

O caldeirão é colocado no centro do *círculo*, com carvão incandescente numa tampa de lata ou outro recipiente dentro dele. Deve haver incenso à disposição (o habitual incensário em cima ou junto do altar pode ser usado no momento apropriado, mas um incensário independente é melhor).

Para a Grã Sacerdotisa, deve ser confeccionado um simples tabardo branco de *chiffon* ou malha (malha de *terylene* dessa vendida para cortinas serve, embora *chiffon* seja mais atraente). O padrão é fácil – dois quadrados ou retângulos costurados juntos ao longo da parte superior e dos lados, mas deixando ranhuras para pescoço e braços no centro da parte superior, e as partes superiores dos lados. Pode-se acrescer um refinamento por meio de um terceiro quadrado ou retângulo do mesmo tamanho com seu canto superior costurado ao canto superior dos outros dois ao longo dos ombros e a parte posterior da ranhura do pescoço; isto pode ficar solto atrás como um capa, ou ser erguido e avançado sobre a cabeça e o rosto como um véu (ver diagrama logo na seqüência e também fotos 7, 11, 16 e 17).

A propósito, fizemos uma seleção desses tabardos de *chiffon*, com capas/véus e a apropriada guarnição de fita ao longo das costuras e orlas, de várias cores para várias finalidades rituais. Podem ser usados seja sobre mantos seja sobre o corpo nu; são de confecção barata e simples e tremendamente eficazes.

Para o *Senhor do Desgoverno* deve ser confeccionado um bastão de ofício, tão simples ou tão elaborado quanto se deseje. Um dos mais elaborados é o bordão do bufão encimado com a cabeça de uma boneca e decorado com pequenas campânulas. O mais simples é um mero pau com um balão de borracha (ou mais tradicionalmente, uma bexiga de porco inflada) atado numa extremidade. Deve ficar à disposição ao lado do altar.

O *círculo*, o altar e o caldeirão são decorados com folhagem e frutos da estação, entre os quais devem se destacar maçãs e, se possível, nozes no ramo.

Todos os sabás são festas, mas Samhain o é especialmente. Comida e bebida deverão estar prontas para o fim do ritual. Deve haver qualquer tipo de noz, mesmo que você só possa contar com aquelas sem casca da mercearia ou pacotinhos de amendoins do *pub*. A tradição segundo a qual elas são assadas para prever o futuro baseando-se no modo como saltam (uma forma de adivinhação a que se tem melhor acesso com o espírito despreocupado!) somente é praticável se houver um fogo exposto no aposento.

Nota de cunho pessoal: temos uma gata tigrada chamada Suzie que (isolada de nossos muitos gatos) é nosso espírito familiar auto-designado. Ela é muito *sensitiva* e insiste em estar presente em todos os rituais. No momento que traçamos um *círculo* ela bate à porta para ser admitida. Comporta-se muito bem, mas não aprendeu a acatar que a festa vem *após* o ritual. Assim, temos que esconder a comida num armário até a hora certa. Se você está na mesma situação, esteja alerta!

O Ritual

A Grã Sacerdotisa traja seu tabardo branco para o ritual de abertura, com o véu jogado para trás, se dispuser de algum.

Depois da *runa das feiticeiras*, o Grão Sacerdote e a Grã Sacerdotisa tomam seus *athames*. Ele fica com suas costas para o altar, ela olhando-o através do caldeirão. Os dois então, simultaneamente, traçam o *pentagrama invocatório da terra* no ar com seus *athames* e voltados um para o outro; feito isso, depõem os *athames*, ele o seu sobre o altar, ela o seu junto ao caldeirão.

A Grã Sacerdotisa esparge incenso sobre o carvão no caldeirão. Quando se assegura que está aceso, ela se coloca, ainda encarando o Grão Sacerdote, do outro lado do caldeirão. Chama um bruxo para trazer uma das velas do altar e segurá-la ao lado dela (de modo que possa ainda ler, quando mais tarde puxar o véu sobre seu rosto). Ela declama:[2]

"Terrível Senhor das Sombras, Deus da Vida e Doador de Vida –
E no entanto, é o conhecimento de ti o conhecimento da Morte.
Escancara, suplico a ti, os Portais pelos quais todos têm que passar.
Permite que nossos entes queridos, que se foram antes,
Retornem esta noite para conosco se alegrarem.
E quando nossa hora chegar, como tem de ser;
Ó tu, o Confortador, o Consolador, o Doador da Paz e do Repouso,
Adentraremos teus domínios contentes e sem medo;
Pois sabemos que, quando descansados e revigorados entre nossos, queridos
Renasceremos mais uma vez por tua graça e a graça da Grande Mãe.
Permita que seja no mesmo lugar e na mesma hora de nossos amados,
E que possamos nos encontrar, e conhecer, e lembrar,
E amá-los novamente.
Desce, nós suplicamos a ti, em teu servo e sacerdote."

A Grã Sacerdotisa caminha, então, em sentido horário em torno do caldeirão e dá no Grão Sacerdote o *beijo quíntuplo.*

Ela volta ao seu posto, encarando o Grão Sacerdote do outro lado do caldeirão, e se seu tabardo possui um véu, ela o puxa agora para a frente, cobrindo o rosto. Convoca, então, cada uma das bruxas por seus nomes, para que se adiantem e também dêem no Grão Sacerdote o beijo quíntuplo.

Depois que todas o fizeram, o Grão Sacerdote orienta o *coven* para que se coloque nas proximidades da borda do *círculo*, homem e mulher alternadamente, com a *Donzela* próxima à vela do oeste. Logo que todos estão posicionados, a Grã Sacerdotisa diz:

"Vede, o Oeste é Amenti, a Terra dos Mortos, para a qual muitos dos nossos entes queridos foram para repouso e renovação. Nesta noite com eles comungamos e, enquanto nossa Donzela se mantém para as boas vindas junto ao portal do Oeste, convoco a todos vós, meus irmãos e irmãs da Craft para que retenham a imagem desses entes queridos em vossos corações e mentes, de modo que nossas boas vindas os atinjam.

[2] Escrito por Gerald Gardner.

"Há mistério no interior do mistério, pois o sítio de repouso entre a vida e a vida é também Caer Arianrhod, o Castelo da Roda de Prata, no cubo das estrelas giratórias além do Vento do Norte. Aqui reina Arianrhod, a Dama Branca, cujo nome significa Roda de Prata. A esta, em espírito, chamamos nossos entes queridos. E que a Donzela os conduza, movendo-se em sentido anti-horário para o centro, pois a senda espiral rumo ao interior, para Caer Arianrhod, conduz à noite e ao repouso e é contra o caminho do Sol."

A *Donzela* caminha lenta e dignamente em sentido anti-horário ao redor do *círculo*, compondo devagar uma espiral para dentro e executando três ou quatro circuitos para atingir o centro. Enquanto isto ocorre, o *coven* mantém silêncio absoluto e se concentra em dar boas vindas aos seus amigos mortos.

Quando a *Donzela* alcança o centro, encara a Grã Sacerdotisa do outro lado do caldeirão e pára. A Grã Sacerdotisa adianta sua mão direita, ao nível do ombro, acima do centro do caldeirão, com a palma da mão aberta e olhando para a esquerda. A Donzela põe a palma de sua própria mão direita de encontro à palma da mão da Grã Sacerdotisa. Esta diz:

"Estes que você traz consigo são verdadeiramente benvindos ao nosso Festival. Que possam eles permanecer conosco em paz. E você, ó Donzela, retorne pela senda espiral para ficar com com nossos irmãos e irmãs, mas em sentido horário, pois o caminho do renascimento, para fora de Caer Arianrhod, é o caminho do Sol."

A *Donzela* e a Grã Sacerdotisa rompem seu contato de mãos e a *Donzela* caminha lenta e dignamente, numa espiral em sentido horário, de volta à sua posição junto à vela do oeste.

A Grã Sacerdotisa espera até que a *Donzela* reassuma seu lugar, e diz em seguida:

"Que todos se aproximem das muralhas do Castelo."

O Grão Sacerdote e os membros do *coven* se movem para dentro e todos (inclusive a Grã Sacerdotisa e a *Donzela*) sentam-se formando um anel compacto ao redor do caldeirão. A Grã Sacerdotisa renova o incenso.

Agora é o momento da comunhão com os amigos mortos – e para isto não se pode formular nenhum ritual pré-estabelecido, porque todos os *covens* diferem em seu método. Alguns preferem sentar-se silenciosamente em torno do caldeirão, fitando a fumaça do incenso e falando do que vêem e sentem. Outros preferem um espelho de *scrying* ou uma bola de cristal. Outros *covens* podem contar com um médium talentoso, utilizando-o como um canal. Seja qual for o método, a Grã Sacerdotisa o dirige.

Quando sente que essa parte do sabá cumpriu seu propósito, a Grã Sacerdotisa afasta o véu do rosto e ordena que o caldeirão seja transportado e colocado ao lado da vela do leste, o quadrante do renascimento (deve ser colocado *ao lado* da vela, não na frente desta, a fim de ceder espaço para o que se segue).

O Grão Sacerdote passa agora à explicação. Ele diz aos membros do *coven*, de maneira informal, mas com seriedade, que, visto que Samhain é um festival dos mortos, deve incluir uma forte reafirmação da vida – tanto em nome do próprio *coven* quanto em nome dos amigos mortos que estão em trânsito rumo à reencarnação. Ele e a Grã Sacerdotisa representarão, portanto, o *Grande Rito*, como é costume em toda sabá, mas considerando-se que se trata de uma ocasião especial, haverá ligeiras diferenças para enfatizá-lo. Ele explica estas diferenças de acordo com a forma que o *Grande Rito* irá assumir.

Se o *Grande Rito* for simbólico, o cálice e o *athame* serão colocados sobre o chão, não carregados. A *Donzela* e o resto do *coven* caminharão lentamente em sentido horário, nas proximidades do perímetro do *círculo*, durante todo o rito. Quando estiver terminado, o Grão Sacerdote e a Grã Sacerdotisa primeiramente oferecerão o vinho um ao outro da maneira usual, mas, então, o Grão Sacerdote dará pessoalmente o vinho a cada mulher do *coven*, depois do que a Grã Sacerdotisa o dará pessoalmente a cada homem. Eles então consagrarão os bolos e os disbribuirão pessoalmente do mesmo modo. O propósito disto (o Grão Sacerdote esclarece) é transferir a energia de vida criada pelo *Grande Rito* diretamente a cada membro do *coven*.

Se o *Grande Rito* for 'real', uma vez a *Donzela* e o *coven* tenham retornado ao aposento, o Grão Sacerdote e a Grã Sacerdotisa consagrarão o vinho e os bolos e os administrarão pessoalmente da mesma maneira.

Findas as explicações, o *Grande Rito* é representado.

Depois e antes da festa, só resta uma coisa a ser feita. A Grã Sacerdotisa traz o bastão de ofício do *Senhor do Desgoverno* e o apresenta a um bruxo escolhido (preferivelmente alguém com senso de humor). Ela lhe diz que ele é agora o *Senhor do Desgoverno* e, durante todo o resto do sabá, gozará do privilégio de transgredir os procedimentos conforme julgar adequado e 'brincar' com todos, inclusive com ela e com o Grão Sacerdote.

O resto do programa é dedicado à festa e aos jogos. E se você, como nós, está habituado a fazer uma pequena oferenda de comida e bebida depois aos *sidhe* ou seus equivalentes locais – nesta noite de todas as noites – certifique-se de que é particularmente saborosa e generosa!

XI *Natal, 22 de dezembro**

No *solstício de inverno*, os dois temas divinos do ciclo anual coincidem – até mesmo mais dramaticamente do que acontece quando coincidem no solstício de verão. *Yule* (que, de acordo com o Venerável Bede ** provém do escandinavo *Iul*, que significa 'roda') marca a morte e o renascimento do Deus-Sol; marca também a derrota do Rei Azevinho, Deus do Ano Minguante, pelo Rei Carvalho, Deus do Ano Crescente. A Deusa, que era *morte-em-vida* no solstício de verão, exibe agora seu aspecto de *vida-em-morte*, pois embora nesta estação ela seja a "senhora da brancura da lepra",

* 22 de junho no hemisfério sul. (n.t.)

** Monge e historiador eclesiástico, que viveu entre 673 e 735 A D. (n.t.)

rainha da escuridão fria, ainda assim este é seu momento de dar à luz a *criança da promissão*, o *filho-amante* que irá refertilizá-la e trazer luz e calor de volta ao seu reino.

A história da *natividade (Natal)* é a versão cristã do tema do renascimento do Sol, pois Cristo*** é o Deus-Sol da Era de Peixes. O aniversário (*dia do nascimento*) de Jesus não tem data nos Evangelhos e só foi em 273 A. D. que a Igreja tomou a simbolicamente sensata iniciativa de fixá-lo oficialmente no solstício de inverno, de modo a alinhá-lo com os outros deuses solares (como o Mitra persa, também nascido no *solstício de inverno*). Como São Crisóstomo, arcebispo de Constantinopla, um século mais tarde, explicou com elogiável franqueza, que a *natividade* do "*Sol da Retidão*" fora fixada dessa maneira para que, "enquanto os pagãos estivessem ocupados com seus ritos profanos, os cristãos pudessem realizar seus ritos sagrados sem perturbação".

"Profano" ou "sagrado" dependiam de seu ponto de vista, porque basicamente ambos estavam celebrando a mesma coisa: a virada da maré anual da escuridão para a luz. Sto. Agostinho reconheceu o significado solar do festival, quando instou os cristãos a celebrá-lo mais para aquele que criou o Sol do que para o próprio Sol.

Maria, em Belém, é novamente a Deusa como *vida-em-morte*. Jerônimo, o maior sábio entre os *Pais da Igreja*, que viveu em Belém de 386 até sua morte em 420, nos conta que havia também um bosque de Adônis (Tammuz) ali. Ora, Tammuz, amado da deusa Ishtar, era o modelo supremo, naquela parte do mundo, do deus que morre e da ressurreição. Ele era (como a maioria daqueles de seu tipo) um deus da vegetação ou do cereal, e Jesus Cristo absorveu esse aspecto do tipo bem como o solar, tal como o *sacramento do pão* sugere. Assim é significativo, como salienta Frazer, em *The Golden Bough*, p. 455, que o nome *Belém (Bethlehem)* queira dizer 'a Casa de Pão'.

A ressonância entre o ciclo do cereal e o ciclo solar se reflete em muitos costumes: por exemplo, a tradição escocesa de conservar a *Donzela do Cereal* (o último punhado ceifado na colheita) até *Yule* (Natal) e então distribuí-lo entre as reses para que se mantenham viçosas o ano todo; ou, na outra direção, a tradição alemã de espalhar as cinzas do *tronco de Yule* nos campos, ou de manter seus restos carbonizados para aderirem ao último

*** Quer dizer, *Jesus* (hebraico: *Ieshuah* [ajuda de Jeová], que corresponde ao grego Ιησων, como Ιασων, Jasão, o comandante dos argonautas na mitologia grega). Que se lembre que Ιασω é a deusa da saúde e que ιασισ significa *cura*. Quanto a Χριστοσ (Cristo) significa *o ungido* e não se aplica com exclusividade a Jesus. (n.t.)

feixe da colheita seguinte[1] (aqui nos defrontamos mais uma vez com as propriedades mágicas de tudo em torno do fogo do sabá, inclusive suas cinzas, pois o *tronco de Yule* é, em essência, a fogueira do sabá impelida para o ambiente interno pelo frio do inverno).

Mas voltemos a Maria. É muito pouco surpreendente que para o cristianismo permanecer uma religião viável, a *Rainha do Céu* tivesse de ser readmitida a algo semelhante à sua verdadeira posição, com uma mitologia e uma devoção popular que sobrepujam em muito (e às vezes até se opõem) (a)os dados bíblicos relativos a Maria. Ela teve que receber tal posição porque respondia ao que Geoffrey Ashe chama de "um anseio com forma de deusa" – um anseio que quatro séculos de cristianismo inteiramente machista-chauvinista, tanto no nível divino quanto no humano, tinham tornado insustentável (deve-se enfatizar que o chauvinismo machista da Igreja *não* foi inaugurado por Jesus, que tratava as mulheres como seres plenamente humanos, mas sim por São Paulo, que era patologicamente misógino e odiava o sexo).

A deificação de Maria aconteceu de maneira surpreendentemente repentina, principiada pelo Concílio de Éfeso, em 431 "em meio a um grande regozijo popular, devido, sem dúvida, à influência que o culto da virgem Ártemis ainda exercia na cidade" (*Enciclopédia Britânica*, verbete *Éfeso*). Significativamente, coincidiu estreitamente com a determinada supressão do culto a Ísis, que tinha se difundido por todo o mundo conhecido. Daí por diante, os teólogos se esforçaram por disciplinar Maria, permitindo-lhe a *hyperdulia* ('super-veneração'), uma versão avançada, que lhe era única, da *dulia*, veneração, atribuída aos santos), mas não *latria* (a adoração que era o monopólio do deus). Eles conseguiram criar, ao longo dos séculos, uma síntese oficial da *Rainha do Céu*, mediante a qual realizaram a dupla façanha de dessexualizar a Deusa e desumanizar Maria. Mas não conseguiram amordaçar seu poder; é para ela que o cultuador ordinário (desconhe-

[1] Transferência mágica de fertilidade de uma estação para outra por um objeto material carregado, particularmente pelo cereal ou seus produtos ou pleos subprodutos do fogo, é um costume universal. Referindo-se ao templo de Afrodite e Eros no declive norte da Acrópole, onde a "Afrodite dos hortos"residia, Geoffrey Grigson nos relata: "Era a este templo que duas meninas, duas crianças, faziam uma visita ritual toda primavera, trazendo consigo do templo de Atena, no alto, pães com o formato de falos e serpentes. No templo de Afrodite, os pães adquiriam o poder da fecundidade. No outono eram levados de volta à Acrópole, esmigalhados e misturados às sementes, a fim de assegurar uma boa produção após a semeadura seguinte." (*The Goddess of Love*, p. 162).

cendo e não se importando absolutamente com a distinção entre *hyperdulia* e *latria*) se dirige, "agora e na hora de nossa morte".

O protestantismo foi para o outro extremo e, em graus variados, tentou mais uma vez banir a deusa completamente. Tudo que logrou foi a perda da magia, o que o catolicismo, embora de forma distorcida e mutilada, reteve, pois a Deusa não pode ser banida (para uma compreensão maior do fenômeno mariano, consultar *The Virgin*, de Ashe e *Alone of All Her Sex*, de Marina Warner).

A Deusa em *Yule* (Natal) também preside o outro tema divino, ou seja, o do *Rei Carvalho* e do *Rei Azevinho*, que sobreviveu também na tradição popular do Natal, a despeito de muito da teologia oficial ignorá-lo. Nas peças mudas da época do Natal, o resplandecente São Jorge matava o sombrio "cavaleiro turco" e imediatamente bradava que havia matado seu irmão. "Trevas e luz, inverno e verão se complementam.* Adiante se apresenta o misterioso *'doutor'*** com sua garrafa mágica, que revive o homem assassinado, e tudo finda com música e regozijo. Há muitas variações locais desta peça, mas a ação é substancialmente idêntica em todas as partes." (Doreen Valiente, *An ABC of Witchcraft*, pp. 358-360) As peças de interpretação muda ainda sobrevivem localmente – por exemplo em Drumquin, no condado de Tyrone, onde jovens fazendeiros exoticamente mascarados e fantasiados vão de casa em casa, representando o velho tema, mediante palavras e ações herdadas de seus ancestrais; a *Radio Telefis Éireann* produziu um excelente filme sobre isso, no seu ingresso ao *Golden Harp Festival* de 1978.

Com acentuada freqüência, é claro, o harmonioso equilíbrio dos gêmeos sombrio e luminoso, dos necessários crescimento e declínio foi distorcido, resultando num conceito de *bem versus mal*. Em Dewsbury (Yorkshire), por quase sete séculos, os sinos da igreja têm repicado 'o dobre fúnebre do diabo' ou 'o passamento do velho rapaz' na última hora da véspera de Natal, avisando o *Príncipe do Mal* que o *Príncipe da Paz* está a

* Aqui o velho princípio metafísico da alternância necessária entre o bem e o mal, entre luz e trevas, associado à tradição religiosa pagã do *deus que morre e renasce*, como no mito de Osiris, no qual este é assassinado por seu irmão Seth (*Tífon* – o princípio das trevas) e renasce como *juiz dos mortos*. Nunca é demais relembrar que esse princípio, presente no fundo esotérico de praticamente todas as religiões antigas e pagãs, seja no culto órfico (o sacrifício do deus Dionísio), seja na morte de Krishna, persistiu no cristianismo com a morte e ressurreição de Jesus. (n.t.)

** A alusão é ao *feiticeiro primitivo* ou *xamã*. Nos *mistérios osiríacos*, o iniciando também era colocado num estado cataléptico ("morria") para o desdobramento de seu duplo, depois do que era "revivido"pelo hierofante iniciador. (n.t.)

caminho para destruí-lo. E, então, de meia-noite em diante repicam boas vindas ao *nascimento*. Em princípio, um digno costume, mas que, na verdade, entesoura uma lamentável degradação do *Rei Azevinho*.

Curioso o fato do nome popular *Old Nick* aplicado ao diabo refletir a mesma degradação. Nik era um nome de Woden,*** que tem muito da figura do Rei Azevinho, como o é o Papai Noel, em outros termos, São Nicolau (o qual, no folclore primitivo, montava não uma rena, mas sim um cavalo branco pelos céu, como Woden). E assim, Nik, deus do ano minguante, foi cristianizado sob duas formas: como Satã e como o mais bem humorado dos santos. A *Abbot's Bromley Horn Dance* (atualmente em setembro, mas outrora um rito do Natal) é baseada na igreja paroquial de São Nicolau, o que sugere uma direta continuidade a partir dos dias em que o patrono da localidade não era Nicolau *(Nicholas)*, mas Nik (sobre Nik e São Nicolau, ver *ABC of Witchcraft*, de Doreen Valiente, pp. 258-259). A propósito, na Itália, o lugar de Papai Noel é tomado por uma bruxa. Ela recebe o nome de Befana (Epifania) e voa durante a *décima segunda noite* em sua vassoura, trazendo presentes às crianças pelas chaminés.

Uma versão extraordinariamente persistente do tema *Rei Azevinho/Rei Carvalho*, no solstício de inverno, é a caçada ritual e matança da carriça – uma tradição folclórica encontrada numa distância de espaço e tempo tão grande quanto a antiga Grécia e Roma e as Ilhas Britânicas atuais. A carriça, 'pequeno rei' do *ano minguante* é morta por sua contraparte do ano crescente, o pisco-de-peito-ruivo, o qual a encontra num arbusto de hera (ou, por vezes, na Irlanda num arbusto de azevinho, o que se enquadra com o *Rei Azevinho*). A árvore do pisco-de-peito-ruivo é o vidoeiro, o que atende ao solstício de inverno no calendário de árvores celta. No ritual encenado, homens caçavam e matavam a carriça usando varas de vidoeiro.

Na Irlanda, o dia dos 'meninos da carriça' é o dia de Sto. Estevão, 26 de dezembro. Em alguns lugares (por exemplo, o povoado pesqueiro de Kilbaha, no condado de Clare no estuário de Shannon), os meninos da

*** Ou Odin, o deus líder dos deuses da mitologia nórdica. É representado como um homem de idade madura, cego de um olho, habitualmente usando um chapéu e acompanhado por dois corvos ou um corvo e um lobo. Suas atribuições são semelhantes às do Zeus grego e do Júpiter romano. Metafisicamente, é concebido como o criador de todas as coisas e todas as criaturas. Sob disfarces humanos, Odin costuma infiltrar-se no mundo dos mortais, observando e mesmo envolvendo-se nos assuntos dos homens; isso embora de Asgard (a morada dos doze deuses) ele possa observar o que se passa no mundo e a eventual aproximação dos gigantes glaciais, inimigos perenes dos deuses. (n.t.)

carriça são grupos de músicos, cantores e dançarinos adultos vestidos de roupas coloridas, que vão de casa em casa, transportando a minúscula effígie de uma carriça num feixe de azevim. No condado de Mayo, os meninos (e meninas) da carriça são grupos de crianças, que também portam feixes de azevinho e batem à nossa porta e nos recitam seu *jingle*:

"A carriça, a carriça, o rei dos pássaros,
No dia de Sto. Estevão foi apanhada no tojo;
Para cima do bule e para baixo da panela,
E dê-nos algum dinheiro para enterrar a carriça."

Costumava ser 'um penny', mas a inflação superou a tradição. Todos os enfeites de azevinho, na Irlanda, devem ser removidos de casa depois do Natal; considera-se de mau agouro manter dentro de casa esses símbolos do ano minguante.

A aparente ausência de uma correspondente tradição do solstício de verão, na qual seria de se esperar uma caçada ao pisco-de-peito-ruivo, representa um enigma. Mas talvez haja um traço disto na curiosa crença irlandesa a respeito de uma *Kinkisha (Cincíseach)*, uma criança nascida em Pentecostes (*Cincís*), crença segundo a qual tal pessoa está condenada ou a assassinar ou a ser assassinada – a menos que a 'cura' seja empregada. Esta 'cura' consiste em apanhar um pássaro e esmagá-lo no interior da mão da criança, ao mesmo tempo em que se recita três ave-marias. Em alguns lugares, ao menos, o pássaro tem de ser um pisco-de-peito-ruivo e sentimos que esta é provavelmente a tradição original, já que Pentescostes é uma festa móvel, que cai em qualquer dia entre 10 de maio e 13 de junho, isto é, apontando para o fim do reinado do Rei Carvalho. Pode ser que muito tempo atrás um bebê nascido nessa estação corresse o risco de tornar-se uma opção de sacrifício ao Rei Carvalho, e qual escapatória melhor haveria do que encontrar um substituto sob a forma de seu próprio substituto-pássaro, o pisco-de-peito-ruivo? E o perigo de 'assassinar ou ser assassinado' pode ser uma memória do destino do Rei Carvalho de matar no solstício de inverno e ser morto no solstício de verão.[2]

---

[2] O sacrifício substituto de modo algum se extinguiu na Irlanda.. Num promontório do condado de Mayo,freqüentemente fustigado pelas tempestades, a algumas milhas de nossa casa, vimos uma boneca de celulóide pregada numa estaca na marca da maré alta. Estava nua exceto por uma porção de tinta verde no ponto de penetração do prego. Nosso especialista em tradição local, Tom Chambers, fez indagações por nós; como suspeitava-se, constatou-se tratar-se de um sacrifício propiciatório ao mar, conhecido como "Boneca do Mar" (*bábóg mhara*).

O pisco-de-peito-ruivo do ano crescente nos traz a *Robin Hood**, que surge ainda em um outro festival de estação. "Na Cornualha...", diz Robert Graves,"... 'robin' significa *falo* . 'Robin Hood' é uma designação rural da candelária vermelha** ('campion' significa 'campeão') talvez porque sua pétala fendida lembra o casco de um carneiro e porque *'campeão vermelho'**** era um título do deus das feiticeiras... 'Hood' (ou *Hod* ou *Hud*) significava 'tora' – a tora colocada atrás do fogo – e era nesta tora, cortada do carvalho sagrado, que se acreditou numa ocasião que Robin residia, daí o 'cavalo de batalha de Robin Hood', o bicho-de-conta que escapava da madeira, quando a tora de *Yule* era queimada. Na superstição popular, o próprio Robin escapou pela chaminé sob a forma de um pisco-de-peito-ruivo e, ao findar *Yule* (Natal), partiu como Belin contra seu rival Bran, ou Saturno – que tinha sido *'Senhor do Desgoverno'* nos festins da época do Natal. Fugindo à perseguição, Bran ocultava-se no arbusto de hera, disfarçado como uma carriça de crista dourada, mas Robin sempre o apanhava e enforcava." (*The White Goddess*, p. 397)

A menção do calendário de árvores celta (e *The White Goddess*, de Graves, sua análise moderna mais detalhada) nos traz de volta à Deusa e ao aspecto do Deus-Sol. Como pode ser visto no nosso diagrama da página 25, as Cinco Estações da Deusa, de Graves, são distribuídas ao longo do ano, mas duas delas *(morte e nascimento)* estão juntas em dias consecutivos no solstício de inverno, 22 e 23 de dezembro. Este último é o 'dia extra' que não pertence a nenhum dos treze meses das árvores. Antes dele vem Ruis, o mês da árvore mais velha, e depois dele vem Beth, o mês do vidoeiro. O padrão, cujo simbolismo compensará o estudo (embora preferivelmente no contexto do calendário do ano inteiro) é o seguinte, em torno do solstício de inverno:

25 de novembro a 22 de dezembro: *Ruis*, a árvore mais velha; uma árvore de condenação e do aspecto escuro da Deusa, com flores brancas e frutos escuros ("Mais velha é a árvore da Senhora – não a queime, ou amaldiçoado serás"). A ave, a gralha-calva (*rócnat*), considerando-se que esta ave, o corvo ou a gralha é a ave profética de Bran, a divindade do Rei Carvalho, que também está relacionado à carriça na Irlanda, enquanto que, em Devonshire, a carriça é a *cuddy vran* ou 'pardal de Bran'. Cor, vermelho encarnado (*ruadh*). Linha da canção de Amergin: "Eu sou uma onda do mar" (para peso).

---

* *Robin*, em inglês moderno, significa pisco-de-peito-ruivo, pisco comum. (n.t.)
** Candelária vermelha, em inglês, é *red campion*. (n.t.)
*** Em inglês, *red champion*. (n.t.)

22 de dezembro. *Estação de Morte da Deusa*: árvore, o teixo (*idho*) e a palmeira; metal, chumbo; ave, águia (*illait*); cor, branco bem alvo (*irfind*).

23 de dezembro. O dia extra. *Estação de nascimento da Deusa*: árvore, abeto de casca prateada (*ailm*), a árvore original de Natal, também visco; metal, prata; ave, abibe (*aidhircleóg*), o enganador malhado; cor, malhado (*alad*); Amergin pergunta: "Quem senão eu conhece os segredos do dólmen não derrubado?"

24 de dezembro a 20 de janeiro: *Beth*, o vidoeiro, uma árvore de começo e da expulsão dos maus espíritos; ave, faisão (*besan*); cor, branco (*ban*). Amergin proclama : "Eu sou um veado de armação de sete pontas" (para força).

O renascimento do solstício de inverno e a participação da Deusa nele eram retratados no Antigo Egito por um ritual no qual Ísis circundava o santuário de Osíris sete vezes, a fim de representar seu luto por ele e suas jornadas em busca das partes dispersas do corpo dele. O texto de sua endecha por Osíris, na qual a sua irmã, Neftis (que é num certo sentido seu próprio aspecto sombrio), se junta a ela, pode ser encontrado em duas versões um tanto diversas em *The Golden Bough*, p. 482, e em *Woman's Mysteries*, pp. 188-189. Tífon ou Seth, o irmão/inimigo que matou Osíris, foi afugentado pelo agitar do *sistro* de Ísis, para se produzir o renascimento de Osíris. A própria Ísis foi representada pela imagem de uma vaca com o disco solar entre seus chifres. Por ocasião do festival, as pessoas decoravam a parte externa de suas casas com lâmpadas de óleo, que ardiam a noite inteira. À meia-noite, os sacerdotes emergiam de um santuário interno, bradando "A Virgem gerou! A luz está na crescente!" mostrando a imagem de um bebê aos adoradores. O sepultamento final do Osíris morto era em 21 de dezembro, após seu longo ritual de mumificação (que começava, fato suficientemente interessante, em 3 de novembro – virtualmente em Samhain); em 23 de dezembro sua irmã/esposa dava à luz a seu filho/outro-eu Hórus. Osíris e Hórus representam, ao mesmo tempo, os aspectos solar e vegetativo do Deus; Hórus é tanto o Sol renascido (os gregos o identificavam com Apolo) quanto o 'Senhor das Colheitas'. Um outro nome de Hórus, 'Touro de Tua Mãe', nos lembra que o filho-deus da deusa é, num outro ponto de ciclo, seu amante e fecundador, pai no devido tempo de seu próprio eu renascido.

As lâmpadas que ardem a noite toda, na véspera do solstício de inverno, sobrevivem, na Irlanda e alhures, como a vela única na janela na véspera de Natal, acesa pela pessoa mais jovem da casa – um símbolo das boas vindas microcósmicas ao *macrocosmo*, não diferente do lugar extra preparado à mesa de *Pesach* da família judia (em cuja mesa, a propósito, o filho mais jovem, com sua pergunta "Pai, por que é esta noite diferente de todas as outras noites?" detém igualmente uma papel tradicional a ser desempenhado).

A proprietária do *pub* de nosso povoado oferece suas próprias boas vindas microcósmicas, seguindo uma tradição que, segundo ela, foi uma vez difundida entre os estalajadeiros. Ela esvazia um estábulo, espalha palha fresca e deixa no mesmo alguma comida, uma garrafa de vinho e uma mamadeira de criança – e assim *haverá* 'espaço na estalagem'. Ela se acanha em falar sobre isso e lamenta que o costume pareça estar desaparecendo.

Um amigo que viveu com os esquimós na Groenlândia, onde o cristianismo intimidou o equilíbrio de crença e sistema de vida antes bem integrado, nos conta como os rituais do solstício de inverno morreram sem terem sido significativamente substituídos. Dificilmente pode-se dizer que os esquimós celebrem o Natal, se compararmos com o festival tal como é conhecido nos países cristãos 'mais antigos'. No entanto, os ritos solsticiais tradicionais (que aparentemente eram ocasiões memoráveis) não são mais observados, porque dependem da avaliação exata do solstício pela observação das estrelas – uma habilidade que a atual geração não possui. Isto por conta das bênçãos da civilização tecnológica!

Em Atenas o ritual do solstício de inverno chamava-se *Lenaea*, o *festival das mulheres selvagens*. Aqui, a morte e o renascimento de Dionísio, deus da colheita, eram encenados. Num passado vago, fora um ritual de sacrifício do deus, e as nove *mulheres selvagens* despedaçavam seu representante humano e o devoravam. Nos tempos clássicos, entretanto, os titãs se tornaram os sacrificadores, a vítima foi substituída por um cabrito e as nove *mulheres selvagens* se converteram em carpideiras e testemunhas do nascimento (ver *The White Goddess*, p. 399). As *mulheres selvagens* também aparecem na lenda nórdica; como *Waelcyrges* (Valquírias) cavalgavam com Woden em sua caçada selvagem.

No ritual de *Yule*, de *The Book of Shadows*, figura apenas o renascimento do Deus-Sol com o Grão Sacerdote recorrendo à Deusa para "nos trazer a *criança da promissão*". O tema do Rei Azevinho/Rei Carvalho é ignorado – uma estranha omissão em vista de sua persistência no folclore da estação.

Combinamos os dois temas em nosso ritual, escolhendo o Rei Carvalho e o Rei Azevinho por sorteio, como no solstício de verão, imediatamente após o ritual de abertura – porém adiando o 'assassinato' do Rei Azevinho até depois da morte e renascimento do Sol.

Enfrenta-se um problema com relação à coroa do Rei Carvalho. Enquanto no solstício de verão há disponibilidade de folhas de carvalho e de azevinho, em *Yule (Natal)* não há folhas de carvalho. Uma das soluções consiste em colher antecipadamente folhas de carvalho no verão ou no outono, prensá-las, envernizá-las e confeccionar uma coroa permanente de Rei Carvalho para uso na época do Natal. Uma outra solução, talvez menos delicada, é confeccionar uma coroa permanente de bolotas quando estas estiverem na estação, ou usar as folhas de inverno da azinheira ou carvalho-sempreviva (*Quercus ilex*). Na impossibilidade de apelar para qualquer destas soluções, faça a coroa de ramos nus de carvalho, mas torne-a brilhante, mediante lentejoulas ou outra decoração adequada.

Em *Yule*, a Deusa é a 'dama de branco morfético', *aquela de cabelos brancos, vida-em-morte*; de maneira que sugerimos que a Grã Sacerdotisa vista novamente o *chifon* branco ou o tabardo de malha, que descrevemos para Samhain. Um acréscimo dramaticamente eficiente, se ela o possuir ou se for possível gastar com a mesma, é uma peruca alvíssima, de preferência longa. Caso se trate de um *coven* que realize seus rituais despido, a Grã Sacerdotisa tirará o tabardo antes do Grande Rito, mas conservará a peruca, se estiver usando uma, porque simboliza seu aspecto vinculado à estação.

O lamento da Grã Sacerdotisa *"Retorna, ó retorna!"* é uma forma ligeiramente adaptada do lamento de Ísis em relação a Osíris mencionado anteriormente.

Se, como é mais que provável, houver uma árvore de Natal no aposento, quaisquer luzes dela deverão ser apagadas antes do círculo ser traçado. O Grão Sacerdote poderá, então, acendê-las imediatamente depois de acender a vela do caldeirão.

Se houver uma lareira acesa no aposento, uma *tora de Yule* poderá ser queimada durante o sabá. Esta tora deverá ser, naturalmente, de carvalho.

A Preparação

O caldeirão é colocado junto à vela do sul, com uma vela apagada dentro dele e entrelaçado com azevinho, hera e visco.

As coroas para o Rei Carvalho e o Rei Azevinho devem ficar à disposição ao lado do altar. Uma boa quantidade de palha é depositada sobre o altar – na quantidade correspondente ao número de homens que participam do sabá, à exceção do Grão Sacerdote. Uma das palhas é mais longa que as demais e uma outra é mais curta (como no solstício de verão, se a Grã Sacerdotisa quiser indicar os dois reis em lugar de fazer o sorteio, as palhas não serão necessárias).

Deixa-se uma venda para o Rei Azevinho pronta junto ao altar, bem como é colocado sobre o altar um sistro para o uso da Grã Sacerdotisa, que deverá vestir um tabardo branco e, se assim desejar, uma peruca branca.

Se houver uma árvore de Natal iluminada no aposento, as luzes deverão ser apagadas. No caso da presença de uma lareira acesa no aposento, o fogo deverá ser avivado até avermelhar-se e incandescer-se, uma *tora de Yule* devendo ser nele colocada precisamente antes de se traçar o *círculo*.

O Ritual

Depois da *Runa das Feiticeiras*, a *Donzela* traz as palhas do altar e as segura em sua mão de modo que todas as extremidades sejam projetadas separadamente, mas sem que ninguém possa ver quais são a mais curta e a mais longa. A Grã Sacerdotisa diz:

"Que os homens tirem a sorte."

Cada homem, salvo o Grão Sacerdote, retira uma palha da mão da *Donzela* e a mostra à Grã Sacerdotisa. Esta aponta para o homem que retirou a palha mais curta e diz:

"Tu és o Rei Azevinho, Deus do Ano Minguante. Donzela, traz sua coroa!"

A *Donzela* coloca a coroa de folhas de azevinho na cabeça do Rei Azevinho.

A Grã Sacerdotisa aponta para o homem que retirou a palha mais longa e diz:

"Tu és o Rei Carvalho, Deus do Ano Crescente. Donzela, traz sua coroa!"

A *Donzela* coloca a coroa de folhas de carvalho na cabeça do Rei Carvalho.

Enquanto ocorre o coroamento, o Grão Sacerdote se deita sobre o chão no centro do *círculo*, agachado, numa posição fetal. Todos simulam não o ver fazendo isso.

Findo o coroamento, o Rei Carvalho diz:

"Meu irmão e eu fomos coroados e preparados para nossa rivalidade. Mas onde está nosso Senhor, o Sol?"

A *Donzela* responde:

"Nosso Senhor, o Sol, está morto!"

Se o tabardo da Grã Sacerdotisa possuir um véu, ela o estende sobre seu rosto.

Os membros do *coven* se dispõem em torno do perímetro do *círculo*.

A Grã Sacerdotisa apanha o sistro e a *Donzela*, uma vela. Elas se põem juntas a caminhar lentamente ao redor do Grão Sacerdote, em senti-

do horário, sete vezes. A *Donzela* segura a vela de maneira que a Grã Sacerdotisa possa ler seu texto, e conta silenciosamente: *"Um," "Dois"* e assim por diante até *"Sete"* à medida que a volta é concluída. Enquanto caminham, a Grã Sacerdotisa agita seu sistro e lamenta:

"Retorna, ó retorna!
Deus do Sol, Deus da Luz, retorna!
Teus inimigos fugiram – tu não tens inimigos.
Ó adorável auxiliador, retorna, retorna!
Retorna à tua irmã, tua esposa, que te ama!
Não seremos separados.
Ó meu irmão, meu consorte, retorna, retorna!
Quando não te vejo,
Meu coração se aflige por ti,
Meus olhos buscam por ti,
Meus pés percorrem a Terra em busca de ti!
Deuses e homens juntos te pranteiam.
Deus do Sol, Deus da Luz, retorna!
Retorna à tua irmã, tua esposa, que te ama!
Retorna ! Retorna ! Retorna!"

Completadas as sete voltas, a Grã Sacerdotisa deposita o sistro no altar e se ajoelha perto do Grão Sacerdote, com suas mãos pousando sobre o corpo dele e suas costas voltadas para o altar (ver foto 16).

Os integrantes do *coven*, com exceção da *Donzela*, dão-se as mãos e se movem lentamente, em sentido horário, em torno da Grã Sacerdotisa e do Grão Sacerdote. A *Donzela* permanece de pé junto ao altar e declama:

"Rainha da Lua, Rainha do Sol,
Rainha dos Céus, Rainha das Estrelas,
Rainha das Águas, Rainha da Terra,
Traz-nos a Criança da Promissão!
É a Grande Mãe que a Ele dá nascimento;
É o Senhor da Vida que nasce novamente;
Trevas e lágrimas são afastadas quando o Sol cedo surgir!"[3]

[3] Escrito por Doreen Valiente, com palavras sugeridas por um cântico de Natal de *Carmina Gadelica*, que Angus Gunn, um aldeão de Lewis, transmitiu a Alexander Carmichael (ver *Carmina Gadelica*, volume I, p. 133 ou *The Sun Dances*, p. 91). "Foi o primeiro canto ou invocação que escrevi para Gerald...", Doreen nos conta, no Natal de 1953, ela acha. Ele a incumbiu,sem aviso, depois do almoço, da tarefa de compor versos para o ritual do anoitecer, "...lançando-me deliberadamente num beco sem saída, para ver o que eu podia fazer".

A *Donzela* interrompe sua declamação e a Grã Sacerdotisa se levanta, fazendo com que o Grão Sacerdote se levante. Se estiver com o véu, ergue-o de seu rosto, jogando-o para trás. Ambos se encaram, apertam-se as mãos cruzadas e começam a circular em sentido horário dentro do *coven*. A circulação pelo *coven* se torna alegre e mais célere.

A *Donzela* prossegue:

"Sol dourado de outeiro e montanha,
Ilumina a terra, ilumina o mundo,
Ilumina os mares, ilumina os rios,
Que se aplaquem as tristezas, que haja júbilo no mundo!
Que a Grande Deusa seja abençoada,
Sem começo, sem desfecho,
O Eterno à eternidade, Io Evo! He![4] *Sê abençoado!*
Io Evo ! He ! Sê abençoado!
Io Evo ! He ! Sê abençoado!..."

O *coven* se une no canto *"Io Evo! He! Sê abençoado!"* e a *Donzela* depois de depor o texto e a vela, junta-se ao círculo em movimento. O cantar e o movimento circular continuam até que a Grã Sacerdotisa brada: *"Ao chão!"*

Quando todos estão sentados, o Grão Sacerdote levanta-se novamente e se dirige ao altar para pegar uma vela ou círio. Leva-a até o caldeirão e com ele acende a vela que se acha em seu interior. Em seguida, devolve a primeira vela ou círio ao altar. Caso haja uma árvore de Natal do tipo iluminado, ele então acende as luzes.

A seguir ele assume seu lugar defronte do altar, onde a Grã Sacerdotisa a ele se junta; aqui permanecem voltados para os membros sentados do *coven*.

A Grã Sacerdotisa diz:

"Agora, no rigor do inverno, está consumada a minguante do ano e o reinado do Rei Azevinho está terminado. O Sol renasce e a crescente do ano principia. O Rei Carvalho precisa matar seu irmão, o Rei Azevinho, e governar minha terra até o apogeu do verão, quando seu irmão ressuscitará novamente."

[4] Pronuncia-se *Io eivo hei* (o *h* aspirado) – um brado das bacanis gregas. Com respeito a algumas idéias sobre seu possível significado sexual, consulte *Natural Magic*, p. 92, de Doreen Valiente.

Os membros do *coven* se levantam e, à exceção dos dois reis, recuam para o perímetro do *círculo*. No centro do *círculo*, os dois reis permanecem olhando um para o outro, o Rei Carvalho com suas costas para o oeste e o Rei Azevinho com suas costas para o leste.

O Rei Carvalho põe suas mãos sobre os ombros do Rei Azevinho, pressionando-os para baixo. O Rei Azevinho acaba por ajoelhar-se. Enquanto isso a *Donzela* pega o xale, ela e o Rei Carvalho vendando o Rei Azevinho. Em seguida, eles se afastam do Rei Azevinho ajoelhado; a Grã Sacerdotisa caminha devagar em torno dele, em sentido horário, três vezes. A seguir, ela se junta novamente ao Grão Sacerdote defronte do altar.

O Grão Sacerdote diz:

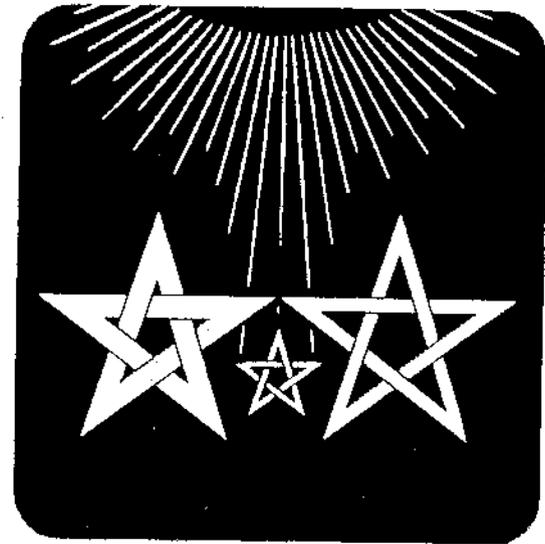
"O espírito do Rei Azevinho se foi de nós para repousar em Caer Arianrhod, o Castelo da Roda de Prata, até que, com a virada do ano, virá a estação na qual ele retornará para governar novamente. O espírito se foi; portanto, que o homem entre nós que representou esse espírito seja liberado de sua tarefa."

A Grã Sacerdotisa e a *Donzela* se adiantam novamente e ajudam o Rei Azevinho a se levantar. Elas o conduzem à vela do oeste, onde a *Donzela* remove sua venda e a Grã Sacerdotisa sua coroa, depositando-as ao lado da vela. O homem se vira e novamente se torna um membro ordinário do *coven*.

O Grande Rito é agora representado, a *Donzela* de prontidão com o *athame* e o Rei Carvalho com o cálice (se o sabá for com os participantes nus, a *Donzela* primeiramente ajudará a Grã Sacerdotisa a se despir de seu tabardo – o qual, sendo branco, poderá então ser adequadamente empregado como véu estendido sobre o corpo dela na primeira parte do Grande Rito).

Após o vinho e os bolos, o caldeirão é transportado para o centro do *círculo* e todos saltam sobre ele, da maneira usual, antes do princípio do estágio festivo.

No dia seguinte, quando o fogo (se o houver) estiver frio, as cinzas da tora de *Yule* deverão ser colhidas e espalhadas nos campos ou no jardim – ou, caso se viva numa cidade e não se disponha nem sequer de um pequeno canteiro de janela, no parque ou terreno cultivado mais próximos.

Nascimento, Casamento e Morte

XII Wiccaning*

Este é um livro contendo sugestões de rituais para aqueles que necessitam utilizá-los e que os julgam convenientes. Não é, portanto, o lugar para a discussão do tema difícil da educação religiosa da crianças. Achamos, entretanto, que ao menos um ponto deve ser ventilado.

Os cristãos, quando batizam seus filhos, o fazem em geral com a intenção de *compromissá-los* com o cristianismo, de preferência perpetuamente – e ao próprio ramo particular de cristianismo dos pais. Espera-se via de regra que os filhos endossarão tal compromisso, ratificando-o quando tiverem idade suficiente para aquiescer conscientemente (embora sem

---

* Ritual de bruxaria correspondente ao batismo cristão. (n.t.)

maturidade para discernir). Para sermos justos, esses pais – quando não estão meramente acatando uma convenção social – amiúde assim agem porque sinceramente acreditam que isso é essencial para a segurança das almas de seus filhos. Foram ensinados a crer nisso e freqüentemente mediante o medo (uma jovem amiga cristã nossa, já em fase avançada de gravidez, foi advertida pelo médico que a criança poderia nascer morta. Ela se pôs a soluçar em nossos braços, aterrorizada porque seu bebê iria para o inferno, se não vivesse o suficiente para ser batizado. Ela estava teologicamente enganada até mesmo nos termos de seu próprio credo. Contudo seu terror era absolutamente típico. Estamos felizes em dizer que seu filho, embora tardio, nasceu bem e com saúde).

Essa crença segundo a qual existe apenas um tipo de ingresso para o céu e que um bebê precisa recebê-lo com toda a rapidez para sua própria segurança é, evidentemente, totalmente estranha a *Wicca*. A crença de bruxas e bruxos na reencarnação a nega em todos os casos. Mas, independentemente disto, feiticeiras e feiticeiros sustentam o ponto de vista que era virtualmente universal antes da era do monoteísmo patriarcal, *a saber*, que todas as religiões são diferentes sendas de expressão das mesmas verdades e que a validade delas para qualquer indivíduo depende da natureza e das necessidades deste.

Uma cerimônia de *wiccaning* para a criança de uma família de bruxos não compromete, portanto, a criança com nenhuma senda em particular, mesmo uma pertencente a *Wicca*. É similar a um batizado no sentido em que invoca a proteção *divina* para a criança e ritualmente afirma o amor e o cuidado com os quais a família e os amigos desejam cercar o recém-chegado. Difere de um batizado no fato de especificamente reconhecer que, à medida que a criança se transformar num adulto, decidirá, e realmente terá que decidir, sobre sua própria senda.

Wicca é, acima de tudo, uma religião natural – de modo que pais-bruxos tentarão naturalmente comunicar a seus filhos a alegria e realização que sua religião lhes proporciona, a família toda partilhando inevitavelmente do modo de vida vinculado a essa religião. Partilhar é uma coisa, impor ou ditar é outra, e longe de assegurar a 'salvação' de uma criança, pode muito bem retardá-la – isto se, tal como as feiticeiras, você encarar a salvação não como uma espécie de transação instantânea, mas como um desenvolvimento ao longo de muitas existências.

Compomos nosso ritual de *wiccaning* dentro desse espírito e achamos que a maioria das bruxas e bruxos concordarão com tal postura.

Sabíamos que a idéia de ter padrinhos – amigos adultos que manterão um interesse pessoal no desenvolvimento da criança – era uma idéia justificadamente popular e sentimos que uma cerimônia de *wiccaning* deveria adotá-la também. A princípio chamamos esses amigos adultos de 'patrocinadores', a fim de evitar uma confusão com respeito à prática cristã. Mas reconsiderando o assunto posteriormente, percebemos que 'patrocinador' era uma palavra fria e que não havia motivo algum para que 'padrinho' e 'madrinha' (desde que *god* abarcasse *goddess*)* não servissem a bruxas e bruxos tanto como servem a cristãos. Afinal de contas, consideradas as diferenças de crença (e Deus sabe quanto os cristãos diferem entre si), inclusive a diferença de postura que já mencionamos, a função é a mesma.

Os padrinhos não têm de ser eles mesmos necessariamente bruxos, o que cabe aos pais decidir. Mas precisam, ao menos, simpatizar com a intenção do ritual e tê-lo lido integralmente de antemão, para assegurar que possam fazer as necessárias promessas com toda sinceridade (o mesmo se aplica, afinal, a bruxos e bruxas convidados por amigos cristãos para serem padrinhos num batismo cristão).

Se a Grã Sacerdotisa e/ou o Grão Sacerdote se prestam eles próprios a serem padrinhos, farão as promessas um ao outro nos momentos apropriados, durante o ritual.

Há uma história ligada a este nosso ritual que é tanto engraçada quanto triste. Nós o escrevemos em 1971 e demos uma cópia a um amigo Grão Sacerdote, que achamos gostaria de tê-lo. Alguns anos depois um amigo bruxo americano nos visitou e aconteceu de descrevermos para ele nosso ritual de *wiccaning* durante a conversa. Ele riu e disse: "Mas eu já li este ritual. Na última vez que estive em Londres, o Sr. "X" o mostrou a mim. Disse-me que o havia obtido de uma fonte tradicional muito antiga.

Através de tal irresponsabilidade, histórias apócrifas são lançadas e elas não beneficiam *Wicca* em absoluto. Desde então aprimoramos ligeiramente o ritual à luz da experiência – e será que, com isso, pessoas que conhecem o original irão nos acusar agora de 'adulterar a tradição'? Poderia acontecer!

Seguindo os padrões *wiccanianos*, sugerimos que o Grão Sacerdote presidisse o ritual *wiccaning* de uma menina e a Grã Sacerdotisa o de um menino. A fim de evitar repetições, fornecemos o ritual para uma menina integralmente, apenas indicando as diferenças para a criança do sexo masculino.

* Padrinho, em inglês, é godfather; madrinha é godmother. (n.t.)

A Preparação

Se os membros do *coven* normalmente atuarem despidos, a decisão se assim participarão do ritual ou se o farão vestidos caberá aos pais da criança. Num caso ou noutro, a Grã Sacerdotisa usará símbolos da Lua, e o Grão Sacerdote símbolos do Sol.

O *círculo* é marcado com flores e folhas verdes e o caldeirão colocado no centro, preenchido com as mesmas flores e folhas e talvez também de frutos. Coloca-se à disposição, no altar, óleo de consagração. Somente incenso muito leve deve ser usado – preferivelmente sob forma de bastão. Os presentes para a criança são postos ao lado do altar, bem como o alimento e as bebidas para uma pequena festa no *círculo*, depois do ritual.

Os pais devem escolher antecipadamente um 'nome oculto' para a criança (isto é, em grande parte, para o próprio benefício da criança; crescendo numa família de bruxos, ele ou ela quase certamente apreciará ter um 'nome de bruxo ou bruxa' particular tal como têm mamãe e papai – e se não for o caso, poderá ser discretamente esquecido até que e a menos que seu detentor queira usá-lo novamente).

O Ritual para uma menina

Ritual de Abertura é realizado normalmente até o fim da invocação do "Grande Deus Cernunnos", exceto pelo fato de que todos, inclusive os pais e a criança, se colocam no *círculo* antes do traçado, sentados num semicírculo próximos do caldeirão e olhando para o altar – cedendo lugar à Grã Sacerdotisa, para que esta trace o *círculo* em torno deles. Somente a Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote ficam de pé para conduzir o *Ritual de Abertura.*

Para reduzir movimento excessivo, que poderia amedrontar a criança, a Grã Sacerdotisa traça o *círculo* com seu *athame*, e não com a espada, e ninguém se move com ela, ou imita seus gestos quando ela invoca os *Senhores das Atalaias.* Ela e o Grão Sacerdote carregam os elementos em torno.

Após a invocação do "Grande deus Cernunnos", a Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote consagram o vinho. Não o experimentam, mas colocam o cálice no altar.

O Grão Sacerdote, em seguida, posta-se diante do altar, encarando o caldeirão. A Grã Sacerdotisa fica pronta para entregar-lhe o óleo, o vinho e a água.

O Grão Sacerdote diz:

"Estamos reunidos neste Círculo para pedir a bênção do poderoso Deus e da gentil Deusa para _____, a filha de _____ e _____, de modo que ela possa crescer em beleza e força, em alegria e sabedoria. Há muitas sendas, e cada um tem de encontrar a sua, e portanto não buscamos ligar _____ à nenhuma senda, enquanto ela é ainda demasiado jovem para escolher. Preferimos pedir ao Deus e à Deusa, que conhecem todas as sendas e aos quais todas as sendas conduzem, para abençoá-la, protegê-la e prepará-la ao longo dos anos de sua infância, de sorte que, quando finalmente for verdadeiramente adulta, saiba ela sem alimentar dúvidas ou medo qual sua senda e passe a trilhá-la com contentamento.

"_____, mãe de _____, adianta-te com ela para que possa ser abençoada."

O pai ajuda a mãe a se levantar e ambos levam a criança ao Grão Sacerdote, que a toma em seus braços (firmemente, caso contrário ela se sentirá insegura – muitos padres cometem este erro !). Ele pergunta:

"_____, mãe de _____, possui esta tua criança também um nome oculto?"

A mãe responde:

"Seu nome oculto é _____."

O Grão Sacerdote, então, unta a criança na testa com óleo, fazendo a marca de um pentagrama e dizendo:

"Eu unto a ti, _____ (nome comum), *com óleo e te dou o nome oculto de _____."*

Ele repete a ação com o vinho, dizendo:

"Eu unto a ti, _____ (nome oculto), *com vinho em nome do poderoso Deus Cernunnos."*

Repete a ação com a água, dizendo:

"Eu unto a ti, _____ (nome oculto), *com água em nome da gentil Deusa Aradia."*

O Grão Sacerdote devolve a criança à sua mãe e, então, conduz os pais e a criança a cada uma das *atalaias*, dizendo:

"Vós Senhores das Atalaias do Leste (Sul, Oeste, Norte), com efeito apresentamos ante vós _____, cujo nome oculto é _____, e que foi devidamente ungida dentro do Círculo de Wicca. Escutai, portanto, que ela se acha sob a proteção de Cernunnos e Aradia."

O Grão Sacerdote e a Grã Sacerdotisa tomam seus lugares voltados para o altar, com os pais e a criança entre eles. Erguem seus braços e invocam cada um por sua vez:

O Grão Sacerdote: *"Poderoso Cernunnos, concede a esta criança o dom da força."*

A Grã Sacerdotisa: *"Gentil Aradia, concede a esta criança o dom da beleza."*

O Grã Sacerdote: *"Poderoso Cernunnos, concede a esta criança o dom da sabedoria."*

A Grã Sacerdotisa: *"Gentil Aradia, concede a esta criança o dom do amor."*

O Grão Sacerdote, a Grã Sacerdotisa e os pais se voltam para encarar o centro do *círculo*, e o Grão Sacerdote então pergunta:

"Há duas pessoas no Círculo que se apresentariam como padrinhos de _____?"

(Se ele, o Grão Sacerdote, e a Grã Sacerdotisa estão se apresentando como padrinhos, ele perguntará, em lugar disso, o seguinte: *"Há alguém no Círculo que se apresentará comigo, como padrinhos de _____?"* e a Grã Sacerdotisa responderá: *"Eu me juntarei a vós."* Em seguida eles olharão um para outro e trocarão as perguntas e promessas).

Os padrinhos deverão se adiantar e ficar de pé, a madrinha encarando o Grão Sacerdote e o padrinho encarando a Grã Sacerdotisa.

O Grão Sacerdote pergunta à madrinha:

"Tu, _____, prometes ser uma amiga de _____ ao longo de sua infância, no sentido de ajudá-la e guiá-la da maneira que ela necessitar; e de acordo com seus pais por ela zelar e amá-la como se fosse de teu próprio sangue, até que pela graça de Cernunnos e Aradia ela esteja pronta para escolher sua própria senda?"

A madrinha responde:

"Eu, _____, assim o prometo."

A Grã Sacerdotisa pergunta ao padrinho:

"Tu, _____, prometes..." etc., como acima.

O padrinho responde:

"Eu, _____, assim prometo."

O Grão Sacerdote diz:

"O Deus e a Deusa a abençoaram;
Os Senhores das Atalaias a reconheceram;
Nós seus amigos lhe demos as boas vindas;
Portanto, ó Círculo das Estrelas,
Brilha em paz sobre _____,
Cujo nome oculto é _____.
Que assim seja."

Todos dizem:

"Que assim seja."

O Grão Sacerdote diz:

"Que todos se sentem dentro do Círculo."

Todos se sentam, exceto o Grão Sacerdote e a Grã Sacerdotisa, que experimentam e passam por todos o vinho já consagrado da maneira usual e então consagram e passam a todos os bolos da maneira usual.

A seguir, buscam os presentes, o alimento e as bebidas da festa e se sentam com os outros, daqui em diante passando-se para o informal.

O Ritual para uma criança do sexo masculino

A diferença básica caso a criança seja um menino é que o Grão Sacerdote e a Grã Sacerdotisa trocam suas funções. Ela realiza o enunciado de abertura e executa a unção, o Grão Sacerdote lhe entrega o óleo, o vinho e a água. Ela apresenta a criança às *atalaias.*

A invocação ao Deus e à Deusa por seus dons de força, beleza, sabedoria e amor, entretanto, é feita exatamente como a feita para a menina, e na mesma ordem.

A Grã Sacerdotisa convoca os padrinhos para que se apresentem e toma a promessa do padrinho; o Grão Sacerdote toma então a promessa da madrinha.

A Grã Sacerdotisa pronuncia a bênção final.

XIII Handfasting*

O *handfasting* é o casamento de feiticeiros e feiticeiras. Stewart o explicou com certos detalhes no capítulo XV de *What Witches Do*, de modo que não vamos repetir tal explicação aqui. Todas as versões largamente diferentes do ritual de *handfasting* que examinamos (inclusive a esboçada em *What Witches Do*) foram concebidas recentemente e são uma mistura de fragmentos da tradição (tais como pular a vassoura) com as idéias dos próprios autores das mesmas. Pelo que sabemos, não existe impresso nenhum ritual de *handfasting* detalhado e provavelmente antigo. Assim, quando nos

* Literalmente, *atar de mãos*, uma representação ou símbolo de união; o *handfasting* é o ritual de casamento de bruxos e bruxas.

pediram para dirigir um *handfasting* para dois dos membros de nosso *coven*, decidimos que nós também escreveríamos o nosso, visto que todos que conhecíamos não nos satisfaziam em absoluto.

Como muitos outros bruxos e ocultistas, achamos o inesquecível romance de Dion Fortune, *The Sea Priestess* (*A Sacerdotisa do Mar*, Aquarian Press, Londres, 1957) uma mina de ouro no que diz respeito a material para a elaboração de rituais e fomos beneficiados pelos resultados. Conseqüentemente, para o *handfasting* de nossos amigos, incorporamos algumas das palavras da Sacerdotisa da Lua dirigidas a Molly, no capítulo XXX de *The Sea Priestess*;[1] sentimos como se tais palavras tivessem quase que sido escritas para essa finalidade. Tratam-se das quatro citações abaixo de *"A Afrodite dourada não vem como a virgem..."* até *"...tornam-se a substância do sacramento"*. Nossa única alteração do original foi a substituição de *noiva* por *sacerdotisa* num determinado ponto, o que nos pareceu um melhoramento legítimo para um ritual de *handfasting*.

Esses trechos são aqui incluídos mediante a amável permissão da *Society of the Inner Light*, que detém o *copyright* das obras de Dion Fortune. A responsabilidade pelo contexto no qual foram utilizados é, naturalmente, inteiramente nossa e não da *sociedade*. Tendemos a pensar que, se a falecida Srta. Fortune pudesse estar presente, teríamos a sua bênção.

Um outro ponto: na apresentação dos símbolos dos elementos atribuímos o *bastão* ao ar e a *espada* ao fogo (ver foto 18). Esta é a tradição que nós seguimos, mas outros atribuem o *bastão* ao *fogo* e a *espada* ao ar. A atribuição bastão/fogo, espada/ar foi um deliberado 'anteparo' perpetrado pela antiga *Golden Dawn*, que infelizmente ainda não morreu de uma morte natural; parece-nos contrário à óbvia natureza dos instrumentos envolvidos. Entretanto, muitas pessoas foram levadas a crer que o 'anteparo' era a tradição genuína, de maneira que agora, para elas, isso está bem. Assim sendo, deverão, é claro, corrigir as palavras da apresentação em conformidade com sua crença.

A Preparação

O *círculo* é delineado e o altar decorado com flores. Deixa-se, contudo, um portal no nordeste do *círculo*, com flores disponíveis para fechá-la. A vassoura é mantida à disposição ao lado do altar. O caldeirão, cheio de flores, é disposto junto à vela do oeste – o oeste representando a água, o elemento do amor.

[1] Capítulo XIVda edição em brochura (Star, London, 1976).

O Ritual

O *Ritual de Abertura* é realizado normalmente, exceto pelo fato de (a) a noiva e o noivo permanecerem fora do portal, que não é fechado ainda, e (b) a *Exortação* ainda não ser apresentada.

Depois da invocação ao *"Grande Deus Cernunnos"*, a Grã Sacerdotisa introduz o noivo, e o Grão Sacerdote a noiva, cada um com um beijo. O Grão Sacerdote fecha então o portal com flores e a Grã Sacerdotisa o fecha ritualmente com a espada ou o *athame*.

A Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote permanecem com suas costas voltadas para o altar. O noivo encara a Grã Sacerdotisa e a noiva o Grão Sacerdote no centro do *círculo*.

A Grã Sacerdotisa pergunta:

"Quem vem se reunir na presença da Deusa? Qual é teu nome, Homem?"

O noivo responde:

"Meu nome é _____."

O Grão Sacerdote pergunta:

"Quem vem se reunir na presença do Deus? Qual é teu nome, Mulher?"

A noiva responde:

"Meu nome é _____."

A Grã Sacerdotisa diz:

"_____ e _____, nós vos saudamos com alegria."

Os membros do *coven* circulam ao redor da noiva e do noivo, entoando a *Runa das Feiticeiras*. Em seguida, todos retomam seus lugares.

A Grã Sacerdotisa diz:

"Unidade é equilíbrio, e equilíbrio é unidade. Escutai, então, e compreendei."

Ela pega o bastão e prossegue:

"O bastão que eu seguro é o símbolo do Ar. Sabei e lembrai que este é o elemento da Vida, da inteligência, da inspiração que nos impulsiona. Por este bastão do Ar, nós trazemos a vosso handfasting o poder da Mente."

Ela depõe o bastão. O Grão Sacerdote apanha a espada e diz:

"A espada que eu seguro é o símbolo do Fogo. Sabei e lembrai que este é o elemento da Luz, da energia, do vigor que flui através de nossas veias. Por esta espada do Fogo, nós trazemos a vosso handfasting o poder da Vontade."

Ele depõe a espada. A Grã Sacerdotisa apanha o cálice e diz:

"O cálice que eu seguro é o símbolo da Água. Sabei e lembrai que este é o elemento do Amor, do crescimento, da fertilidade da Grande Mãe. Por este cálice de Água, nós trazemos a vosso handfasting o poder do Desejo."

Ela depõe o cálice. O Grão Sacerdote toma o pentáculo e diz:

"O pentáculo que eu seguro é o símbolo da Terra. Sabei e lembrai que este é o elemento da Lei, da resistência, do entendimento que não pode ser abalado. Por este pentáculo da Terra, nós trazemos a vosso handfasting o poder Firmeza."

Ele depõe o pentáculo e continua:

"Ouvi as palavras da Grande Mãe..." etc., introduzindo a Exortação.

A Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote proferem a Exortação da maneira usual. Finda esta, o Grão Sacerdote diz:

"A Afrodite dourada não vem como a virgem, a vítima, mas como a Despertadora, a Desejosa. Como espaço exterior ela chama e o Todo-Pai principia a cortejá-la. Ela O desperta para o desejo e os mundos são criados. Quão poderosa ela é, a dourada Afrodite, a despertadora da virilidade!"

A Grã Sacerdotisa diz:

"Mas todas estas coisas são uma coisa. Todas as deusas são uma deusa e nós a chamamos de Ísis, a Toda-Mulher, em cuja natureza todas as coisas naturais são encontradas; virgem e desejosa por sua vez; doadora da vida e introdutora da morte. Ela é a causa de toda a criação, pois desperta o desejo do Todo-Pai e por causa dela Ele cria. Do mesmo modo, os sábios chamam a todas as mulheres, Ísis."

O Grão Sacerdote diz:

"No rosto de toda mulher que o homem procure as feições da Grande Deusa, observando as fases dela através do fluxo e retorno das marés às quais a alma dele responde, atento ao chamado dela."

A Grã Sacerdotisa diz:

"Ó filha de Ísis, adora a Deusa, e em seu nome dá a chamada que desperta e regozija. Assim serás abençoada da Deusa e viverás com a plenitude da vida. Que a Noiva anuncie a Deusa àquele que a ama. Que ela assuma a coroa do mundo subterrâneo. Que ela surja toda gloriosa e dourada do mar do primordial e o convoque a manifestar-se, a vir até ela. Que ela faça estas coisas em nome da Deusa, e ela se equiparará à Deusa em relação a ele, pois a Deusa falará através dela. Toda poderosa será ela no seu Interior, como Perséfone coroada; e toda-poderosa no seu Exterior, como a dourada Afrodite.[2] *Assim será ela uma sacerdotisa nos olhos do*

[2] Não podemos nos furtar a perceber aqui uma crença que ainda persiste no oeste propenso a temporais da Irlanda – que uma noiva recém casada detém o poder de acalmar uma tormenta no mar. Como um vizinho (vivendo, como nós, a uma milha do Atlântico) nos disse: "Acredito que possa haver alguma verdade nisso. Uma noiva conta com uma certa benção em torno de si."

venerador da Deusa, o qual por sua fé e dedicação encontrará a Deusa nela, pois o rito de Ísis é vida e aquilo que é feito como um rito se anunciará na vida. Pelo rito é a Deusa arrojada aos seus veneradores; seus poderes neles entram e eles se tornam a substância do sacramento."

O Grã Sacerdote diz à noiva:

"Diz depois de mim: 'Pela semente e a raiz, pelo botão e o talo, pela folha, a flor e o fruto, pela vida e o amor em nome da Deusa, Eu, ______, tomo a ti, ______, para minha mão, meu coração e meu espírito, ao por do sol e ao nascer das estrelas[3]*. Nem a morte nos separará, pois, na plenitude do tempo, renasceremos no mesmo tempo e no mesmo lugar um para o outro; e nos encontraremos, nos conheceremos e nos lembraremos, e amaremos novamente.'"*

A noiva repete cada frase depois do Grão Sacerdote, tomando a mão direita do noivo em sua própria mão direita, à medida que ele fala.

A Grã Sacerdotisa diz ao noivo:

"Diz depois de mim: 'Pela semente e a raiz, pelo botão e o talo...'" etc., como é dito acima.

O noivo repete cada frase depois da Grã Sacerdotisa, segurando a mão direita da noiva na sua.

Se o casal quiser trocar alianças, isto é feito agora.

O Grão Sacerdote diz:

"Que o Sol e a Lua e as estrelas, e estes nossos irmãos e irmãs dêem testemunho; que ______ e ______ tenham sido unidos à visão do Deus e da Deusa. E que possam o Deus e a Deusa abençoá-los, como nós o fazemos."

Todos dizem:

"Que assim seja!"

A Grã Sacerdotisa pega a vassoura e a deposita no chão diante do casal, que salta sobre ela de mãos dadas. A Grã Sacerdotisa, então, apanha a vassoura e, ritualmente, varre o *círculo*, eliminando todas as más influências.

O casal representa agora o *Grande Rito* e cabe inteiramente a eles decidir se este será simbólico ou real. No caso de ser real, a Grã Sacerdotisa, em lugar da *Donzela* (como é usual) conduz os membros do *coven* para fora do aposento.

[3] A seu critério, o casal pode encerrar seu compromisso aqui, omitindo a última sentença de *"Nem a morte nos separará..."* se ainda não vislumbram seu caminho como o compromisso de almas-gêmeas, que não deve jamais ser assumido sem meticulosa reflexão (ver *What Witches Do*, capítulo XV). A Igreja Mórmon, a propósito, dispõe da mesma cláusula – os mórmons contam com duas formas de casamento: um por toda a vida e o outro (chamado de Ida ao Templo") por toda a eternidade. Cerca de 50% das pessoas optam por essa última forma.

Depois do Grande Rito, o casal consagra o vinho e os bolos (ou somente os bolos, se o Grande Rito tiver sido simbólico, caso em que o vinho já terá sido consagrado). O que se sucede então passa a ser informal.

Se a festa incluir um bolo de *handfasting*, segundo a tradição, tratar-se-á da única ocasião na qual a espada ritual do *coven* poderá ser usada para efetivamente cortar o bolo.

XIV Requiem

A primeira vez que perdemos um membro do *coven* por meio da morte, utilizamos o *requiem* que se segue. É claro que 'perdemos' é uma palavra inadequada; a contribuição que ela proporcionou à construção da mentalidade de nosso grupo permaneceu e em nossas encarnações vindouras pode bem ser que nos reunamos novamente. Mas o término de um capítulo necessita ser reconhecido e absorvido, e a premência de dizer *au revoir* com amor e dignidade tem sido universal desde que o homem de *Neanderthal* depositava seus mortos para o repouso num leito de flores.

Dois temas simbólicos nos pareciam exprimir o que desejávamos dizer. O primeiro era a espiral, a qual desde a alvorada do ritual representou os processos paralelos da morte/renascimento e iniciação/renascimento;

volvendo nosso caminho de volta à fonte, o útero universal, a Grande Mãe, as profundezas do inconsciente coletivo – encontrando a Mãe Escura face à face e sabendo que ela é também a Mãe Luminosa – e então volvendo o caminho para fora a partir desse encontro rejuvenescidos e transformados. Essa espiral interiorizante e exteriorizante naturalmente assumiu a forma de uma dança e a espiral interiorizante pareceu, de novo, exigir aquele raro uso de um movimento anti-horário, empregado no ritual *wiccaniano* somente quando tem um propósito simbólico preciso (como nos nossos rituais do *equinócio do outono* e *Samhain*). Seguir-se-ia, naturalmente, de um movimento horário para a espiral exteriorizante.

O outro tema é o do cordão de prata. Uma vez ou outra as pessoas que experimentaram a projeção astral têm falado do cordão de prata que viram se compondo e infinitamente extensível entre os corpos astral e físico. Por ocasião da morte física, afirmam todas as tradições, esse cordão é rompido. Trata-se de um processo natural, o primeiro estágio da remoção da *individualidade* imortal do corpo físico, do corpo astral inferior e superior e do corpo mental inferior da *personalidade,* que a alojaram durante uma encarnação. Qualquer bloqueio ou interrupção dessa remoção é uma falha que se manifesta como anormalidade; pode ser causada por alguma obsessão, o que explica muitas 'assombrações'. Na maioria dos casos (e certamente, achamos, no caso de nossa amiga) não ocorre tal retardamento inconveniente. Mas mesmo que nenhuma ajuda seja necessária no sentido de suavizar a remoção, simbolizá-la no rito revela-se apropriado.

É conforme também à tradição que as belas palavras do *Eclesiastes*, xxi, 6 – 7, se refiram a esse processo, de sorte que as usamos em nosso *Requiem*, substituindo *Deus* por *Deusa*, o que, em vista de nossa declarada filosofia, esperamos que não ofenda ninguém.

A segunda parte do ritual é a representação da *Lenda* da *Descida da Deusa ao Mundo Subterrâneo*, que aparece no *Book of Shadows* como uma espécie de epílogo ao ritual de iniciação do segundo grau. Onde Gardner o obteve nem mesmo Doreen Valiente o sabe. "Não tive nada a ver com a redação disso...", disse-nos. "Se o velho Gerald o escreveu ele mesmo ou o herdou, ignoro. Desconfio um pouco tanto de uma coisa quanto de outra, quer dizer, que tenha herdado o esboço geral e depois redigido com suas próprias palavras. É, como vocês dizem, uma versão da história de Ishtar e lendas similares, e se relaciona ao ritual de iniciação de maneiras óbvias."

Iniciação e renascimento são processos estreitamente paralelos e, por conseguinte, julgamos que a *lenda* enriquecia nosso *Requiem* como o enriquece também o rito do segundo grau. As palavras faladas da *lenda* são dadas em *What Witches Do* e (sob forma ligeiramente mais curta) em

Witchcraft Today, de Gardner, mas nós as repetimos – para sermos completos – intercaladas com os movimentos apropriados, os quais o *Book of Shadows* deixa por conta da imaginação. Se a *lenda* for representada com absoluta freqüência – e não há necessidade de confiná-la à iniciação de segundo grau – achamos que é fácil e que vale a pena aprendê-los. A fim de extrair o máximo da *lenda*, é até melhor que os três atores aprendam de cor as suas partes de diálogo e as falem eles mesmos, em lugar de deixarem toda a fala para o narrador, como fizemos abaixo. Mas se não as souberem de cor, é preferível deixá-las para o narrador, pois, se os três atores carregarem livros em suas mãos, todo o efeito será arruinado.

Finalmente, a Grã Sacerdotisa anuncia a festa do amor, com uma despedida final à amiga morta.

Gostaríamos de fazer um comentário sobre o rito tal como o experimentamos pela primeira vez. O momento da quebra da tigela exerceu um impacto inesperado sobre todos nós. Foi como se ecoasse em todos os planos imediatamente. Nosso membro mais jovem ofegou alto e todos nós experimentamos um estado semelhante ao dele. Um cético poderia declarar que o som agudo da quebra, carregado de simbolismo como o fora, teria produzido um choque psicológico; mas mesmo se isso tivesse sido tudo, ainda seria válido – concentrando nossa percepção grupal do significado do que estávamos fazendo num instante intenso e simultâneo.

Encerrado o ritual, sentimos uma serena felicidade que nenhum de nós tinha conhecido desde que nossa amiga adoecera. Raro ficarmos a tal ponto cientes de um tal sucesso e de tal repercussão majestosa, que ia bem além dos limites de nosso *círculo*.

Em todo o texto que se segue empregamos o pronome 'ela' por uma questão de simplicidade. Se o *Requiem* for usado para um homem, pode-se achar apropriado trocar os papéis do Grão Sacerdote e da Grã Sacerdotisa na primeira parte do ritual, até a *lenda*. Como sempre, é uma questão daquilo que se afigura certo para o *coven* envolvido.

A Preparação

A decoração do *círculo* e do altar para um *Requiem* será, neste caso, uma questão de gosto pessoal, dependendo das circunstâncias, da época do ano e do caráter do amigo que está sendo lembrado, bem como das associações com ele feitas.

Deposita-se ao lado do altar uma pequena tigela de louça (um caneco ou xícara com asa é o mais adequado) com um cordel prateado a ela atado; é preciso dispor também de um martelo para quebrar o pequeno recipiente e um pano para embrulhá-lo.

Para a *Lenda da Descida da Deusa* deve-se deixar à disposição, próximos do altar, para a Deusa, jóias e um véu, bem como uma coroa para o *Senhor do Mundo Subterrâneo*. Também à disposição sobre o altar deve haver um colar.

O Ritual

O ritual de abertura deve ser realizado como sempre até o fim da invocação do *"Grande Deus Cernunnos"*. A Grã Sacerdotisa e o Grão Sacerdote, em seguida, encaram os membros do *coven* de diante do altar.

A Grã Sacerdotisa diz:

"Nós nos reunimos hoje em meio à tristeza e alegria. Estamos tristes porque um capítulo se encerrou e, no entanto, estamos jubilosos porque, com o encerramento, um novo capítulo pode começar.

"Nós nos reunimos para marcar o passamento de nossa amada irmã, ______, para quem esta encarnação findou. Estamos reunidos para confiá-la ao zelo da bênção do Deus e da Deusa, para que ela possa repousar, isenta de ilusão ou tristeza até que advenha o tempo de seu renascimento neste mundo. E sabendo que isso assim será, sabemos também que a tristeza não é nada e que o júbilo é tudo."

O Grão Sacerdote permanece em seu lugar e a Grã Sacerdotisa conduz o *coven* numa dança em espiral, lentamente fechando o círculo num sentido anti-horário, mas não o fechando de maneira demasiada.

O Grão Sacerdote diz:

"Nós te convocamos, Ama, Mãe sombria e estéril, tu para quem toda a vida manifesta cumpre retornar advindo seu tempo; Mãe sombria da tranqüilidade e do repouso, ante quem os homens tremem porque falta-lhes a compreensão de ti. Nós te convocamos, que és também Hécate da Lua minguante, Senhora sombria da sabedoria, que os homens temem porque tua sabedoria se eleva acima da deles. Nós, os filhos ocultos da Deusa, sabemos que nada há a temer em teu abraço, do qual ninguém escapa; que quando entrarmos em tua escuridão, como devem todos, será como entrar novamente na luz. Assim, com amor e sem temor, confiamos a ti ______, nossa irmã. Toma-a, protege-a, norteia-a; admita-a à paz de Summerlands, que se encontram entre a vida e a vida. E sabe, como sabes todas as coisas, que nosso amor com ela vai."

O Grão Sacerdote apanha a tigela, o cordel, o martelo e o pano. A dança cessa e os membros do *coven* se afastam, a fim de admitir o Grão Sacerdote ao centro da espiral, onde ele deposita o pano sobre o chão e a tigela sobre o pano. Em seguida, entrega a extremidade livre do cordel à *Donzela*.

A Grã Sacerdotisa diz:

"Solte-se o cordel prateado, ou se quebre a tigela dourada, ou se quebre o cântaro na fonte, ou se quebre a roda na cisterna e então o pó retornará à Terra como era, e o espírito retornará à Deusa que o concedeu."

O Grão Sacerdote desata o cordel prateado e a *Donzela* o colhe. O Grão Sacerdote embrulha então a tigela com o pano e a quebra com o martelo. A seguir recoloca o pano dobrado com os fragmentos da tigela e o martelo ao lado do altar. O *coven* retorna, fechando novamente o círculo.

A *Donzela* carrega o cordel prateado e durante a invocação que se segue, movendo-se em sentido horário em torno do *círculo*, o oferece primeiramente aos *Senhores das Atalaias do Oeste* (os Senhores da Morte e da Iniciação), depois aos *Senhores das Atalaias do Leste* (os Senhores do Renascimento). Em seguida, ela deposita o cordel no chão diante da vela do leste e se reúne ao Grão Sacerdote, junto ao altar (movendo-se sempre em sentido horário). Enquanto isso, a Grã Sacerdotisa dirige novamente a dança, repetindo o movimento de volta em sentido horário, a fim de desfazer a espiral até que se torne mais uma vez um círculo completo, continuando a se mover em sentido horário.

Logo depois de recolocar o pano e o martelo ao lado do altar, o Grão Sacerdote encara o *coven* e diz:

"Nós te convocamos, Aima, Mãe luminosa e fértil, tu que és o útero do renascimento, de quem toda vida manifesta procede e em cujo seio que jorra todos são nutridos. Nós te convocamos, que és também Perséfone da Lua crescente, Senhora da Primavera e de todas as coisas novas. A ti confiamos ______, nossa irmã. Toma-a, protege-a, norteia-a; a conduz na plenitude do tempo a um novo nascimento e uma nova vida. E concede que, nessa nova vida, ela possa ser amada novamente, como nós, seus irmãos e irmãs, a amamos."

O Grão Sacerdote e a *Donzela* juntam-se novamente ao *coven*, que desenvolve um movimento circular, e a Grã Sacerdotisa inicia a *Runa das Feiticeiras*, os demais se unindo a ela. Finda a runa, a Grã Sacerdotisa ordena *"ao chão"* e os membros do *coven* se sentam, formando um círculo, olhando para o interior deste.

A Grã Sacerdotisa, então, atribui papéis para a *Lenda da Descida da Deusa ao Mundo Subterrâneo:* o narrador, a Deusa, o Senhor do Mundo Subterrâneo e o Guardião dos Portais. A Deusa é adornada com jóias, coberta com véu e fica na borda do *círculo* no sudeste. O Senhor do Mundo Subterrâneo coloca sua coroa, toma a espada e permanece com suas costas para o altar. O Guardião dos Portais toma seu *athame* e o cordel vermelho e fica de pé encarando a Deusa.

O narrador diz:

"Nos tempos antigos, nosso Senhor, o Cornudo, era (e ainda é) o Consolador, o Confortador. Mas os homens o conheciam como o terrível Senhor das Sombras, solitário, inflexível e justo. Mas nossa Senhora, a Deusa resolveria todos os mistérios, até mesmo o mistério da morte; e assim ela viajou ao Mundo Subterrâneo. O Guardião dos Portais a desafiou..."

O Guardião dos Portais desafia a deusa com seu *athame.*

"...Tira tuas vestes, põe de lado tuas jóias pois nada tu podes trazer contigo ao interior desta nossa terra."[1]

A deusa retira seu véu e as jóias. Nada deve permanecer sobre seu corpo (se o *Requiem* é realizado com os participantes vestidos, somente o manto simples dela deve permanecer sobre seu corpo). O Guardião então a prende com o cordel vermelho à maneira da iniciação de primeiro grau, com o centro do cordel em torno da frente do pescoço dela e as extremidades passando por seus ombros indo atar seus pulsos por trás de sua cintura.

"Assim ela se despojou de suas vestes e de suas jóias, e foi amarrada, como todos os vivos que buscam ingressar nos domínios da Morte, a Poderosa, têm que ser."

O Guardião dos Portais conduz a deusa perante o Senhor do Mundo Subterrâneo e, depois, se afasta para um lado.

"Tal era a beleza dela que a própria Morte se ajoelhou e depositou sua espada e coroa aos seus pés..."

O Senhor do Mundo Subterrâneo se ajoelha ante a Deusa (ver foto 20), deposita sua espada e sua coroa no chão a cada lado dela, e em seguida beija os pés direito e esquerdo dela.

"...e beijou seus pés, dizendo: 'Abençoados sejam teus pés que te trouxeram por estes caminhos. Permanece comigo, mas deixa que eu ponha minhas mãos frias sobre teu coração.'"

O Senhor do Mundo Subterrâneo ergue suas mãos, com as palmas para a frente e as retém a algumas polegadas do coração da Deusa.

"E ela respondeu: 'Eu não te amo. Por que fazes todas as coisas que amo e nas quais me comprazo fenecerem e morrerem?'"

O Senhor do Mundo Subterrâneo estende seus braços para baixo, com as palmas das mãos para a frente.

"'Senhora...' – respondeu a Morte – 'trata-se da idade e da fatalidade, contra os quais sou impotente. A idade, o envelhecimento leva todas as

[1] Visto que todas as palavras da *Lenda* são pronunciadas pelo narrador, não repetimos "O narrador diz" a cada vez. Se os três atores forem capazes de falar, de cor, as próprias falas, tanto melhor.

coisas a definharem; mas, quando os homens morrem ao desfecho de seu tempo, concedo-lhes repouso, paz e força para que possam retornar. Mas tu, tu és linda. Não retornes, permanece comigo.' Mas ela respondeu: 'Eu não te amo.'"

O Senhor do Mundo Subterrâneo se levanta, vai até o altar e pega o açoite. Volta-se para encarar a deusa.

"E então disse a Morte: 'Se não recebes minhas mãos sobre teu corarção, tens que te curvar ao açoite da Morte.' 'É a fatalidade – melhor assim...' – ela disse e se ajoelhou. E a Morte a açoitou brandamente."

A Deusa se ajoelha encarando o altar. O Senhor do Mundo Subterrâneo aplica-lhe de maneira muito branda três, sete, nove e vinte e um golpes do açoite.

"E ela bradou: 'Eu conheço as aflições do amor.'"

O Senhor do Mundo Subterrâneo recoloca o açoite no altar, ajuda a deusa a levantar-se e se ajoelha, encarando-a.

"E a Morte a ergueu e disse: 'Sejas abençoada.' E lhe deu o Beijo Quíntuplo, dizendo: 'Assim apenas podes atingir a alegria e o conhecimento.'"

O Senhor do Mundo Subterrâneo dá na Deusa o *beijo quíntuplo* (mas sem as usuais palavras faladas). Em seguida, desamarra os pulsos dela, depositando o cordel no chão.

"E ele a ela ensina todos os seus mistérios e lhe dá o colar que é o círculo do renascimento."

O Senhor do Mundo Subterrâneo pega o colar no altar e o coloca em torno do pescoço da Deusa. A Deusa, então, toma a coroa e a recoloca na cabeça do Senhor do Mundo Subterrâneo.

"E ela ensina a ele o mistério da taça sagrada, que é o caldeirão do renascimento."

O Senhor do Mundo Subterrâneo move-se diante do altar, no extremo leste deste, e a Deusa move-se diante do altar, no extremo oeste deste. A Deusa toma o cálice em ambas as mãos, eles se entreolham, e ele coloca ambas as mãos nas dela.

"Eles amaram e se tornaram um, pois há três grandes mistérios na vida do homem, e a magia os controla a todos. Para realizar o amor, tendes que retornar novamente no mesmo tempo e no mesmo lugar daqueles que são os amados; e tendes que encontrá-los, conhecê-los, lembrá-los e amá-los de novo."

O Senhor do Mundo Subterrâneo solta as mãos da Deusa e esta recoloca o cálice no altar. Ele toma o açoite em sua mão esquerda e a espada em sua mão direita e fica na *posição do Deus*, antebraços cruzados sobre o

peito, espada e a açoite apontados para cima, com suas costas para o altar. Ela fica ao lado dele na *posição da Deusa*, pernas escarranchadas e braços estendidos formando o *pentagrama*.

"Mas para renascer, tendes que morrer e ser preparado para um novo corpo. E para morrer tendes que nascer, e sem amor não podes nascer. E nossa Deusa sempre se inclina para o amor, e o júbilo, e a ventura; e ela protege e acaricia suas crianças ocultas na vida, e na morte ministra o caminho da comunhão com ela; e mesmo neste mundo ela lhes ensina o mistério do Círculo Mágico, que é disposto entre os mundos dos homens e dos Deuses."

O Senhor do Mundo Subterrâneo recoloca o açoite, a espada e a coroa sobre o altar ou junto deste. Isto completa a *Lenda*, e os atores se juntam de novo aos demais membros do *coven*.

A Grã Sacerdotisa diz:

"Que participemos agora, como a Deusa nos ensinou, da festa de amor do vinho e dos bolos; e à medida que o fazemos, que nos lembremos de nossa irmã _______, com a qual nós tão amiúde compartilhamos tal festa.[2] *E mediante esta comunhão, nós colocamos amorosamente nossa irmã nas mãos da Deusa."*

Todos dizem:

"Que assim seja."

O vinho e os bolos são consagrados e passados por todos.

O mais cedo possível, após o *Requiem*, os fragmentos da tigela deverão ser ritualmente arremessados num arroio ou rio, com a tradicional ordem: "Retorna aos elementos dos quais vieste."[3]

---

[2] Naturalmente a frase "...com a qual nós tão amiúde compartilhamos tal festa" deverá ser omitida, caso o *Requiem* seja para um amigo/amiga que não sejam bruxos ou que não tenham sido membros do *coven*.

[3] Qualquer objeto de emprego ritualístico, que cumpriu sua finalidade e não será mais necessário para um trabalho posterior – especialmente como a tigela do *Requiem*, que esteve ligado a um indivíduo – precisa ser ritualisticamente neutralizado e eliminado; representa um ato irresponsável, além de poder ser perigoso, permitir a manutenção do objeto. O método da água corrente constitui um ritual de eliminação satisfatório e aprovado pelo tempo.

Oito Sabás para Bruxas

OITO SABÁS PARA BRUXAS é um livro que nasceu do amor e do comprometimento dos autores para com a grande mãe, difundindo de maneira séria e objetiva a maneira como se trilham as veredas secretas da Antiga Arte.

Janet e **Stewart Farrar** há mais de de dez anos estudam e praticam a bruxaria, sendo sacerdotes de um *coven* na Irlanda, onde os rituais expostos no presente livro foram criados. Rituais de extrema beleza e profundidade, que nos levam ao nascimento do paganismo e da tradição mágica ocidental.

Que cada bruxo que venha a lê-lo saiba beber desta taça e entender, nas entrelinhas, a mensagem oculta.

Edna Vezzoni

proprietária do Espaço Mistico Ancestral
e sacerdotisa do coven
Feiticeiras da Lua